

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Gedalias Silva

**PROFESSOR NO MUNDO HIPERMODERNO: atuação
de professores de português em *blogs***

Taubaté – SP

2015

Gedalias Silva

**PROFESSOR NO MUNDO HIPERMODERNO: atuação
de professores de português em *blogs***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto de Oliveira

Taubaté – SP

2015

**Ficha Catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema integrado de Bibliotecas - UNITAU**

S586p Silva, Gedalias

Professor no mundo hipermoderno: atuação
de professores de português em blogs./Gedalias
Silva. – 2015.

140f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2015.

Orientação: Prof. Dr. Carlos Alberto de Oliveira,
Departamento de Ciências Sociais e Letras

1. TICS. 2. Blogs. 3. Hipermodernidade. 4. Ensino da
Língua Portuguesa. 5. Formação de professore. I. Título.

Gedalias Silva

PROFESSOR NO MUNDO HIPERMODERNO: atuação de professores de português em *blogs*

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Data: 22 / 04 / 2015

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alberto de Oliveira

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Vania Moraes

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Sonia Maria Alvarez

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Carlos Alberto de Oliveira, pela dedicação, pela orientação e pelo aprendizado que adquiri sobre o uso das TIC em suas aulas no espaço físico da sala de aula e no espaço virtual de sua plataforma virtual de aprendizagem.

À Universidade de Taubaté e a todos os profissionais que proporcionaram uma formação acadêmica de qualidade.

Aos colegas de curso que contribuíram com suas experiências profissionais e pessoais nessa etapa de minha formação.

Aos ilustres professores que compuseram esta banca e que leram com dedicação este estudo, etapa final deste percurso tão importante em minha vida.

À *Antiga e Mística Ordem Rosacruz, A.M.O.R.C.*

O papel do professor tornou-se muito mais relevante a partir das novas exigências sociais e tecnológicas que demandam do aluno uma formação plena e abrangente. A evolução da ciência gerou novos conceitos científicos. A ciência milenar deixou de ser obra terminada e dogmática para se abrir ao dinamismo de novos conhecimentos. (WEBER¹, 2008, p. 56).

¹ Marly Maria Weber é professora e pedagoga. Com mestrado pela Universidade de Extremadura, na Espanha, ela atua, no Brasil, como consultora e assessora pedagógica.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como tema de estudo a atuação de professores de Língua Portuguesa em *blogs* no mundo hipermoderno. Parece que um novo perfil de professores pode ser observado por meio da linguagem e das estratégias que empregam no uso de *blogs*. Logo, uma delimitação desse novo perfil, em contraste com o perfil do professor tradicional da sala de aula fez-se necessária. O objetivo desta pesquisa foi verificar se os *blogs* de professores da área de linguagem atendem às necessidades dos aprendentes, adequando suas linguagens para o ambiente virtual. Isso se justifica pelo fato de ser um novo campo de atuação bem diferente da sala de aula, além de ser um ambiente que exige um perfil mais empreendedor. Com a virtualização das salas de aula em alta, a discussão gira em torno do que seria prioridade para o processo de aprendizagem dos estudantes e o que seria puramente interesse pessoal. Com isso em mente, formulou-se a pergunta de pesquisa: Ao atuar por meio de *blogs*, os professores se preparam o suficiente, observando as propostas de ensino de linguagem e adequando esta última para o universo digital, com uso adequado dos hipertextos, dos critérios de usabilidade e dos critérios de interatividade e de comunicação virtual? Este estudo foi fundamentado em autores das TIC (interatividade, usabilidade, elementos hipertextuais etc.), da Sociologia (hipermodernidade, sujeito hipermoderno etc.), da Linguística Aplicada (gêneros, comunicação, linguagem, língua etc.) e da Educação (formação de professores). Como apoio, documentos oficiais publicados pelo MEC foram consultados. Desse modo, além da pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica, optou-se pela metodologia de pesquisa quantitativo-qualitativa, útil para o desenvolvimento dessa pesquisa. Os resultados obtidos mostram que, entre as principais funções do professor e aquelas ações que apontam para um perfil mais empreendedor, esses professores já inovam, revolucionam e criam meios diferenciados para o seu agir. Talvez, o ponto fraco ainda resida no fato de os professores se encontrarem numa fase de transição da tecnologia, o que pressupõe ter algo por fazer.

PALAVRAS-CHAVE: TIC. *Blogs*. Hipermodernidade. Ensino da língua portuguesa. Formação de professores.

ABSTRACT

This research presents as a study theme the Portuguese language teacher's performance in the hypermodern world. It seems that a new teacher's profile can be observed through the language and strategies that employ in the use at blogs. Therefore, a limitation of this new profile, in contrast to the profile of the traditional teacher of the classroom became necessary. The objective of this research was to determine whether the language area of teacher blogs meet the needs of learners, adapting their language to the virtual environment. This is justified because it is a new and different playing field of the classroom, as well being an environment that demands a more entrepreneurial profile. With the classrooms virtualization for high, the discussion revolves around what would be priority for the learning process of students and would be purely personal interest. With that in mind, was formulated the research question: To act through blogs, teachers prepare enough, watching the language learning programs and adapting the latter to the digital universe, with proper use of hypertext, the usability criteria and the interactivity criteria and the virtual communication? This study was based on authors of TIC (interactivity, usability, hypertext elements etc.), Sociology (hypermodernity subject, hypermodern etc.), Applied Linguistics (genres, communication, language etc.), and Education (training teachers). This is supported by official documents published by the MEC were consulted. In this case, in addition to literature for theoretical reasons, we opted for the methodology of quantitative and qualitative research, useful for the development of this research. The results shows that among the main functions of the teacher and those actions that point to a more entrepreneurial profile, these teachers already innovate revolutionize and create different ways for your act. Perhaps, the weakness still lies in the fact that teachers are in the fact that teachers are in phase of transition technology, with requires having something to do.

KEYWORDS: TCI. Blogs. Hypermodernity. Teaching of Portuguese language. Formation of teachers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: MUNDO HIPERMODERNO	11
1.1 O que é o mundo hipermoderno?	11
1.2 A linguagem no mundo hipermoderno	14
1.3 A educação no mundo hipermoderno	29
CAPÍTULO 2: PROFESSOR NA HIPERMODERNIDADE	34
2.1 O que é um professor hipermoderno?	34
2.2 Professor Empreendedor	46
2.3 Qual é atuação do professor?	50
CAPÍTULO 3: O BLOG COMO MEIO DE ATUAÇÃO DOS PROFESSORES	55
3.1 O que é um blog enquanto suporte?	55
3.2 Estrutura e regularidade nos blogs	59
3.3 Operacionalização do blog enquanto ferramenta	70
CAPÍTULO 4: ANÁLISES DE <i>CORPUS</i>	81
4.1 Análise dos blogs	81
4.2 Considerações sobre as atuações dos professores em seus blogs	126
CONCLUSÃO	134
REFERÊNCIAS	137

INTRODUÇÃO

Apresente-se este estudo na forma de Dissertação, como parte da conclusão do curso de pós-graduação, para a titulação de Mestre em Linguística Aplicada. E, para a elaboração e o desenvolvimento desta Dissertação, escolheu-se como tema a atuação de professores em *blogs*, num contexto denominado Mundo Hipermoderno.

Este estudo fez-se necessário devido à popularização da aprendizagem de línguas via *Internet*. Surgiram os ambientes virtuais de ensino e de aprendizagem, e, com esses ambientes, parece que um novo perfil de professores pode ser observado por meio da linguagem e das estratégias que empregam no uso de *blogs*. Logo, uma delimitação desse novo perfil, em contraste com o perfil do professor tradicional da sala de aula fez-se necessária.

O objetivo desta pesquisa foi verificar se os *blogs* de professores da área de linguagem atendem às necessidades dos aprendentes, adequando suas linguagens para o ambiente virtual. Isso se justifica pelo fato de ser um novo campo de atuação bem diferente da sala de aula, além de ser um ambiente que exige um perfil mais empreendedor, isto é, mais eficiente para o sucesso da aprendizagem por meio da *Internet*. Sabe-se que já é uma realidade a virtualização das salas de aula. Em linhas gerais, a discussão gira em torno do que seria prioridade para o processo de aprendizagem dos estudantes e o que seria puramente de interesse pessoal. Termos como hiperconsumismo, hipercapitalismo e hiperindividualidade já podem ser compreendidos nessa nova realidade hipermoderna e modificam o modo de se olhar para o processo ensino-aprendizagem. Esse novo cenário causa o seguinte questionamento.

Ao atuar por meio de *blogs*, os professores se preparam o suficiente, observando as propostas de ensino de linguagem e adequando esta última para o universo digital, com uso adequado dos hipertextos, dos critérios de usabilidade e dos critérios de interatividade e de comunicação virtual?

Observar o que mudou no papel do professor, identificar quais suas características, compreender como a hipermodernidade influencia no processo ensino-aprendizagem e entender como o professor pode atualizar-se diante das ofertas de novos recursos tecnológicos para a educação; tudo isso é fundamental para que se obtenham respostas à pergunta inicial.

Desse modo, o objetivo geral se desdobra em objetivos menores, como: (i) caracterizar essa nova configuração do mundo hipermoderno, sua linguagem e seu novo modo de educar; (ii) identificar o perfil do professor como empreendedor; (iii) observar como funcionam as ferramentas oferecidas gratuitamente pelos provedores das plataformas de *blogs*, importantes para a atuação desses professores.

Para que esse estudo fosse apresentado, a Metodologia escolhida foi a pesquisa quantitativo-qualitativa, bem como uma pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica. Em relação à parte mais quantitativa, procedeu-se na busca de seis *blogs* e no levantamento estatístico de seus elementos constituintes, como quantidade de *hyperlinks*, de imagens, de propagandas, de medidas em centímetros, de *gadgets* etc. Esse levantamento, apresentado em tabelas, é importante para que se tenha em mente a organização e o nível de conhecimento do professor em relação ao uso de *blogs*. E, em relação à parte mais qualitativa dessa pesquisa, observaram-se os critérios de interatividade, de usabilidade, de adequação da linguagem e, por fim, observou-se, para uma breve comparação, a postura de professor prevista nos documentos oficiais e postura do professor enquanto empreendedor. Essa comparação ajudou a traçar os perfis desses professores, com o intuito de verificar se eles são empreendedores. A parte mais bibliográfica desta pesquisa foi necessária por causa do teor dessa pesquisa. Levantaram-se os conceitos específicos das TIC, como interatividade, usabilidade, empreendedorismo na *web*, bem como conceitos de elementos hipertextuais em *blogs*. Para que se pudesse compreender esse novo perfil de professor, um estudo sobre a hipermodernidade e sobre o sujeito hipermoderno fez-se necessário. A partir desses métodos de pesquisa, organizou-se esta Dissertação em quatro capítulos.

Tal organização se deu de forma que a Fundamentação teórica se distribui em três capítulos. No **Capítulo 1**, apresentam-se os conceitos de mundo hipermoderno, de linguagem hipermoderna, antecipada por um pequeno histórico dos conceitos de linguagem e do que seria a Educação na hipermodernidade. Tal capítulo é importante para a contextualização do ambiente em que atuam os professores. Por sua vez, o **Capítulo 2** foi organizado de modo que se possa entender o que é um professor hipermoderno. A partir daí, pode-se, também, compreender como atua um professor mais, ou menos, empreendedor. Observar seus modos de atuação é fundamental para que outros professores aprendam como atuar nos ambientes

virtuais com ética e com objetividade, proporcionando um processo educacional eficiente e coerente. Já, no **Capítulo 3**, buscaram-se informações sobre o funcionamento e sobre a estrutura dos *blogs*, lugares de atuação desses professores. Entender a regularização e a operacionalização dos *blogs* enquanto ferramentas que permitem um processo de ensino-aprendizagem altamente eficiente é fundamental para que possa observar o novo perfil de professor que surge, pois o mundo moderno, essencialmente industrial, já mudou para um mundo hipermoderno. Este capítulo é fundamental para entender o funcionamento dessas ferramentas poderosas no que diz respeito à interação e à interatividade. Acrescentando mais um capítulo, tem-se o **Capítulo 4**, no qual foram organizadas as análises e apresentados os resultados desta pesquisa. Ainda nesse quarto capítulo, apresentaram-se algumas considerações sobre as atuações dos professores em seus *blogs*. Esses procedimentos fizeram com que se chegasse ao objetivo proposto nesta pesquisa, respondendo satisfatoriamente à pergunta de pesquisa.

CAPÍTULO 1

MUNDO HIPERMODERNO

Apresenta-se, neste capítulo, o mundo hipermoderno e sua organização. Deste modo, pressupõe-se que, por existirem características específicas desse mundo, também deveria tê-las a linguagem na hipermodernidade.

A linguagem hipermoderna, com características mais fragmentadas, não lineares, e com elementos na forma hipertextual, é apresentada, neste capítulo, como parte constituinte das TIC, conforme será comprovado posteriormente.

Ainda no Capítulo 1, será apresentada a configuração da Educação nesse contexto novo, afinal, é nesse mundo hipermoderno que os professores atuam e que o processo educacional acontece. Ou, é esse novo mundo, hipermoderno, que influencia o processo educacional e a atuação dos professores.

1.1 O que é o mundo hipermoderno

Pensar o que é o mundo hipermoderno é, na verdade, pensar sobre sua organização e, conseqüentemente, pensar sobre o seu funcionamento. E são Lipovetsky e Serroy (2011, p.32) que apresentam tal organização. Para eles, esse novo mundo se organiza por meio da quatro hiper-segmentos: (i) hipercapitalismo, que é a força motriz da globalização financeira; (ii) hipertecnicização, que se configura num grau superlativo da universalidade técnica moderna; (iii) hiperindividualismo, que se concretiza num espiral do átomo individual, desprendendo-se das antigas coerções comunitárias; e (iv) hiperconsumismo, que é a forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil. Os autores afirmam que “É nessas condições que a época vê triunfar uma cultura globalizada ou globalista, uma cultura sem fronteiras cujo objetivo não é outro senão uma sociedade universal de consumidores.”. (2011, p. 32, grifo nosso).

Para esses estudiosos, a era pós-fordista reorganizou o modo das hierarquias. Agora, estas estão centradas na autonomia e nas responsabilidades individuais. O envolvimento subjetivo é necessário, junto com a polivalência, a reatividade e a iniciativa.

A partir dessas observações, percebe-se que o mundo hipermoderno já não é mais aquele mundo aparentemente estático, moroso, e espacialmente fixo. Em outras palavras, aquele mundo anterior, configurado como um lugar mais ou menos fixo, onde as pessoas tinham um lugar e podiam pensar numa carreira sólida e estável, com uma relativa permanência de funções e vida, já não o são mais. Parece que uma nova dinâmica se instaura com a hipermodernidade.

Comparando brevemente os quatro “hiper-segmentos” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011), com as suas equivalências relativas no mundo que o antecede, digamos “moderno”, temos o seguinte: o **capitalismo** era uma força motriz das finanças no planeta; e isso ditava, também, o modo de vida do professor. Em outras palavras, o professor visava ao seu ganho, sendo mais ambicioso ou não, conforme as regras capitalistas. Não se sabe ao certo, mas quantas greves foram feitas em prol de aumentos salariais? Em quantos desses movimentos foram propostos melhores planos de carreira de professores? E, quando tudo parecia finalmente pronto e agradável do ponto de vista financeiro, surge o **hipercapitalismo**, que nada mais é do que uma continuidade daquela força motriz das finanças, porém muito mais intensificada no que diz respeito ao consumismo, seja de bens materiais seja de informação.

Delimitando para este estudo, percebe-se que a questão, então, é outra, pois não se trata de o professor dividir-se entre o ganhar dinheiro e o cumprir sua missão. Na verdade, trata-se, conforme Lipovetsky e Serroy (2011), de um processo de “globalização”.

O problema é que há controvérsias sobre o conceito de **globalização**. Para alguns (HELD e MCGREW, 2001),

A globalização tem um aspecto inegavelmente material, na medida em que é possível identificar, por exemplo, fluxos de comércio, capital e pessoas em todo o globo. Eles são facilitados por tipos diferentes de infra-estrutura — física (como os transportes ou os sistemas bancários), normativas (como as regras do comércio) e simbólica (a exemplo do inglês usado como língua franca) — que criam as precondições para formas regularizadas e relativamente duradouras de interligação global. Em vez de falar de contatos ao acaso, a globalização se refere a esses padrões arraigados e duradouros de interligação mundial. (HELD e MCGREW, 2001, p. 11).

Logo, entende-se a globalização como algo mais estável e estático. Porém, para outros teóricos da **globalização** (BAUMAN, 1925/1999; LASTRES et tal, 1998), apesar de se pensar a globalização como um processo de massificação de tudo, essa ideia é equivocada, pois ainda persistem culturas, ideologias, etc. em âmbitos regionalistas. Lastres et tal (1998) afirmam que

a noção de globalização não apresenta consistência conceitual; tanto no que se refere ao verdadeiro significado do termo, quanto à extensão do processo em suas várias instâncias, uma vez que seus efeitos e impactos se fazem sentir de forma diferenciada em diversos segmentos dentro da própria esfera econômica, sejam estes financeiro, comercial, produtivo, institucional, tecnológico, etc. E para além de diferentes indicadores (que nos mostram, por exemplo, que cerca de 80% de toda a produção mundial ainda são consumidos nos países em que são produzidos; e que a poupança doméstica financia 95% da formação de capital), ressalta como distorção talvez mais flagrante a constatação de aumento nas barreiras ao deslocamento de pessoas, ou melhor trabalhadores. Trata-se de fato conhecido que alguns autores inclusive recusam-se a discutir o assunto, devido, não apenas, à sua inconsistência e ao modismo, mas principalmente ao conteúdo ideologicamente carregado do mesmo. (LASTRES et tal, 1998, p. 3).

Lastres et tal (1998) acrescentam, em nota, que um diretor do *Centre d'étude des Mouvements Sociaux* da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, de Paris, iniciara uma conferência na UFRJ sobre globalização, em 1996, mostrando que, no idioma francês, o termo “mundialização” é mais utilizado. Usam esse termo no lugar do termo “globalização”, por este último estar associado ao processo pós-queda do Bloco Socialista. Parece que “autores norte-americanos usariam-no [globalização] no sentido de difundir a idéia que o mundo (ou melhor, o mercado mundial) teria a partir de então se tornado um só, global”. (LASTRES et tal, 1998, p. 3).

Pode-se concluir que essa passagem da modernidade para a hipermodernidade é plausível do ponto de vista dinâmico, apresentado anteriormente, porém com uma intensificação do capitalismo que passou a ser visto como hipercapitalismo. Em outras palavras, com o aumento da estrutura para o nível global (ou mundial), a noção de espaço e de tempo também foi modificada.

Com toda essa mudança, é óbvio que aconteceria uma anabolização das técnicas, configurando o que Lipovetsky e Serroy (2011) denominaram como **hipertecnificação**, que nada mais é do que “um grau superlativo da universalidade da técnica moderna”. Isso exigiu muito, e exigirá constantemente, que os

profissionais tenham posturas de atualização constante, devido ao hiperconsumismo proporcionado nesse novo mundo. Novidades tecnológicas não param de surgir. Logo, novas técnicas são necessárias, assim como novos modos de se ver o mundo. Conforme pode ser verificado na atualidade, o processo de formação continuada, seja em qual área for, ela jamais parará, ou o profissional entrará em estagnação porque o mundo está em constante e contínua mudança, como sempre esteve. A questão é essa exponencial velocidade em que tais mudanças acontecem.

Esse assunto sobre formação continuada será visto posteriormente no *Capítulo 2*, quando for apresentado o estudo sobre o professor.

Durante o Século XX, o sujeito individual sempre esteve em foco, mas, é durante o Século XXI que se configura o **hiperindividualismo** e o **hiperconsumismo**, que contribuem na formação dos sujeitos hipermodernos. É uma febre consumista que toma a muitos com as constantes “atualizações” de celulares, *tablets*, modas, alimentação, automóveis, literatura, etc. Tudo sempre é atrativo e novo, enquanto tudo, paradoxalmente é rejeitado e velho. Até mesmo os relacionamentos procedem dessa forma. Obviamente, não se incluem todos nesse modo de visão do mundo hipermoderno. Afinal, ainda existem aqueles que resistem a essas mudanças, ou estas mudanças ainda não dominaram todos os âmbitos da vida, ou nem chegarão a dominar. Enfim, nada é categórico.

O próximo item será sobre a linguagem hipermoderna. Tal estudo é importante para se compreender que é nesse mundo hipermoderno que as pessoas atuam e se dão a conhecer por meio da linguagem, ou das linguagens, num ambiente multimidiático, cheio de imagens, textos, sons e movimentos. Mas, nessa transição do mundo moderno para o mundo hipermoderno, a linguagem também se modifica. Aliás, a linguagem se modifica tanto, e sempre, que diversos estudiosos desenvolveram teorias sobre a linguagem humana e os modos de comunicação.

1.2 A linguagem no mundo hipermoderno

Primeiramente, procedeu-se a um levantamento historiográfico dos conceitos de linguagem, para, posteriormente mostrar o conceito de linguagem no mundo hipermoderno.

Num de seus estudos sobre a linguagem humana, Fiorin (2003) afirma que:

É notável a semelhança observada nas explicações em epígrafe sobre a origem do mundo: embora formuladas em épocas remotas por sociedades bem diversas, associam a palavra — a linguagem verbal — ao poder mágico de criar. O fascínio que a linguagem sempre exerceu sobre o homem vem desse poder que permite não só nomear/criar/transformar o universo real, mas também possibilita trocar experiências, falar sobre o que existiu, poderá vir a existir, e até mesmo imaginar o que não precisa nem pode existir. A linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. (FIORIN, 2003, p. 11).

É fato que o mundo hipermoderno atualizou sua linguagem, assim como atualizara outros aspectos humanos já estudados anteriormente. E o que Fiorin (2003) disse também é válido para a hipermodernidade, afinal os sujeitos hipermodernos vivem numa sociedade mais globalizada e se comunicam de forma diferente daquela como se comunicava antes. Ou melhor, a atualidade apresenta uma transição interessante do ponto de vista comunicativo, pois formas diferentes de se comunicar coexistem saudavelmente. A prova está nos aplicativos como *WhatsApp* e nas redes sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, etc. Pessoas utilizam textos manuscritos, textos impressos e textos digitalizados para registrarem formal e informalmente dados, informações e até conhecimentos, além dos áudios curtos e dos vídeos instantâneos que servem como complementos para as mensagens, ou compõem integralmente as mensagens. Adaptando e empregando o adágio de Fiorin, temos: assim como não há sociedade hipermoderna sem linguagem, não há sociedade hipermoderna sem comunicação hipermoderna. Porém, faz-se necessária uma pausa para se fundamentar cientificamente o que é “linguagem”.

Começa-se observando que:

Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. Como realidade material — organização de sons, palavras, frases — a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, idéias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da

realidade social, histórica e cultural de seu falante. (FIORIN, 2003, p. 11).

Com esse pensamento de Fiorin (2003), entende-se que a linguagem precede o agir humano. Deste modo, o papel do professor de língua materna deve ter uma postura contrária àquela tão prescritiva. O professor deve sempre se colocar diante de algo vivo e mutável. É claro que a língua se estrutura dentro de um sistema mais ou menos estável, com suas regras e determinado por leis, como, por exemplo, no caso do Brasil, pelas *Normas Gramaticais Brasileiras*, que por sua vez estão de acordo com convenções internacionais. O papel do professor de língua não é engessar os seus aprendentes, mas sim mostrar-lhes que há técnicas específicas para cada modalidade comunicativa, assim como há uma linguagem específica para cada evento comunicativo na sociedade. E, no mundo hipermoderno, também há regras.

Desde a Antiguidade, diversos pensadores observaram a linguagem humana. E foi assim que **Franz Bopp** publicou, em 1816, um estudo linguístico comparativo entre sânscrito, grego, latim, persa e germânico, todas sendo línguas de lugares distantes, porém com semelhanças significativas. Esse estudo é considerado como origem da Linguística (FIORIN, 2003, p. 13). Mas a linguística passou por transformações importantes.

Fiorin (2003) comenta que essa descoberta sobre a semelhança linguística culminou no que se chamou de Linguística Histórica, pois, foi percebido que havia relações entre grande parte das línguas europeias, evidenciando, assim, uma relação de parentesco entre as línguas ali faladas. Com esse estudo, chegou-se ao que Fiorin apresenta como **método histórico-comparativo**. O linguista complementa dizendo que a Linguística não era autônoma, no sentido científico, pois dependia de outros aportes teóricos da lógica, da filosofia, da retórica, da história e até da crítica literária.

É o Século XX que modifica o modo de se estudar linguisticamente, pois, conforme Fiorin (2003), tal mudança levou os estudos linguísticos a um caráter mais científico, com “novos estudos linguísticos”, que estariam, a partir daquele instante, “centrados na observação dos fatos de linguagem”.

Saussure, um grande nome da linguística científica, percebeu que a linguagem era mais abrangente e multifacetada. Para ele, tal abrangência chegava aos domínios físicos, fisiológicos e psíquicos, além de pertencer aos domínios individual e social, como registra Fiorin (2003, p. 14). Ao estudar a linguagem humana, Saussure separou o estudo entre língua e linguagem, afirmando que a língua é "um sistema de signos", ou seja, "um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo" (FIORIN, 2003). Fiorin continua dizendo que, para Saussure, língua

é "a parte social da linguagem", exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade.

O conjunto linguagem-língua contém ainda um outro elemento, conforme Saussure, a fala. A fala é um ato individual; resulta das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua; expressa-se pelos mecanismos psicofísicos (atos de fonação) necessários à produção dessas combinações.

A distinção linguagem/língua/fala situa o objeto da Lingüística para Saussure. Dela decorre a divisão do estudo da linguagem em duas partes: uma que investiga a língua e outra que analisa a fala. As duas partes são inseparáveis, visto que são interdependentes: a língua é condição para se produzir a fala, mas não há língua sem o exercício da fala. Há necessidade, portanto, de duas Lingüísticas: a Lingüística da língua e a Lingüística da fala. Saussure focalizou em seu trabalho a Lingüística da língua, "produto social depositado no cérebro de cada um", sistema supra-individual que a sociedade impõe ao falante. (FIORIN, 2003, p. 14).

Estruturalmente, para Saussure (MARQUES, 2011, 36), a língua funciona de forma psíquica e incorpórea, compondo-se de unidades menores com significados. Tais unidades, denominadas "signos linguísticos", se unem para terem diversos significados, assumindo determinada forma. Os "signos linguísticos" são formados pela junção do **significante**, que é a imagem acústica, com o **significado**, que é o conceito. Logo, os **signos** não são junções de palavras com as coisas às quais se referem, sendo apenas a junção de elementos mentais. A partir desses argumentos, tem-se que uma palavra pode ter mais de um signo. Exemplo: casa → /kaza/ → a) tipo de habitação humana; b) parte constituinte de uma roupa que se fecha com botão. Percebe-se que a imagem acústica e a palavra a que se refere essa imagem são as mesmas, tanto para a habitação quanto para o acessório da roupa. Assim,

devido às contribuições riquíssimas de seus estudos linguísticos, Ferdinand de Saussure é considerado o “Pai da Linguística”. (MARQUES, 2011).

Outro teórico renomado foi o professor do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*)², Ayram Noam **Chomsky**. Linguista e filósofo norte-americano, Chomsky é uma grande referência por conta de seus estudos da linguagem humana. Ele afirma que dentro do ser humano já existe uma gramática natural. Ele acredita que algumas propriedades da língua, tão complexas e específicas, não poderiam ser aprendidas por crianças a partir do nada (FIORIN, 2003, p. 15). Para Chomsky, a criança era responsável por acionar essas propriedades gramaticais durante o processo de aquisição da linguagem, sendo a linguagem em si inata e transmitida geneticamente. Vejamos:

Um olhar cuidadoso sobre a interpretação de expressões revela bem rapidamente que desde os primeiros estágios a criança sabe muito mais do que aquilo que lhe foi fornecido pela experiência. Nos momentos de pico do crescimento da língua, uma criança está adquirindo palavras numa velocidade aproximada de uma por hora, com exposição extremamente limitada e em condições grandemente ambíguas. (CHOMSKY, 1997, p. 54 apud MARQUES, 2011, p. 42).

Do ponto de vista da estrutura profunda, para o linguista norte-americano, uma frase como “meu avô faleceu” poderia apresentar “níveis diferentes de desempenho” como “o pai de meu pai faleceu”, “meu avô morreu” e/ou “o pai de meu pai morreu”. (MARQUES, 2011, p. 39). Isso ilustra aquela ideia de que estruturas profundas jazem inatas no sujeito, podendo este escolher o melhor modo de uso da linguagem. Embora, em Chomsky, tudo seja muito estrutural e hereditário, ele contribuiu muito para se entender a criatividade do sujeito falante, conforme argumenta Marques (2011, p. 39). Este continua argumentando que “A intuição do falante permite trabalhar no desenvolvimento do raciocínio lógico e na capacidade de formulação de sentenças, em especial, no ensino de escrita e redação. (MARQUES, 2011, p. 39). Para Chomsky (1978, p. 98 apud MARQUES, 2011, p. 40 e 41), “a ordem natural das palavras *não* reflete a ordem dos pensamentos”; e seus estudos tinham enfoque ao nível da frase, compreendendo uma gramática da Fonologia, da Sintaxe e da Semântica, conforme demonstrou Marques. Este afirma

² Conforme se lê em <<http://www.infoescola.com/biografias/noam-chomsky/>> Acesso em 23 Nov. 2014.

que é possível compreender os processos mentais em Chomsky como se fossem processos computacionais, devido à visão estrutural do uso da língua (MARQUES, 2011, p. 43).

Conforme a Linguística avança, surgem estudos que consideram mais do que frases no que diz respeito à linguagem humana. Um dos estudiosos que assim o considera é **Benveniste**. Este importante linguista apresenta muito de Saussure em suas teorias. Saussure deixa clara a diferença entre língua e linguagem, pois há uma relação entre elas, conforme expõe Severo (2013, p. 83). A língua é um instrumento para o emprego da linguagem, sendo esta uma faculdade humana. Fica claro que a língua funciona em função da linguagem. Por um lado, para Saussure (2004), “o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional”, e o “pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta”. (SAUSSURE, 2004, p. 130 apud SEVERO, 2013, p. 83). Por outro, para Benveniste (2005), o pensamento está ligado à capacidade humana e às suas condições culturais e sociais. Para Benveniste, a língua é “uma estrutura enformada de significação”, enquanto o pensar é usar habilidosamente os símbolos da língua. (BENVENISTE, 2005 apud SEVERO, p. 88). Diferentemente de Chomsky, que tratava a linguagem humana no nível frasal, Saussure e Benveniste pensavam que aquele objeto de estudo chomskyniano nada mais seria do que a forma organizada do que realmente o ser humano pensa, podendo, assim, ser comunicado.

A partir deste momento, é que a Linguística vai incluir o sujeito como responsável do ato comunicativo em si, deixando de lado inclusive o que Chomsky propunha como gramática natural, inata no sujeito. É válido lembrar que seus estudos contribuíram muito para os estudos linguísticos, mas eram limitados. E foi em Bakhtin que se configurou o uso da linguagem como ato social em si, consagrando os estudos dos gêneros discursivos³. Desse modo, pode-se compreender **Bakhtin** (1979/1997), que diz ser o sujeito um interlocutor a partir das enunciações; afinal, nada do que se diz é novidade, pois já fora dito anteriormente e, certamente o será posteriormente. Para Bakhtin,

³ Apesar de se encontrar autores que utilizam a expressão “gêneros textuais”, preferiu-se, neste estudo a expressão “gêneros discursivos”.

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. A idéia simplificada que se faz da comunicação, e que é usada como fundamento lógico-psicológico da oração, leva a evocar a imagem desse Adão mítico. Na mente do locutor encontram-se associadas duas representações (ou melhor, é o inverso: uma representação complexa se divide em duas representações simples), e o locutor profere orações do tipo: “O sol brilha”, “A grama é verde”, “Estou sentado”, etc. Tais orações são totalmente possíveis, mas ou são fundamentadas e pensadas através do contexto de um enunciado completo que as faz participar da comunicação verbal (como réplicas de diálogo, artigos de vulgarização científica, discurso do professor dando aula, etc.), ou são enunciados completos e se encontram, de um modo ou de outro, fundamentadas por uma situação discursiva que as insere na cadeia da comunicação verbal. Na realidade, como já dissemos, todo enunciado, além do objeto de seu teor, sempre responde (no sentido lato da palavra), de uma forma ou de outra, a enunciados do outro anteriores. (BAKHTIN, 1979/1997, p. 320).

Agora, percebe-se a linguagem como algo bem maior do que o próprio sujeito, afinal, não é apenas ele o responsável pela própria linguagem. Trata-se de algo mais social, mais amplo, mais do que simples palavras colocadas em frases estruturadas num discurso.

Indo mais além, têm-se outros estudiosos da Linguística, como **Pêcheux**, da Análise do Discurso Francesa (ADF). Diferente dos estudos bakhtinianos, estudos feitos na área da ADF tratam do discurso e não do texto. Daí uma importante diferença. São os discursos atravessados por outros discursos, dando-lhes um caráter de heterogeneidade. Em Bakhtin, temos o “dialogismo”, que nada mais é do que a noção de um texto apresentar outros textos, pois nada mais é puro. De certa forma, é a mesma noção que existe em relação com os discursos, porém a teoria é outra. Na ADF, o sujeito não é o ser atuante e consciente na linguagem. Tal sujeito encontra-se “assujeitado” pelo discurso, fazendo com que a linguagem o preceda no ato comunicativo. Orlandi (1998) afirma que, para Pêcheux (1975), a “formação discursiva é o ‘lugar das construções do sentido’”, pois

as formações discursivas representam, na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhes correspondem. É a formação

discursiva que determina o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada. Isso significa que as palavras, expressões etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (ORLANDI, 1988, p. 108).

Orlandi (1988) mostra que a formação discursiva é heterogênea em relação a si mesma, devido a um “deslocamento contínuo em suas fronteiras discursivas”, já que não se pode isolar um discurso dos outros discursos. Cada formação discursiva vai variar na articulação com as ideologias, o que poderia apresentar, nesse caso, diferenças entre os sentidos produzidos nos discursos religiosos, jurídicos, políticos entre outros, e, também, nuances de um discurso no outro, dependendo do contexto sócio-histórico e da condição da formação discursiva. Compreendendo essas informações, podemos afirmar que o indivíduo que testemunha um fato nunca o reproduzirá como este realmente o foi, pois, conforme a Linguística e a ADF, tal indivíduo está condicionado a vários discursos.

Com esse pequeno arcabouço linguístico sobre o conceito (ou conceitos) da **linguagem**, e para se pensar no tipo de linguagem que os professores utilizam em seus *blogs*, para atingirem seus respectivos públicos virtuais, passou-se ao estudo resumido dos conceitos sobre **linguagem hipermoderna**. Com esse estudo, poderá ser compreendido como os conteúdos são disponibilizados na *Internet*. Mas, antes de se entrar no estudo da linguagem hipermoderna, será feita uma apresentação do que vêm a ser **dado**, **informação** e **conhecimento**, para que fique claro que o ambiente virtual é um pouco mais complexo que o ambiente gráfico impresso, deixando claro a existência da particular complexidade deste último.

Compreender a diferença entre dado, informação e conhecimento é fundamental para o professor que atua por meio de *blogs*, pois seu ambiente de atuação utiliza dados para funcionar, oferecendo informações para que o ser humano construa seus conhecimentos pela interação.

Setzer (1999, p. 1) definiu **Dado** como “uma sequência de símbolos quantificados ou quantificáveis”. O autor afirma, de imediato, que um *texto* é um *dado*, pois todos os seus elementos constituintes podem ser quantificados: letras como símbolos, imagens, sons e animações. Ainda, ele acrescenta que muitas pessoas podem ter dificuldades com um texto, justamente por este se apresentar apenas como um conjunto de dados. Um indivíduo não leitor teria apenas um

conjunto de símbolos, enquanto um indivíduo leitor teria, diante de seus olhos, um conjunto de dados interpretados, o que constitui em informações. Deduz-se que, se um texto compõe-se por símbolos, logo estes símbolos são quantificáveis e armazenados em computador. Portanto, um *texto* é também armazenável em computadores. Setzer (1999) complementa sua definição assim: “um dado é necessariamente uma entidade matemática e, desta forma, puramente *sintática*” (grifo do autor). E, “os dados podem ser totalmente descritos através de representações formais, estruturais”. Assim, o pesquisador deixa claro que um texto pode ser manipulado num computador, permitindo que um trecho se ligue a outros trechos desse mesmo texto ou ainda de outros textos, o que acontece com os *hipertextos*. Parece que essa é um conceito específico de texto, já que *texto*, do ponto de vista linguístico seja mais amplo e profundo.

Quanto à **Informação**, tem-se que esta seja uma abstração informal, que, para Setzer (1999, p. 2) “não pode ser formalizada através de uma teoria lógica ou matemática”. Para o autor, essa abstração informal representaria algo significativo por meio daqueles dados quantificáveis na forma de textos, imagens, etc. Setzer deixa claro que não se trata de definição. Ele enfatiza essa afirmação destacando as palavras que utiliza para tal argumentação: “algo”, “significativo” e “alguém”. Ou seja, palavras generalizantes. Quanto ao uso, Setzer (1999) comenta que uma *informação* jamais poderá ser processada em computadores, pois essa informação deverá ser reduzida a dados para ser quantificado pela máquina. A partir de um exemplo prático, pense-se que se fosse uma qualificação de algo, como o sabor de um café... Ao se perguntar a alguém sobre seu sabor, esse alguém diria *ruim, bom, muito bom, ótimo, maravilhoso*, etc. Porém, num computador, tais informações poderiam ser quantificadas em formas de dados, apresentando-se como uma escala, digamos de 1 a 5, sendo que cada número corresponderia a cada adjetivo previsto para aquele café. Logo, conforme explica Setzer (1999), “essa representação pode ser transformada pela máquina”, mas não poderá ser significada por esta máquina.

Setzer (1999, p. 2) afirma que os **Dados**, desde que inteligíveis, são sempre incorporados pelas pessoas como informação, pois tais pessoas estão sempre em busca de “significação e entendimento”. A título de exemplificação, veja o seguinte raciocínio.

Ao se ler num jornal qualquer a notícia “*Pão sobe 35%, em São Paulo.*”,

Aquele que ler entenderá entre diversos significados como:

Pão fica mais caro.

Isso é um absurdo!

E nos outros Estados também?

O pão custava R\$9,00 o quilo, e agora custará R\$12,15.

Ainda, alguém poderia, num ato de revolta contra o Governo, ou algo do tipo, afirmar:

Isso é um roubo! Onde esse país vai parar?!!!

É neste momento que Setzer (1999) entra numa questão semântica. Ele faz a seguinte distinção: Dado é puramente sintático, enquanto Informação é semântica. O autor conclui que é impossível introduzir semântica no computador.

É fato que existem computadores com Inteligência Artificial e que aprendem como se fossem humanos, mas isso é o senso comum. Setzer deixa claro que isso vai além do senso comum e que as pessoas fazem um mau uso da expressão “Linguagem de programação”, utilizada em computadores:

Se examinássemos, por exemplo, o campo da assim chamada “semântica formal” das “linguagens” de programação, notaríamos que, de fato, trata-se apenas de sintaxe expressa através de uma teoria axiomática ou de associações matemáticas de seus elementos com operações realizadas por um computador (eventualmente abstrato). De fato, “linguagem de programação” é um abuso de linguagem, porque o que normalmente se chama de linguagem contém semântica. (Há alguns anos, em uma conferência pública, ouvimos Noam Chomsky – o pesquisador que estabeleceu em 1959 o campo das “linguagens formais” e que buscou intensivamente por “estruturas profundas” sintáticas na nossa linguagem e no cérebro –, dizer que uma linguagem de programação não é de forma alguma uma linguagem.) Outros abusos usados no campo da computação, ligados à semântica, são “memória” e “inteligência artificial”. Estamos em desacordo com o seu uso porque nos dão, por exemplo, a falsa impressão de que a nossa memória é equivalente em suas funções aos dispositivos de armazenamento computacional, ou vice-versa. (SETZER, 1999, p. 3).

Desse modo, é certo que tudo o que é encontrado num computador, para as pessoas tratam-se de informação, ou até de dados, caso haja alguém levantando estatísticas. Porém, o fato é que para a maioria dessas pessoas, o que elas veem

são informações numa tela, enquanto que, para os computadores, tais informações não passam de dados. Tais pessoas buscam informações sempre com um propósito: adquirirem novos conhecimentos: populares, científicos, religiosos, políticos, etc. Assim, finaliza-se este item, e passa-se ao estudo do que Setzer apresentou sobre o Conhecimento.

Com as definições de Dado e de Informação, sendo a desta última mais uma caracterização, passou-se à caracterização do **Conhecimento**, proposto por Setzer (1999):

Conhecimento é uma abstração interior, pessoal, de alguma coisa que foi experimentada por alguém.

[...], o conhecimento não pode ser descrito inteiramente – de outro modo seria apenas dado (se descrito formalmente e não tivesse significado) ou informação (se descrito informalmente e tivesse significado). Também não depende apenas de uma interpretação pessoal, como a informação, pois requer uma vivência do objeto do conhecimento. Assim, quando falamos sobre conhecimento, estamos no âmbito puramente subjetivo do homem ou do animal. Parte da diferença entre ambos reside no fato de um ser humano poder estar consciente de seu próprio conhecimento, sendo capaz de descrevê-lo parcial e conceitualmente em termos de informação, [...]. (SETZER, 1999, p. 3, parênteses do autor, grifo nosso).

Setzer acrescenta que o conhecimento não pode ser inserido num computador por ser esse conhecimento uma experiência humana, e por esse conhecimento não ser quantificável. Isso porque o computador só funciona a partir de uma “base de informação”, que pode ser processada e transformada em conteúdo, que se compõem do chamado “banco de dados”.

O autor conclui sua caracterização apresentando os conceitos da Linguística Textual. Para ele, a Informação está associada à *Semântica* e o Conhecimento está ligado à *Pragmática*. Desse modo, percebe-se que o Conhecimento está mais para as coisas existentes das pessoas que as experimentam, enquanto que a Informação está mais para aquilo que elas leem, ou ouvem, nas interações humano-humano, ou humano-máquina. Essa Informação pode ser apenas um conjunto de Dados para essa máquina, pois, conforme argumentara o autor, são os humanos que vivem em busca de significações e são estes que constroem seus conhecimentos a partir de suas experiências mais subjetivas.

Sintetizando, tem-se uma comparação feita por Setzer (1999, p. 5) entre Dado, Informação e Conhecimento. Isso é interessante para este estudo sobre a atuação do professor em *blogs*. **Dado** está mais centrado no *objeto*, pois não depende do usuário. A **informação** está entre o *objeto* e o *sujeito*, com uma descrição mais objetiva, porém com significados que dependem mais dos usuários. Finalmente, tem-se o **conhecimento**, que está mais centrado no *sujeito*, pois sempre existirá a partir da experiência única de cada usuário. Com essas relações em mente, conclui-se que **dados** estão mais relacionados com os computadores; **informações**, relacionadas, em certa medida, entre humanos e computadores, transitando entre os dois; e **conhecimentos**, estritamente relacionados com o ser humano.

A partir dessas informações, percebe-se que, quanto mais próximo da experiência humana, mais pessoal é tal experiência. Porém, quanto mais próximo da “experiência” da máquina, se é que uma máquina seja capaz de experimentar, mais impessoal é tal experiência. O interessante é que há um movimento de aproximação e, conseqüentemente, de distanciamento entre sujeito e tecnologia, ao se fazer uma leitura num computador qualquer. Estabelece-se, aqui, um paradoxo, afinal, essa mesma tecnologia é produzida, por seres humanos, para seres humanos.

Passando aos estudos da **linguagem na hipermodernidade**, propôs-se compreender como funciona a linguagem nos ambientes virtuais.

Exemplificando, se partisse da ideia de um *site* direcionado a um público mais formal, como universidades, imprensa (alguns tipos se diferem bem!), etc., certamente a linguagem teria um registro mais formal. Caso fosse um *site* de fofoca ou de entretenimento, a linguagem poderia ser mais informal, como se vê nos portais: *Yahoo!*, *MSN*, etc.

Tradicionalmente, o ensino da língua portuguesa está relacionado diretamente com a variação mais formal da língua. E isso faz com que diversos cientistas tenham divergências entre si, pois uns defende mais a estrutura e as normas gramaticais, enquanto que outros defendem as variações linguísticas, porém sem excluir aquela formalidade da língua. Essa variação é percebida em diversos ambientes, conforme explica Zilberman (2009). Para ele,

O uso da escrita data do quarto milênio antes de Cristo, quando os sumérios começaram utilizar um sistema que os ajudasse a memorizar e contabilizar o movimento dos bens e acarretou a fixação e preservação dos textos, cuja utilização supunha um aprendizado. Assim, o aparecimento da escrita decorre de uma necessidade prática, mas seu uso é reservado a uma casta, e sua natureza, considerada sagrada. (ZILBERMAN, 2009, p.3, grifo do autor).

Destacou-se que a importância da escrita já estava ligada aos registros de bens materiais, algo que ainda se faz muito. Porém, o que chama a atenção é o fato de haver uma elitização da língua, conforme se lê no trecho sublinhado. Continuando, percebeu-se que a importância do registro escrito não era somente para controlar os bens, mas também para o registro da memória e da cultura. A autora mostra sinteticamente e com eficiência todo esse percurso:

Mesmo antes da difusão da leitura entre as diferentes classes sociais, o que ocorre primeiro entre os gregos e, depois, entre os romanos, é a tradição escrita, e não a transmissão oral, que afiança a vários povos a permanência, ao longo do tempo, de sua cultura e de sua identidade.

[...]

Com o passar do tempo, a difusão da escrita acompanhou-se da multiplicação dos suportes que garantiam seu registro: com tabuletas de argila, madeira, pedra, pergaminho, papel, disco rígido, CD e *pendrive*, [...]. (ZILBERMAN, 2009, p.3).

Com isso, deduz-se que sempre houve e sempre haverá mutabilidades nas formas de registros escritos, conforme a tecnologia disponível para o ser humano. Afinal, “a escrita muda através do tempo”. E isso é importantíssimo para a compreensão deste estudo, pois a discussão é sobre o perfil desse novo professor que atua em ambientes virtuais, mas também sobre o modo como esse mesmo professor vê a leitura de seus pressupostos alunos à distância, inclusive a sua própria forma de ler nesses ambientes.

Enfim, Zilberman (2009) argumenta que as práticas de leitura sempre se transformam conforme as classes sociais, as faixas etárias, os gêneros — Não ficou claro se a autora se referia aos gêneros masculino e feminino ou aos gêneros textuais. Ela ainda acrescenta que as mudanças nos suportes também influenciam os modos de se ler. Enfim, “A leitura sempre depende do olhar de um leitor.”, enfatiza a pesquisadora.

Com isso, percebe-se que, independentemente da época, sempre, num texto escrito, haverá um pouco do novo, mas também haverá um pouco do antigo, pois sempre estamos em mudanças. Zilberman afirma que textos como, por exemplo,

jornais *on-line* não escapam à confirmação da unidade própria à leitura, reiterando sua natureza, por mais distintas que sejam ou tenham sido práticas de ler. Pressupõe-se, pois, que a leitura não corre riscos, quando se transporta a escrita do papel para o meio digital. (ZILBERMAN, 2009, p. 5).

Em relação à expansão da tecnologia, Zilberman argumenta que as telas, os teclados, os *mouses*, incorporaram o novo. E isso excluiu, conforme a própria pesquisadora, a produção artesanal, que era valorizada em círculos específicos de produtores de livros. Logo, entende-se que há um processo de descaracterização dos suportes de leitura tradicionais, como livros, jornais, revistas, entre outros. Agora, estes dão lugar aos suportes mais, ou menos, híbridos e virtualizados. É fato que aqueles suportes tradicionais continuam a existir, mas é certo que serão cada vez mais escassos. Zilberman (2009, p. 5-6) afirma que “não se trata de uma opção; livros e computadores não se excluem, nem o PC põe necessariamente em risco o universo do livro [...]”.

Passando especificamente para o suporte digital, e para a **linguagem hipermoderna**, tem-se que este suporte seja composto de códigos diversos, para que possa apresentar toda a sua funcionalidade. A experiência com a escrita passa do arranhar o papel com um simples lápis para um deslizar de dedos sobre uma tela sensível ao toque, navegando por *links* e *hiperlinks*, etc.

Outro fator é a possibilidade de a variação mais formal da língua se mesclar constantemente com uma variação menos formal, talvez por influência da oralidade, talvez por influência do novo sistema comunicativo, mais aberto e menos rígido. Zilberman apresenta a mesma ideia, porém da seguinte forma:

[...] a correspondência eletrônica, que se vale da escrita, mescla o diálogo informal próprio da oralidade e geralmente ancorado na proximidade entre os falantes com um modo de comunicação mais característico da literatura, em especial da narrativa. Com efeito, neste gênero, um narrador pode tratar seu leitor, sem nunca tê-lo visto ou identificado, como alguém familiar e a quem revela sua intimidade. Além disso, como se incentiva a adoção de pseudônimos,

a ficção fica liberada das amarras que a prendem à realidade, alcançando *status* emblemático no campo da criação em meio digital.

O destinatário de mensagens eletronicamente transmitidas não é um receptor passivo. Ao contrário do leitor gutenberguiano, o internauta pode captar várias mensagens concomitantemente, ao operar com janelas simultâneas, que escolhe voluntariamente. Por sua vez, as janelas mesclam elementos verbais e visuais, estimulando a capacidade de percepção e atenção do destinatário. (ZILBERMAN, 2009, p. 8).

Oliveira (2006, p. 136) corrobora com essa posição, ao afirmar que “O texto escrito na mídia impressa permite uma ‘navegação’ pelas suas partes sem que percamos o sentido do todo”. Ou seja, pode-se recorrer a páginas anteriores (ou posteriores) sem que se perca de vista a página vigente. Para ele, no texto da mídia computacional o procedimento deve ser outro: “na mídia computacional [o texto] não é para ser ‘lido’ (como na mídia impressa), mas sim, ‘visto/ouvido’ (como nos de propaganda, por exemplo)”. Outra informação importante de Oliveira (2006) reside no fato de essas novas mídias pedirem um tipo de apresentação diferente daquela do texto impresso. Em suas palavras,

é, no mínimo, uma impropriedade usar a tela do computador apenas como página de livro, sem um devido e aprofundado estudo em todas as suas instâncias. É patente também que a produção escrita na/para tela do computador não deve ser tratada como a produção escrita pelos métodos convencionais. Para tanto, o texto escrito, se houver, deveria ser essencial e conciso, com conteúdo diverso do já existente na mídia impressa. Deveriam, ainda, ser acompanhado de texto falado, sons, cores, movimentos, etc., caracterizando o uso dos recursos multimídia, postos à disposição do processo de ensino-aprendizagem. (OLIVEIRA, 2006, p. 143).

Observando diversas páginas da *web*, percebe-se o quanto as pessoas ainda não deram conta de que ainda procedem numa escrita para material impresso. Isso se dá por conta da transição pela qual ainda passamos. Também, é visível que muitos já migraram para o audiovisual e para o hipertextual.

Enfim, de Saussure a Pêcheux, do signo ao discurso, do papiro ao *site*, nada mais há do que uma constante mudança no modo de agir e no modo de se pensar a linguagem humana. Essa mudança continuará, e cabe aos professores adequarem-se para o correto uso das ferramentas que têm à mão. Conseqüentemente, essas mudanças afetam diretamente o processo educacional, afinal a futura (e a já

presente) clientela são pessoas que interagem no mundo hipermoderno. Cabe às autoridades educacionais se adequarem a um novo ambiente, conforme será visto a seguir.

1.3 A educação no mundo hipermoderno

Neste subitem, será vista a organização da Educação no mundo hipermoderno por meio da observação do futuro dos sistemas de educação e de formação na chamada cibercultura.

Verifica-se que há uma mutação rápida e, diga-se, até violenta, pois os professores parecem não acompanhar tal mudança. Isso é evidente quando se pode comprovar na prática docente uma obsolescência até mesmo antes de se formar. É uma velocidade vertiginosa que toma conta do atual contexto sócio-histórico em que atuam os professores. Conforme Lévy (1999, p. 157), a maior parte das competências estará num estado de obsolescência próximo do fim das carreiras. Ele pensa assim em relação a todas as profissões, porém, neste estudo, pensa-se na profissão dos docentes. E o professor também sente isso na prática. É só observar a velocidade como os alunos se comunicam via *Facebook*, via *WhatsApp*, entre outras redes sociais.

Lévy argumenta, em relação às novas formas de acesso à Informação, e também aos novos estilos de raciocínios e de conhecimento, que

O ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memórias (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). Essas tecnologias intelectuais favorecem:

— novas formas de acesso à informação: navegação por hiperdocumentos, caça à informação através de mecanismos de pesquisa, *knowbots* ou agentes de software, exploração contextual através de mapas dinâmicos de dados.

— novos estilos de raciocínio e de conhecimento, tais como a simulação, verdadeira industrialização da experiência do pensamento, que não advém nem da dedução lógica nem da indução a partir da experiência. (LÉVY, 1999, p. 157, grifos nossos).

E ele tem razão. Parece que (principalmente em relação à informação grifada)

os alunos já não se dispõem a acompanhar mais esses pensamentos mais lineares, tão enraizados na cultura escolar tradicional. Embora não seja o foco, não se diz aqui que esse tipo de raciocínio não seja mais importante... Pelo contrário, ele é muito importante tanto no ambiente físico quanto no ambiente virtual.

Até os livros didáticos apresentam uma diferença significativa em relação às diagramações mais antigas, se compararmos os livros de diferentes épocas. Finalmente, as estruturas das páginas da *internet* passaram a influenciar significativamente o material impresso, pelo menos no que diz respeito à diagramação.

E Lévy (1999) já pensava tudo isso há uma década e meia. Hoje, evidentemente, tais informações ainda fazem sentido, porém com um significado mais atualizado, por conta de uma tecnologia já diferenciada em relação àquela de 15 anos atrás. O *Android*⁴ está aí para comprovar, seja nos *smartphones*, seja nos *tablets*.

Assim, a partir da noção sobre o “saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva”, Lévi (1999, 158) apresenta o que seria o novo papel do professor: favorecer uma aprendizagem personalizada e uma aprendizagem coletiva em rede. Assim, conforme o autor, “o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos”.

No mundo hipermoderno, ou o professor realmente atua empreendendo da forma acima ou seria apenas um fornecedor direto de conhecimento ou esse animador de que fala Lévy (1999, p. 158).

Lévy (1999) acrescenta que, na rede mundial de computadores, também conhecida como *World Wide Web* (traduzido como “Rede de alcance mundial” e conhecida como *www*), uma *webpage*, ou site, nada mais é do que uma “gotícula” de um todo.

Pensar a partir desse ponto de vista permite também pensar na (in)significância do conteúdo que um professor disponibiliza na Teia mundial. O professor não deve mais supervalorizar o que sabe (e que pretende “transmitir”),

⁴ **Android SO** é um sistema operacional para tablets e smartphones, que permite aos usuários o uso de aplicativos, nos quais a interação se dá por meio de toques na tela e por sobreposição de imagens.

mas sim compartilhar o que já existe, de forma a facilitar o aprendizado de seus alunos.

Assim, do ponto de vista da alienação pelo trabalho, deve-se pensar sobre o trabalho em si, para que se compreenda o papel do professor não mais como produtor do conhecimento alheio, e sim como aquele que prepara o aprendente para seu trabalho intelectual. O autor escolhido para se compreender a “alienação” pelo trabalho foi Codo (1986), por estar mais próximo do que se pretendeu nesse estudo.

Por meio de um exemplo simples e eficiente, Codo (1986, p. 11-15) no apresenta uma parceria entre duas pessoas para a construção de uma simples banqueta. Nessa tarefa aparentemente simples, e nada intelectual, as duas pessoas se depararam com a primeira parte, a matéria prima: madeira. Onde encontrá-la? Como adquiri-la? Como processá-la? Codo (1986) explica que “o trabalho aparece primeiro como um veículo de comunicação entre os homens”. Esse fator é importantíssimo, pois, conforme o autor, não se poderia trabalhar sem que se interagisse com o outro. Para ele, depois dessa relação, aquelas pessoas já se transformaram, pois, dali em diante, existem “novos verbos, novas imagens, novos conceitos, outra consciência, novas relações com o outro” (CODO, 1986, p. 12). Logo, é através do trabalho que o homem se iguala e se diferencia de si mesmo e do outro constantemente. E o que dizer do professor que atua em *blogs*? Seria um proceder em que este professor contribua para que a linguagem, a Educação e o próprio professor saiam daquele mundo moderno, industrial, e se encontrem neste admirável mundo hipermoderno?

Até agora, o raciocínio foi apenas sobre a aquisição da matéria prima. Porém, passa-se, agora, ao raciocínio sobre quais as melhores ferramentas para se construir aquela banqueta, exposta no raciocínio de Codo (1986). É outro momento bem distinto. Codo afirma que “o instrumento de trabalho é um meio de exercício da atividade, mediador entre o homem e a natureza, uma extensão de seu braço.” Conforme ele, uma pessoa criou o serrote, o martelo, o formão, etc. Logo, outra pessoa é, necessariamente, importante para o trabalho daqueles artesãos que resolveram construir uma banqueta. Estabelecendo uma comparação com a situação entre professor e aqueles que criaram as ferramentas presentes nos *blogs*, fica visível tal relação.

Parece que o horizonte dos dois artesãos se amplia sem que se deem conta

disso. E é aqui o ponto importante. Tanto lá no mundo moderno, industrial por natureza, quanto aqui, no mundo hipermoderno, a relação do homem com o trabalho é a mesma.

Continuando, quando Codo (1986, p. 9) afirmou que o trabalho e a história estão diretamente relacionados entre si na vida do homem, isso se comprova com o raciocínio acima, mesmo que algumas pessoas não param para raciocinarem sobre esse fato. Não param por causa da alienação que o trabalho causa? Ou não param por que isso simplesmente não é importante? Fica difícil quando se observa isso de dentro.

O professor acaba caindo no que Oliveira (2011, p. 127) demonstra como “paradoxo do observador”, proposto por Einstein. Uma pessoa observa um determinado sistema de fora, mas não se dá conta de que ele também está inserido nesse sistema. Desse modo, ele passa a ser também um objeto de observação, conforme mostra Oliveira (2011).

Assim, fica difícil para alguns professores perceberem que não é o mundo que mudou, mas que, também, eles já mudaram. Basta que observem o uso sistemático dos aparelhos digitais como *tablets*, celulares, *notebooks*, etc., para compreenderem que apenas o modo de ensinar é que ainda está em processo de mudança, e isso é inevitável.

Num outro aspecto, percebe-se que alguns professores não se alienam, agindo apenas dogmaticamente. Uyeno (2002, p. 26) argumenta que os conhecimentos tornam-se dogmas inquestionáveis. Isso levaria a pensar que o professor teria uma preocupação com o fim desses dogmas, mas também esse mesmo professor estaria numa posição de perda de poder diante do fenômeno da *web*. Logo, a posição do professor em sala de aula é diferente daquela posição como internauta.

Conforme Uyeno (2002, p. 29), dogmatismo “significa adesão de forma irrestrita a princípios – razão – aceitos como indiscutíveis”. Mas será que o professor age realmente assim? Parece que não, pois, conforme Uyeno (2002), houve uma transformação do modo de se adquirir o conhecimento. Uma nova fase se apresenta com essas novas tecnologias digitais, nas quais o autor parece irrelevante diante de uma ferramenta como, por exemplo, o *Google*, que se trata apenas de uma

ferramenta de busca em banco de dados com base em algoritmos.

Uyeno (2002, p. 31) comenta que a “racionalidade científica transformou-se em autoritarismo, a partir do momento em que pretendeu se impor como a única forma de racionalidade possível”. E tal imposição estaria provocando desequilíbrio na carreira de professor, sujeitando este a temer a “liberdade” que a *web* proporcionou.

Pensar que professores da chamada *Geração X* foram formados, desde suas infâncias, no sistema autoritário, faz pensar que, nas suas subjetividades, outra imagem de professor ainda impera em seus imaginários. Uyeno (2002) afirma que um “poder de ditar a verdade” foi dado à ciência, devido ao cientificismo e que uma forma de racionalidade “ganhou características de uma verdadeira religião”. Desse modo, pode-se concluir que o professor, quando dogmático, prende-se às raízes de sua formação, ora entendendo que o modelo de aluno ideal é aquele que esse professor foi (ou aprendeu que deveria ser, mas não foi). Tal professor pode estar representando o papel daqueles professores que teve, transportando (ou projetando em si mesmo) para a presente realidade a relação que viveu enquanto aluno.

Chega-se à conclusão de que, no mundo hipermoderno, diversos fatores colaboram para se formar as mentalidades dos professores. Não são somente a linguagem, as ferramentas digitais, a *Internet* com seus *blogs* ou as novas formas de se relacionar na hipermodernidade que definirão o agir dos professores, mas sim a sua atuação frente ao processo ensino-aprendizagem. Cabe ao professor escolher empreender na sua formação continuada, para que possa agir como empreendedor, ou seja, como alguém que se atualize constantemente, investindo em sua carreira e atuando como agente hipermoderno. Isso definirá o seu perfil de atuação, objeto de estudo do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

PROFESSOR NA HIPERMODERNIDADE

Neste capítulo, procurou-se mostrar o professor no mundo hipermoderno. Em alguns momentos, suas relações com as TIC e com a sala de aula ilustrará seu perfil geral, para que se possa compreender qual seria o seu papel na prática do ensino-aprendizagem em ambientes virtuais. A partir daí, pode-se, também, compreender como atua um professor mais, ou menos, empreendedor. Observar seus modos de atuação é fundamental para que outros professores aprendam como atuar nos ambientes virtuais com ética e com objetivos bem definidos, proporcionando um processo educacional eficiente e coerente.

2.1 O que é um professor hipermoderno?

Antes de se chegar ao perfil de um professor hipermoderno, é necessário apresentar o perfil de professor que se espera no Brasil. Tal perfil é previsto em documentos de âmbitos municipais, estaduais e federais.

No Estado de São Paulo, por exemplo, os próprios documentos governamentais sobre a Educação já preveem uma nova postura dos professores em relação à Educação nesse mundo hipermoderno. Portanto, prevê-se um novo perfil.

A *Proposta Curricular do Estado de São Paulo* (PCESP), para Língua Portuguesa, mostra que:

Essa sociedade, produto da revolução tecnológica que se acelerou na segunda metade do século passado e dos processos políticos que redesenharam as relações mundiais, já está gerando um novo tipo de desigualdade, ou exclusão, ligada ao uso das tecnologias de comunicação que hoje mediam o acesso ao conhecimento e aos bens culturais. Na sociedade de hoje, são indesejáveis tanto a exclusão pela falta de acesso a bens materiais quanto a exclusão pela falta de acesso ao conhecimento e aos bens culturais. (2008, p. 9).

O problema acima é pensado em relação aos estudantes, mas pode se

estender esse problema da exclusão aos professores, e até da própria instituição escolar.

Em nível federal, outros documentos importantes para a compreensão do perfil do professor são os **Referenciais para Formação de Professores**⁵ (BRASIL, 2002), do MEC. Nesses Referenciais, encontram-se informações interessantes sobre a função do professor, sobre sua formação inicial e sobre sua formação continuada.

Em relação à função do professor, eram previstas, numa visão mais tradicionalista da profissão, as seguintes virtudes: “abnegação, sacrifício bondade, paciência, sabedoria.” (BRASIL, 2002, p. 30). Porém, logo em seguida, na mesma página do documento citado, uma nova visão de professor se figura:

Atualmente, o discurso educacional se utiliza de outros substantivos: profissionalização, autonomia, revalorização..., ainda que as reais deficiências dos professores no exercício profissional — e, conseqüentemente, as suas causas — continuem, por assim dizer, ocultas por trás das deficiências da instituição escolar, do currículo, das metodologias e dos recursos didáticos. (BRASIL, 2002, p 30-31, grifo nosso).

Parece que essas deficiências já são conhecidas há mais de uma década. Então, por que nada parece ir adiante numa velocidade considerável, ou mesmo na morosidade? Talvez, essa estática se dê por outras causas, como despreparo das instituições formadoras, como falta de foco numa determinada formação com ênfase nas novas tecnologias educacionais ou como falta de interesse do próprio professor em se habilitar nessas novas tecnologias.

Porém, aqui no Brasil, sabe-se que muitas instituições de Ensino Superior investem em profissionais capacitados e com habilidades em TIC. Também, é fato que muitas dessas instituições utilizam o *Moodle*⁶, ou outras versões de AVA⁷, para o ensino à distância (EaD), com eficiência. Logo, o problema na formação de

⁵ Doravante RFP-MEC.

⁶ Já leciono, numa plataforma AVA (*Moodle*), instituída pela própria instituição de ensino superior, para o aprendizado dos alunos e para interagir com eles no modo EaD.

⁷ A plataforma MDV, do Professor Doutor Carlos Alberto de Oliveira, Orientador desta pesquisa está disponível em <<http://www.professorcarlosoliveira.com/MDV/Plataforma.html>>. Nela, professores em formação podem experimentar as primeiras ações num ambiente virtual de aprendizagem. Nessa plataforma, o Professor Carlos integra o espaço virtual à sala de aula, com o objetivo de propor autonomia para os seus aprendentes. Inclusive a própria orientação deste estudo foi feita, na sua maior parte, virtualmente.

professores parece ser mais setorial do que global. Ainda assim, o desafio é grande, como explicitou Tardif e Lessard (2009).

Para eles, após algumas inovações sociais e econômicas, as TIC são um conjunto inovador de ferramentas tecnológicas e de técnicas que contribuem significativamente para o processo educacional, incluindo a formação do professor:

Ela parece acelerar-se e as condições econômicas, sociais e culturais nas quais evoluem os docentes mudam às vezes a olhos vistos, forçando-os a se adaptarem rapidamente a problemas inéditos e a aceitarem numerosos desafios. A expansão extraordinária dos conhecimentos e a profusão das novas tecnologias da informação e da comunicação, a transformação das estruturas familiares e comunitárias, a ascendência das referências culturais e morais, [...].

Essa evolução da sociedade, cada vez mais rápida e de aparência às vezes caótica, repercute-se diretamente no ensino, transformando tanto as condições de acesso à profissão quanto o seu exercício, assim como os percursos de carreira dos seus membros e sua identidade profissional. (TARDIF e LESSARD, 2009, p. 8).

A necessidade de se atualizar sempre será responsabilidade de todos aqueles que estão envolvidos com o processo de formação do ser humano. As TIC nada mais são do que mais um passo importante na evolução da raça humana. Não importa qual teoria conspiratória que se invente contra o professor, ou contra alguma instituição formadora deste profissional. Importante é este professor agir como pensador capaz de alcançar resultados cada vez mais elevados, cumprindo, assim, com o propósito inicial de educar, de formar cidadãos críticos e com visão mais ampla da Vida. Pode até parecer filosófico esse pensamento, e o é. Quem pensar contrário estaria contra o propósito educacional verdadeiro.

É certo que, com o passar dos tempos, de alguma forma, a escola deixará de existir como ela é agora, como prevê Pontes (2002), pois, são certas as mudanças significativas na estruturação da escola, enquanto espaço físico, e na dinâmica da sala de aula. Concorda-se com Pontes, quando ele afirma que a escola resistirá enquanto instituição escolar. Em Portugal, ele já pensa sobre o uso das TIC nas escolas desde a formação inicial do professor:

Equacionar o papel das TIC na formação inicial de professores requer que nos debrucemos, por um momento, sobre a escola e, em

especial, sobre o futuro da escola. Sou dos que pensam que a escola, *tal como existe hoje*, vai ter de desaparecer, mas também que a escola, *como instituição*, não vai desaparecer. Ou seja, terá de haver mudanças profundas — como de resto tem acontecido ao longo dos tempos — mas não deixará de haver escola. (PONTE, 2002, p. 1, itálicos do autor).

E tais mudanças sempre são profundas, pois contemplam âmbitos diametralmente diferentes, indo das legislações federais, passando por diversos setores públicos e privados, até chegar à sala de aula. E, em todo esse espaço educacional, se encontra o professor ora lidando com gestores, ora lidando com alunos, ora lidando com professores.

Os RFP-MEC (BRASIL, 2002) já previam que, devido à realidade complexa, mutável e conflituosa em que o professor atua, nem sempre os problemas são facilmente detectáveis, para que se encontrem soluções cabíveis. Logo, “o êxito profissional do professor depende de sua capacidade de manejar a complexidade da ação educativa e resolver problemas, por meio de uma interação inteligente e criativa”. (BRASIL, 2002, p 59).

Esse “manejar” e essa “interação inteligente e criativa” são características que marcam um empreendedor. E, com essas informações, surge uma pergunta: a quem cabe a responsabilidade dessa formação, pois fica claro que o professor em formação já deveria estar sendo preparado para ser empreendedor há mais de dez anos? Parece que o professor precisa de competências específicas para empreender, e essas competências são apresentadas nos PCNEM (BRASIL, 2002, p 81):

De que competências se está (sic) falando? Da capacidade de abstração, do desenvolvimento do pensamento sistêmico, ao contrário da compreensão parcial e fragmentada dos fenômenos, da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento divergente, da capacidade de trabalhar em equipe, da disposição para procurar e aceitar críticas, da disposição para o risco, do desenvolvimento do pensamento crítico, do saber comunicar-se, da capacidade de buscar conhecimento. Estas são competências que devem estar presentes na esfera social, cultural, nas atividades políticas e sociais como um todo, e que são condições para o exercício da cidadania num contexto democrático. (BRASIL, 2000, p. 11-12).

Dentre as diversas funções básicas do professor que foram apresentadas neste mesmo documento, e que se encontram nos Artigos 1, 2 e 13 da LDB⁸, destacaram-se estas três:

- zelar pelo desenvolvimento pessoal dos alunos, considerando aspectos éticos e de convívio social;
- criar situações de aprendizagem para todos os alunos;
- conceber, realizar analisar e avaliar as situações didáticas, mediando o processo de aprendizagem dos alunos nas diferentes áreas de conhecimento; (BRASIL, 2000, p. 11-12).

Dentre as diversas funções previstas na LDB, observaram-se essas três pelo simples fato de perceber que tais habilidades são, novamente, de pessoas que empreendem; e, neste caso, como está escrito no próprio PCNEM, “Essas funções delineiam o campo de atuação dos professores, servindo como um ponto de partida para a definição das competências necessárias ao exercício da profissão” (BRASIL, 2000, p. 11-12).

Também, é previsto, neste mesmo documento, entre as diversas competências previstas, uma formação continuada para que o professor seja capaz de:

[...]

- utilizar conhecimentos sobre a realidade econômica, cultural, política e social brasileira para compreender o contexto e as relações em que está inserida a prática educativa;

[...]

- investigar o contexto educativo na sua complexidade e analisar a prática profissional, tomando-a continuamente como objeto de reflexão para compreender e gerenciar o efeito das ações propostas, avaliar seus resultados e sistematizar conclusões de forma a aprimorá-las;
- promover uma prática educativa que leve em conta as características dos alunos e da comunidade, os temas e necessidades do mundo social e os princípios, prioridades e objetivos do projeto educativo e curricular;
- analisar o percurso de aprendizagem formal e informal dos alunos, identificando características cognitivas, afetivas e físicas, traços de personalidade, processos de desenvolvimento, formas de acessar e processar conhecimentos, possibilidades e obstáculos;
- analisar diferentes materiais e recursos para utilização didática,

⁸ BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96** – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

diversificando as possíveis atividades e potencializando seu uso em diferentes situações;

[...]

- desenvolver-se profissionalmente e ampliar seu horizonte cultural, adotando uma atitude de disponibilidade para a atualização, flexibilidade para mudanças, gosto pela leitura e empenho na escrita profissional;
- elaborar e desenvolver projetos pessoais de estudo e trabalho, empenhando-se em compartilhar a prática e produzir coletivamente; (BRASIL, 2000, p. 82-4).

A partir da leitura atenta dos documentos governamentais sobre as habilidades e as competências previstas para a função do professor, pode-se concluir que a postura desse professor deve ser a de um profissional que não para nunca. Esse profissional deve buscar constantemente uma formação continuada, além das informações disponíveis, para agregação ao seu repositório docente.

Passa-se, agora, a observar alguns estudos acadêmicos sobre o professor, mantendo o foco naquilo que é importante para a sua formação. Para isso, tomou-se Perrenoud (1999)⁹ como primeira base dessa observação, afinal ele discute quais as competências que um professor deveria ter e quais as habilidades desse professor para lidar com as novas formas de ensinar. Logo, esse autor é importante para se compreender a atuação do professor frente às novas tecnologias.

Para Perrenoud (1999), mesmo com as novas tecnologias, com os currículos modernos e com renovações das ideias pedagógicas, “o trabalho do professor evolui lentamente porque depende pouco do progresso técnico”. Para esse estudioso, a relação educativa segue muito “estável” no que diz respeito às mudanças. Parece que, mesmo com todos os avanços, a educação permanece mais ou menos estática e continua lenta. Ele defende essas ideias, demonstrando que não houve mudanças nas condições de trabalho nem na cultura profissional da classe docente. E completa dizendo que é por esse motivo que não há uma evolução significativa das práticas pedagógicas. Perrenoud vislumbra uma ideia interessante sobre esse “avanço”:

Um viajante que voltasse à vida depois de um século de hibernação veria a cidade, a indústria, os transportes, a alimentação, a agricultura, as comunicações de massa, os costumes, a medicina e

⁹ Observe-se que as citações sobre Perrenoud (1999) será feita sem numeração de páginas porque o livro está no formato HTML, ou seja, em forma de site, on-line. Suas devidas referências se encontram no final dessa Dissertação.

as atividades domésticas consideravelmente mudadas. Entrando numa escola, ao acaso, encontraria uma sala de aula, um quadro-negro e um professor dirigindo-se a um grupo de alunos. Sem dúvida, o professor não estaria mais de "sobrecasaca" ou de avental. Os alunos não estariam mais de uniformes ou de tamancos. O professor teria descido de sua cátedra e o visitante acharia os alunos impertinentes demais. Uma vez começada a aula, talvez ele percebesse alguns traços de uma pedagogia mais interativa e construtivista, de uma relação mais calorosa ou igualitária do que na sua época. Mas, a seus olhos, não haveria nenhuma dúvida de que encontrava-se (sic) em uma escola.

Talvez houvesse um computador na sala, conectado a uma rede. Mas o visitante observaria que ele é usado para propor exercícios na tela e preparar conferências "surfando" em páginas da Web. O triângulo didático estaria no lugar, imutável e os saberes eruditos, muito pouco modernizados, ali onde teriam passado a matemática dos conjuntos ou a nova gramática. (PERRENOUD, 1999).

O sociólogo observa que existem escolas em diversos meios culturais, seja nos grandes centros urbanos seja nas zonas rurais. A escola está presente nas classes mais altas e nas mais baixas também. Ele acrescenta que a escola sempre existiu tanto "sob os regimes totalitários, como na democracia". Mas o que marca na visão dele é o fato de a desigualdade ser enorme no que diz respeito às ferramentas de que dispõem os professores, como lousa e giz, projetor digital, lousa digital, entre outros recursos, como alunos de origens diferentes, "as semelhanças saltam aos olhos". E de que semelhanças fala Perrenoud? Certamente, ele fala da formação do professor que o condiciona a compreender a educação teoricamente, mas sem prepará-lo efetivamente para a sala de aula. É válido lembrar que os cursos de licenciatura exigem o chamado Estágio Curricular Supervisionado¹⁰ em sala de aula como prática na formação de professores.

Perrenoud (1999) responde melhor ainda. Para ele, é necessária uma formação para uma prática reflexiva, para que o professor possa inovar e cooperar. Essa noção de Perrenoud vai ao encontro daquilo que se pensa sobre o papel empreendedor que o professor deva exercer. Esse papel será visto mais adiante. Ele pretende que o professor se veja assim:

Se os professores não chegam a ser os intelectuais, no sentido estrito do termo, são ao menos os mediadores e intérpretes ativos das culturas, dos valores e do saber em transformação. Se não se

¹⁰ Essa discussão recai sobre o fato de diversos professores comentarem que nem sempre tiveram oportunidades iguais para praticarem esse tipo de estágio, o que prejudica consideravelmente a formação de alguns professores.

perceberem como depositários da tradição ou precursores do futuro, não saberão desempenhar esse papel por si mesmos. (Perrenoud, 1999).

Parece que alguns professores conseguem ver a si mesmos como intelectuais, e esse modo de se ver ajuda na perpetuação dos estudos e das reflexões sobre a educação. Porém existem aqueles que não o são tornando-se apenas em “operários” cumpridores de tarefas e de rotinas escolares. Vale lembrar que não se trata de uma divisão categórica, mas sim de um contínuo quadro que leva do mais eficiente intelectual ao menos preparado para lecionar. E isso vai além do âmbito da formação do professor, pois está diretamente relacionado com a subjetividade deste.

Perrenoud (1999) argumenta que o bom senso leva a pensar que, se há mudanças significativas na sociedade, também pode haver mudanças na escola, pois esta última pode “inspirar as transformações culturais”. Ele conclui que “o sistema educativo beneficia-se de uma autonomia relativa” e que “a forma escolar [...] é em parte construída para proteger mestres e alunos do furor do mundo”. O problema é que essa proteção remete à ideia de uma redoma. O que Perrenoud chama de “furor do mundo” é o espaço natural das pessoas, e o papel da escola, com a maestria do professor, é preparar essas pessoas para atuarem neste mesmo mundo, e não o contrário. Entende-se que a expressão “furor do mundo” signifique talvez “dinâmicas sociais” ou algo semelhante, pois se trata da visão de um sociólogo. Com essa visão, pode-se entender o mundo virtual como o mais novo espaço para essas dinâmicas sociais, porém sem as tradicionais noções de espaço tridimensional e de tempo, apresentadas pela Física.

Nas forças armadas, por exemplo, os soldados vão para o campo vivenciar simulações bem realísticas para que estejam preparados para aquilo que enfrentarão. Numa academia de luta, os lutadores aprendem as técnicas para vencerem o combate. Enfermeiras vivenciam estágios em hospitais, em UTI, para estarem prontas. E assim é com os diversos tipos de formação profissional. Contudo, como é a formação do professor em relação a seu novo espaço de atuação, o espaço virtual? Qual sua experiência prática durante sua formação? Há especificamente uma disciplina que o capacite para que adquira aquelas

competências previstas nos documentos oficiais do MEC? Poder-se-ia fazer dezenas de perguntas, mas não cabem aqui, neste estudo.

Recorrentemente, como dito anteriormente, esses professores saem da sala de aulas teóricas e vão para um estágio onde vivenciarão a velha e tradicional aula com o mínimo de inovação. Já formados, encontrarão disponíveis, na maioria das escolas, a tecnologia do giz (ou caneta) e lousa com, talvez, um projetor de imagem comum. Isso, quando já não entram na sala de aula como substitutos ou como eventuais, o que lhes marcam muito, pois os alunos não os reconhecem como professor.

No caso de algumas instituições públicas de ensino, os professores efetivos são diferenciados por professores temporários (substitutos) por meio de categorias nomeadas com letras do alfabeto, e tal diferença causa um mal-estar nesses profissionais. Só depois de passar num concurso público, ou depois de ser contratado, é que poderão sentir-se realmente professores, com certa segurança profissional e financeira. Com isso, verifica-se que o professor se vê como professor apenas quando pode se reconhecer como tal, e, do ponto de vista trabalhista. Há exceções.

Os dois parágrafos acima servem apenas de ilustração, pois esse seria um tema para estudos densos sobre outros aspectos da formação de professores. A questão é que alguns professores são muito dogmáticos, e os que se formam se veem obrigados a seguir esses dogmas.

Há de se entender que alguns professores-aprendentes são tão dogmáticos que, durante o período em que estão cursando a graduação, ou algum curso de pós-graduação, simplesmente aceitam o que os “professores-formadores” (UYENO, 2002) ditam como se fossem verdades religiosas. Porém, alguns professores-aprendentes simplesmente questionam, indo além do conteúdo dado e se mostrando não-dogmáticos. Isso, sem mencionar aqueles que faltam às aulas, que fazem “cola” durante a prova, que apenas leem resumos da internet, inclusive. Esses últimos são casos absurdos de falta de ética consigo mesmo e com o sistema educacional.

Uyeno, (2002, p. 42), mostra duas visões que se deve ter, no mínimo, para compreender o papel do professor frente ao saber. Ela fala da **visão arqueológica**

do saber, que trata de “Investiga a formação de conceitos científicos, a constituição dos objetos da ciência, a passagem de um nível pré-científico para científico; distinção entre verdade e erro, racional e irracional, etc.” (FOUCAULT, 1969/1995, p. 239 apud UYENO, 2002, p. 42) e da **perspectiva epistemológica**, que “Privilegia não mais a ciência, mas o saber que tem por objetivo descrever a formação dos saberes, científicos ou não, para estabelecer suas condições de existência, e não de validade, considerando a verdade como uma produção histórica.” (MACHADO, 1981, p. 185 apud UYENO, 2002, p. 42).

Essa questão é, de certo modo, polêmica porque as medidas são diferentes para cada pessoa, devido ao modo de se ver a vida. Uns podem pensar na missão de educador a que se propõe, enquanto outros podem pensar apenas num meio de ganhar seu sustento dando aulas. Ainda, existem outros que unem o útil ao agradável: cumprir sua missão de educador, ganhando seu salário, e podendo ir além do senso comum. Este último se enquadraria bem num perfil mais empreendedor.

Entende-se que Uyeno (2002) propõe que o professor deve ter essas duas visões em mente enquanto exerce sua profissão, ou seja, o professor deve olhar para trás, verificando o que já existe e o que pode melhorar, e, ao mesmo tempo, olhar para frente, como visionário, e empreender no desconhecido, no novo, para preparar as gerações futuras.

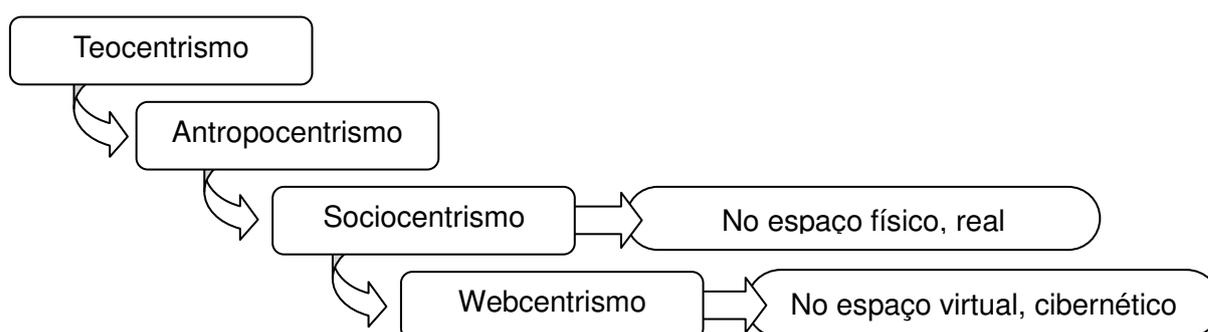
Voltando aos dogmas, Uyeno (2002, p. 42) comenta sobre a visão de Foucault. Para ela, este “não visa a alcançar verdades seguras, mas assegurar a liberdade de reter ou recusar o julgamento sobre dogmas e, assim, livrar-se das restrições que tais dogmas introduzem na vida e no pensamento humano”.

Isso é interessante quando se tenta compreender o papel do professor enquanto transmissor de conteúdo gramatical normativo, por exemplo. Esse professor confronta um mundo foucautiano, ou seja, que retém ou que recusa saberes. Ele mesmo, o professor, se vê dividido entre seguir ou inovar. Porém, ao mesmo tempo, esse profissional tem, às vezes, que impor aos aprendentes o que é determinado pelas NGB, em cursos de Graduação (com professores de diversas formações, atualizadas ou não), em cursinhos preparatórios e em vestibulares, além da Educação Básica.

Pode-se dizer que o próprio professor constitui-se num porta-voz, num executor de leis e de procedimentos previstos na educação. Logo, poderia avançar tranquilamente em relação às TIC, pois isso também é previsto nos documentos oficiais, como foi visto anteriormente. Se não o faz, é porque está ainda condicionado aos dogmas da escola tradicional conteudista. E, se esses professores não empreendem na própria carreira, delega esta à estagnação, procurando culpar alguém.

Dando continuidade a este estudo, tem-se, a seguir, uma hipótese apresentada no esquema abaixo, a partir da leitura de Uyeno (2002) e de Lipovetsky e Serroy (2011), sobre a centralização do conhecimento e do sujeito, para a compreensão do fazer do professor:

Esquema 1 – Modelos de centralização ao longo da história da humanidade.



Fonte: Arquivo pessoal.

Lipovetsky e Serroy se posicionam defendendo a ideia de que, na época em que Deus era o centro do Universo, os detentores do poder e do conhecimento era centralizado na Igreja. Esses detentores passaram a se angustiar com o advento do Antropocentrismo. Os sociólogos afirmam que o produto da Criação divina estava agora no controle e que “Esse fenômeno causou, de certo modo, o movimento chamado ‘Romantismo’, interpretado, aqui, como movimento egóico, portanto centrado no ‘Eu’”. Passou-se, em seguida, pelo crivo do Realismo, no qual se percebia o homem como resultado da Evolução, proposta por Darwin, e pela observação racional da ciência. Lipovetsky e Serroy (2011) continuam mostrando o duro percurso de construção de identidade humana com o movimento Cubista, no

qual o homem se vê “com uma perspectiva fragmentada da representação humana, devido à guerra”.

Bauman (2008, p 9) mostra o homem com muito medo nessa pós-modernidade, mas não é um medo real, pois se trata de algo que existe mais na imaginação desse sujeito. Ele fala do “medo derivado”, que é uma estrutura mental que equivale a uma sensação de insegurança e de vulnerabilidade e que adquire uma capacidade autopropulsora. Para Bauman, uma pessoa que apresenta essas características vê o mundo cheio de perigos que podem se abater sobre ele a qualquer momento com algum ou nenhum aviso, deixando-o com pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso. O problema é que, segundo Bauman (2008), esse sujeito passará a viver um sofrimento cíclico, voltando sempre àquela ameaça imaginária e apresentando reações como se estivesse vivendo um perigo verdadeiro.

Desse modo, cabe às pessoas estarem conectadas à grande rede mundial de computadores, porém de forma que não sofram e que vivam conciliando o mundo físico com o mundo virtual, pois as novas gerações já o fazem bem. O sujeito professor se veria não mais como centro do mundo do conhecimento, mas sim como uma pequena parte de um todo cibernético. Este seria o novo fenômeno mostrado no esquema acima: o *webcentrismo*, que não exclui o social e o integra.

Percebe-se, com isso, que o professor deixou de ser o detentor do pressuposto saber, pois, agora, assim como presidentes, educadores, militares, clero, jornalistas, etc., os professores estão conectados à *web*, livremente ou por obrigação. O referencial mudou. Portanto, a maneira de se ver o mundo também mudou. O mundo moderno passou a ser visto como um **mundo hipermoderno**, e o professor faz parte desse mundo, querendo ou não.

O professor desse novo mundo, hipermoderno, não pode mais ser um professor dogmático, abnegado, mas sim um professor inovador, que reinventa a cada momento sua prática. Esse é o professor hipermoderno, que vê as constantes mudanças do mundo e muda na mesma velocidade, empreendendo, criando novas formas de se aprender. É, também, um sujeito que vê a necessidade das novas gerações e lhes fornece meios de aprenderem em seus ambientes multimidiáticos e hipertextuais.

Por se tratar de um professor que não tem a si mesmo como o centro do conhecimento, ou como detentor do suposto saber, esse professor apresenta um novo perfil, o de professor empreendedor, que será visto no próximo tópico, com mais detalhes.

2.2 Professor Empreendedor

É certo que todo professor se constitui, em certa medida, de valores, qualidades, ideias, sentimentos, leituras, linguagem, tempo, autoridade, avaliação, etc.; e é Perissé (2011, p. 14) quem vê o professor com todas essas características. Para esse pedagogo, todos os professores são mais, ou menos, conservadores, pois se submetem às rotinas, seguem os parâmetros e as diretrizes, conforme vistos anteriormente, e trabalham com programas e planejamentos.

Pode se acrescentar que os professores também avaliam, julgam, elogiam aquele que realiza as tarefas, etc. e segue as normas. É esperado que os acordos sejam respeitados e que os professores fiquem satisfeitos quando todos contribuem para o bom andamento dos processos. Perissé diz que os valores conservam os professores numa certa direção, hierarquizando obrigações e gestos.

Mas será que os valores não mudam com o passar dos tempos? Antigamente, o professor rigidamente punia seus “alunos”. Em seguida, métodos de avaliação serviam como teste de conhecimento e também de exclusão e de punição. Será que isso tudo ainda acontece? Infelizmente, ainda se ouve muitos estudiosos questionando métodos ineficientes de avaliação. Quanto às punições, elas ainda existem de forma velada. O próprio sistema de vestibulares indicam essa exclusão e essa punição indireta. O fato é que essa visão de educação não deveria ter lugar no mundo hipermoderno.

E, se Perissé (2011) fala dos valores como algo que sempre levam a uma direção, deduz-se que os valores de um professor hipermoderno o levarão ao mundo do empreendedorismo.

O problema que se apresenta é que a educação tornou-se bandeira política, bem como instrumento de estratégias de governo. A educação tem sido alvo fácil dos meios de comunicação, já que se trata de um mundo hipermoderno,

multimidiático. “Mas deve ser antes de tudo um projeto pessoal de quem escolheu ser profissional da educação.” (O NOVO PROFESSOR, 2015)¹¹.

Atualmente, ser professor não equivale a entrar numa sala de aula e proferir verdades científicas, pois “lecionar, hoje, exige competências de empreendedor: autoconhecimento, liderança, capacidade de se relacionar, curiosidade, gosto pela pesquisa.” (O NOVO PROFESSOR, 2015).

O professor é aquele que deve ser visionário, pois ele prepara os jovens para um futuro próximo, portanto, antecipa a resolução de problemas antes da política, ou de qualquer outra área do social. O professor deve olhar para trás como mestre e ensinar seus discípulos como agirem frente aos fatos do porvir. Embora em *O Novo Professor* (2015) entende-se que a profissão de professor é sempre uma profissão de vanguarda, independentemente do momento histórico em que ele vive, o desafio do professor é, na verdade, estabelecer uma relação entre o presente dos aprendentes e a visão de um futuro próximo, para que estes se preparem adequadamente para a vida.

Espera-se que, como profissional, o professor tenha uma postura ética. Seus valores e sua moral devem nortear “para posicionamentos adequados na sociedade em que está inserido”. O professor deve ser “confiável e comprometido”. Deve também saber “de que seu exemplo pessoal é mais rico que suas palavras, agindo de acordo com princípios éticos gerais”. (O NOVO PROFESSOR, 2015).

Para ser empreendedor, o professor deve ser proativo e ter iniciativa. Esse profissional deve desenvolver suas competências e suas habilidades para idealizar, planejar e executar projetos que formem jovens com pensamento crítico. Como se lê em *O Novo Professor* (2015), um professor empreendedor “É entusiasmado e otimista, autoconfiante e acredita no potencial dos educandos”. E, “O trabalho do professor empreendedor não inicia nem acaba na sala de aula. Pelo contrário, suas aulas são resultados de seu empreendedorismo.”.

Percebe-se que o professor com esse perfil sempre reinventa sua rotina, por meio de alternativas, dentro e fora dos livros, indo buscar na Vida, nos círculos sociais com os quais se relaciona, principalmente em suas turmas de alunos, e até dos familiares. (O NOVO PROFESSOR, 2015). Neste artigo, pode-se ver que um

¹¹ Disponível em <<http://educacaoetudo.blogoo.com.br/o-novo-professor-profissional-empreendedor#.VMFMXCy4JXk>> Acesso em 25 Nov. 2014. Autores não identificados.

professor empreendedor faz:

Neste ambiente o professor busca perguntas e encontra respostas, ensina e aprende. Cada sala de aula é uma rica experiência para ele, mesmo que o assunto seja o mesmo, a aula nunca é igual à outra. Por isso, o trabalho docente nunca pode ser monótono. Mas deve ser estimulante para que o aluno dê saltos de qualidade, até mesmo superando seu mestre, que é o verdadeiro sentido da educação. Que o discípulo supere o mestre. (O NOVO PROFESSOR, 2015).

Mesmo ensinando e aprendendo, fica claro que o professor, sendo empreendedor ou não, deve atentar-se para essa última informação grifada. Caso contrário, esse professor não obterá resultados.

Finalizando a leitura desse artigo, percebeu-se a necessidade de o professor empreendedor sempre cuidar da carreira, construindo sempre e transformando a si mesmo conforme as mudanças acontecem na sociedade, nas tecnologias e nas ideologias. O artigo apresenta um perfil de professor que

está, sim, conectado ao mundo virtual, utiliza ferramentas tecnológicas com maestria, busca relacionamentos com outras áreas, exerce outras atividades além das aulas, mantém redes de contatos diferenciadas, frequenta museus e exposições, participa de congressos, lê, escreve, publica, posiciona-se, em fim, age como cidadão. (O NOVO PROFESSOR, 2015).

Assim, temos esta visão: um professor que se pretende empreendedor deve ser organizado, assumindo responsabilidades, e planejar junto com a equipe escolar; deve respeitar todos os profissionais da escola, conhecendo suas necessidades e contribuindo na organização de um ambiente escolar que favoreça o aluno.

Tal visão é muito empresarial e sistêmica, pois contempla uma supervisão da escola. Já é fato que o fenômeno da colaboração coletiva atinge a todos. Quem agir contrário a esse fenômeno condena a si mesmo à exclusão do sistema educacional. Com isso, pode-se compreender o que é ser empreendedor.

Contudo, como se forma uma pessoa empreendedora, um professor empreendedor?

HENGEMÜHLE (2014) argumenta que a formação de pessoas

empreendedoras “torna-se necessidade estratégica, seja no campo pessoal quanto à empregabilidade, seja no campo institucional para o desenvolvimento” (HENGEMÜHLE, 2014, p 27). Ele não trata esse assunto apenas do ponto de vista econômico. Como em O Professor Empreendedor, HENGEMÜHLE (2014) mostra a necessidade de uma visão sistêmica para atuar no mundo hipermoderno:

No atual contexto, precisamos de visão e ação sistêmicas. Logo, a necessidade do espírito empreendedor também se estende a todas as dimensões da vida, [...]. No entanto, é importante esclarecer a interação dos termos competência e empreendedorismo. Temos claro que a formação do empreendedor passa pela formação de pessoas competentes. Ou seja, ambos são compreendidos como o perfil de pessoas que têm um olhar aguçado para detectar os problemas, buscando para eles soluções e compreensões embasadas teoricamente. Ambos necessitam do espírito de pesquisa constante, movimentando-se com olhar interessado, atentando, entre outros, para os detalhes das questões em análise. (HENGEMÜHLE, 2014, p. 27).

Essa visão está diretamente relacionada ao conceito de Empreendedorismo, que é, na visão de Hengemühle (2014) “a arte de inovar, revolucionar, criar o que ainda não existe”. Para esse educador, o sujeito empreendedor deve ser ágil, ter uma personalidade forte, ser criativo, explorar novas ideias e conhecimentos, ter objetivos claros, dando os primeiros passos sempre. Hengemühle (2014, p 28) conclui que:

- a) **Empreendedorismo** “é a capacidade e habilidade de criar e executar projetos e ações que gerem resultados positivos; portanto, são pessoas hábeis que executam os projetos e realizam as ações”;
- b) **Sujeitos empreendedores** “são preocupados com as necessidades da comunidade, portanto com uma visão sistêmica no seu agir”;
- c) O **sujeito empreendedor** “é identificado como uma pessoa ousada, que corre riscos em prol de inovar, aproveitando as oportunidades para fazer a diferença, superando obstáculos”; ele é capaz de pensar interdisciplinarmente.

Hengemühle (2014) argumenta que a formação do perfil de empreendedor tem origens na personalidade e na contribuição do meio cultural em que esse sujeito

vive. Pode-se concluir que o meio influencia, além da formação desse sujeito, como havia sido pensado.

Todas essas informações levam a pensar que um professor empreendedor é aquele que pensa holisticamente¹², sistemicamente, atuando em diversas áreas, interdisciplinarmente, e buscando resultados que vão além da sala de aula. Portanto, sua formação parece englobar algo que foge muito dos cursos de formação de professores. E, no caso de professores que atuam em *blogs*, o aprendizado das ferramentas que blogueiros costumam utilizar é compartilhado, porém de modo informal, fora das instituições de formação.

Com isso, deve-se compreender qual é a atuação de professores blogueiros, ou pelo menos que empregam as TIC no processo ensino-aprendizagem, tema do próximo tópico.

2.3 Qual é atuação do professor?

Antes de entrar na atuação do professor frente às TIC, deve-se observar que um professor que tenha um espírito empreendedor é capaz de contribuir para a solução de problemas, de compreender contextos específicos e de fomentar ideias que venham ao encontro da humanização da vida. (HENGEMÜHLE, 2014, p. 29).

É o que se espera de professores que atuam nas salas de aulas atualmente, pois, recorrentemente, escolas já aderiram a *blogs* como ferramenta pedagógica para divulgação de agendas, de cronogramas de provas e de material para alunos.¹³

Com o passar do tempo, diversos *blogs* foram sendo criados por professores como suporte, ora a pedido da escola ora por vontade própria. Isso permitiu que professores passassem da área limitada por paredes da sala de aula para o espaço virtual, o que ampliou o espaço de atuação dos professores. Acredito que isso se deu de forma natural, conforme a influência da *Internet* foi chegando a todos.

¹² *Holisticamente*, no sentido de se considerar o todo, porém considerando as inter-relações entre as partes.

¹³ A primeira experiência que tive com o uso de *blogs* na educação foi numa escola particular. Lá, todas as informações eram publicadas de modo que uma transparência no fazer pedagógico permitia os pais, os alunos, os colegas e a gestão escolar verificarem o andamento das minhas atividades. Porém, se reduzia a essas atividades.

E essa influência se deu conforme as pessoas foram se integrando ao novo modo de ver o mundo, de atuar nele digitalmente e virtualmente. Ponte (2002) explica que

estas tecnologias constituem tanto um meio fundamental de acesso à informação (Internet, bases de dados) como um instrumento de transformação da informação e de produção de nova informação (seja ela expressa através de texto, imagem, som, dados, modelos matemáticos ou documentos multimídia e hipermídia). Mas as TIC constituem ainda um meio de comunicação a (sic) distância e uma ferramenta para o trabalho colaborativo (permitindo o envio de mensagens, documentos, vídeos e software entre quaisquer dois pontos do globo). Em vez de dispensarem a interação social entre os seres humanos, estas tecnologias possibilitam o desenvolvimento de novas formas de interação, potenciando desse modo a construção de novas identidades pessoais. (PONTE, 2002, p. 2).

É importante observar que Ponte (2002) destaca bem que houve uma nova forma de interação, o que não anula as formas anteriores. Para ele, as TIC são, na verdade, “uma linguagem de comunicação”, além de serem “um instrumento de trabalho essencial do mundo de hoje”. Entende-se esse mundo como um mundo hipermoderno. Desse modo, o professor que emprega as TIC em seu agir sabe, ou deveria saber, que essas TIC são versáteis e poderosas, servindo para diversos fins, e isso exige desse professor “uma atitude crítica por parte dos seus utilizadores”, como argumenta Ponte (2002, p. 2).

Lembrando-se do objetivo desta pesquisa, pretendeu-se verificar a forma como professores atuam via *web*, pois uma ideia que se tem é basicamente esta: ou professores realmente inovam na sua prática ou apenas mascaram uma mudança que não aconteceu.

Lévy (1999) descreveu uma analogia sobre a ideia de uma gotícula num oceano. Concluindo sua analogia, eis o que ele escreveu sobre páginas da *web*, como *blogs* e *sites*:

A página da Web é um elemento, uma parte do corpus intangível composto pelo conjunto de documentos da World Wide Web. Mas pelos links que lança em direção ao restante da rede, pelos cruzamentos ou bifurcações que propõe, constitui também uma seleção organizadora, um agente estruturador, uma filtragem desse corpus. Cada elemento dessa pelota que não pode ser circunscrita é ao mesmo tempo um pacote de informações e um instrumento de

navegação, uma parte do estoque e um ponto de vista original sobre esse mesmo estoque. Em uma face, a página da Web forma a gotícula de um todo em fuga, enquanto na outra propõe um filtro singular do oceano de informação. (LÉVY, 1999, p. 160).

É muito interessante pensar que mesmo o mais eficiente dos *sites*, ou dos *blogs*, o administrador de sua própria página tem diante de si apenas uma dessas gotículas. Então, seria mais interessante ainda que esse administrador fizesse com que sua página na *web* fosse muito mais um motor de buscas dessa inteligência coletiva, desse conhecimento oceânico. Que esse administrador fosse “para além da Taprobana”, para se referir à epopeia camoniana. Logo, um professor deve pensar o que fazer antes de apresentar um *blog* ao mundo, pois, para isso, ele deve ter um espírito empreendedor, assim como os grandes navegadores o tiveram. Na verdade, exemplos não faltam para o espírito empreendedor.

Enfim, em se tratando dessa analogia marítima, por assim dizer, ou o professor será um grande navegador nesse oceano de informações ou será mais um naufrago digital. Afinal, sites prontos existem aos milhares; mas sites organizados, otimizados e bem preparados para o processo de aprendizagem existem poucos. É tudo muito colorido e muito vistoso, mas o que realmente as TIC exigem do professor é assunto para se pensar.

As universidades poderiam até desenvolver parcerias entre os professores das áreas da computação e os professores das áreas da linguagem, para que haja uma coerência, diga-se de passagem, científica.

Oliveira (2010) apresentou um estudo que revela o que o professor deve ter de bagagem em cada período de sua formação. A **Tabela 1**¹⁴ é uma reprodução adaptada da versão on-line.

¹⁴ Para evitar uma visualização quebrada da Tabela 1, ver na página seguinte.

Tabela 1 – Tabela de Exigências para o uso das TIC na sala de aula (Adaptada).

Estágio da Habilidade	Condição inicial	Desenvolvimento profissional desejável para iniciar
Entrada	1. O professor tenta dominar a tecnologia e o novo ambiente de aprendizagem, mas não tem a experiência necessária.	Nenhum
Adoção	2. O professor tenta realiza treinamento bem-sucedido e domina o uso básico da tecnologia.	30 horas
Adaptação	3. O professor sai do uso básico para descobrir uma variedade de aplicações para o uso da tecnologia. O professor tem conhecimento operacional de hardware e pode detectar falhas básicas do equipamento.	+ 45 horas de treinamento; 3 meses de experiência e apoio técnico permanente e imediato
Apropriação	4. O professor tem domínio sobre a tecnologia e pode usá-la para alcançar vários objetivos instrucionais ou para gerenciar a sala de aula. O professor tem uma boa noção de hardware e de redes.	+ 60 horas de treinamento; 2 anos de experiência e apoio técnico permanente e imediato
Invenção	5. O professor desenvolve novas habilidades de ensino e utiliza a tecnologia como uma ferramenta flexível. Para isso, ele tem 215 horas de treinamento e 7 anos e 3 meses de experiência.	+ 80 horas de treinamento; 5 anos de experiência e apoio técnico imediato

Fonte: Disponível em <<http://www.professorcarlosoliveira.com/Aplicativos/Exigencias.html>>.

Nessa **Tabela 1**, pode-se ver nitidamente que o professor não sai pronto da graduação para empregar as TIC na sala de aula, ou em qualquer seguimento do ensino, seja como tutor, seja como administrador de blog, seja como administrador de site. Alguns cursos de formação de professores ensinam a diferença entre as didáticas, mas, até que o professor-aprendente esteja pronto, um tempo significativo deverá ser investido na formação específica para o uso das TIC.

Com essas exigências todas, o professor poderá se ocupar mais com as técnicas, com treinamentos com terceiros, ou aprender como um autodidata. É verdade que além dessa necessidade, esse professor já deve estar atuando em alguma instância.

Se pensar na hipótese de que esse professor esteja atarefado com aulas, correções de exercícios, correções de provas, recuperação paralela e tudo aquilo que é exigido pelo ofício, tal professor terá seu tempo livre diminuído. O mesmo acontecerá com o seu tempo de dedicação aos recursos tecnológicos inovadores.

O professor que se serve das TIC para as suas aulas deve ter em mente que o modo de aprender de seus aprendentes também muda, conforme cada ferramenta tecnológica empregada nesse processo de aprendizagem. A interatividade deverá ser capacitadora desses aprendentes para que estes aprendam bem o que lhes é ensinado. Talvez, algum prejuízo seja acarretado por conta da ausência do professor na mediação do aprendizado dos estudantes, afinal o professor que deixa on-line todo o conteúdo a ser estudado, nem sempre terá acesso instantâneo para auxiliá-los, pois numa sala de aula, o professor estará ali, com os alunos.

Já, na *web*, numa plataforma virtual, o professor estará num *chat*, num *fórum*, etc., e, no caso dos *blogs*, o professor poderá ainda utilizar os comentários postados, dando retornos aos aprendentes, ou ainda interagir via *Facebook*, via *WhatsApp*, entre outros.

O fato é que, para atuar na hipermodernidade, o professor deve ter um perfil empreendedor. Não basta criar uma página na *web* para se autoafirmar como professor “antenado”. Ele precisa ser um professor hipermoderno. Como foi visto neste capítulo, existe um percurso de formação interessante e riquíssimo para o professor percorrer, para que possa apresentar competências e mostrar-se habilitado para atuar no meio virtual, seja em qual plataforma ele escolher. Isso se faz necessário, pois o mundo hipermoderno é expansivo, dinâmico e muito diversificado.

Quanto aos *blogs*, essa interação será vista detalhadamente no **Capítulo 3**. Só então será possível dizer se os professores são mais empreendedores, ou não, incluindo as informações obtidas por meio da análise de seus *blogs*.

CAPÍTULO 3

O BLOG COMO MEIO DE ATUAÇÃO DOS PROFESSORES

Neste terceiro capítulo, procurou-se apresentar informações sobre o funcionamento e sobre a estrutura dos *blogs*. Também, buscou-se o entendimento sobre a regularização e sobre a operacionalização dos *blogs* enquanto ferramentas que permitem um processo de ensino-aprendizagem eficiente. Tal visão será útil nas análises dos *blogs* que constituem o *corpus de análise*. E é, a partir dessa análise, que se poderá identificar o perfil empreendedor nos professores blogueiros.

3.1 O que é um blog enquanto suporte?

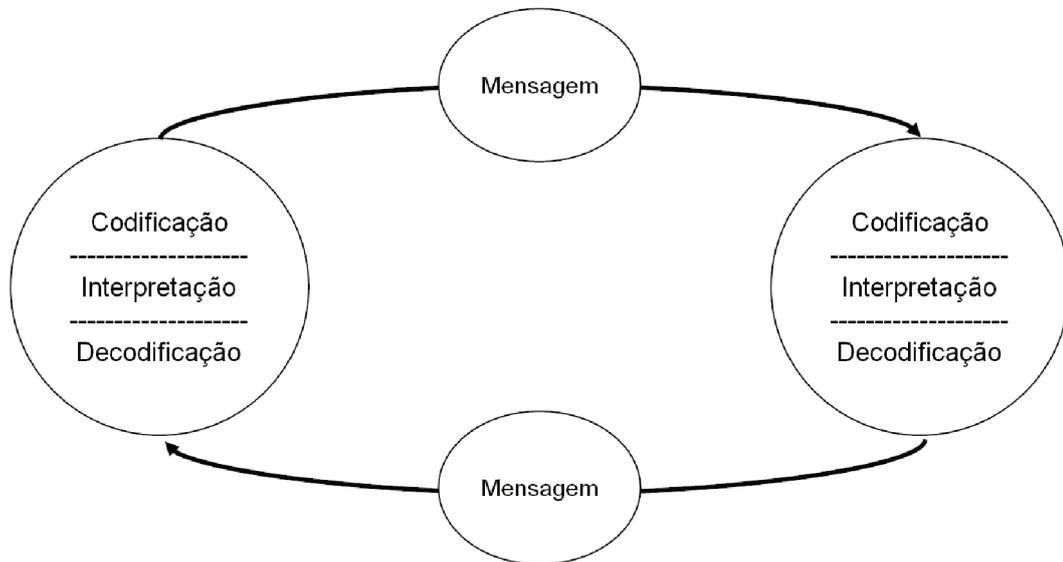
Para compreender o *blog* como um suporte de comunicação entre pessoas, numa comunidade virtual, é interessante rever a definição de “mídia”, pois, nesta pesquisa, deve-se ter em mente que o *blog* é um suporte multimidiático, portanto, uma mídia característica do mundo hipermoderno.

Martino (2013) define “mídia” como um canal pelo qual o conhecimento e as informações chegam às pessoas. Para esse teórico da comunicação, a mídia serve em mão dupla, pois, ao mesmo tempo em que as informações são úteis para manter uma empresa, ou uma instituição, bem informada e em bom funcionamento, tais informações servem também para controlar as pessoas. E, devido aos discursos, essas pessoas tomarão atitudes responsivas em relação àquelas informações veiculadas. O boletim interno de uma empresa, os telões em alta definição espalhados nas paredes de um *shopping* da cidade e os diversos panfletos distribuídos nas ruas da cidade são exemplos dessa mídia.

Porém, parece que a mídia por si mesma não tem efeitos significativos. Pode-se afirmar isso com toda certeza, ao olhar para essa mídia com olhares dos teóricos da comunicação.

Schramm (1954 apud MARTINO, 2013, p. 30) apresenta o **Modelo de Osgood e Schramm** (Esquema 2), um interessante e coerente modelo de comunicação que mostra um determinado efeito dessa comunicação entre as pessoas. Este é o esquema:

Esquema 2 – Modelos de Comunicação: Modelo de Osgood e Schramm.



Fonte: Schramm (1954 apud MARTINO, 2013, p. 30).

Embora Martino (2013, p 31) tenha deixado de fora o Contexto¹⁵ de comunicação, ele afirma que esse modelo é ideal para mostrar que a interação entre as pessoas superam o efeito da mídia, sendo esta relegada a um segundo plano. Ele mostra que, para Schramm o importante é a relação interpessoal e que o emissor-receptor deixa de ser uma pessoa para ser um “momento” na comunicação. Para Martino, portanto, essa é uma noção de comunicação circular e não uma comunicação linear de um emissor para um receptor, pois há uma alternância entre os dois interlocutores. Com isso, considerou-se que, ao atuar nos *blogs*, os professores poderiam não levar em conta essa circularidade da comunicação, pensando sua atuação apenas linearmente, de professor para aprendente.

Outro assunto considerado muito importante que Merton e Lazarsfeld apresentam (MARTINO, 2013, p.33) é a “disfunção narcotizante”. Segundo Martino, eles acreditam que a mídia apresenta uma disfunção como se fosse um efeito colateral da própria mídia. Esse efeito nada mais é do que uma distração¹⁶, pois a mídia pode manter as pessoas distraídas, ou seja, “atuar como uma espécie de droga para deixar a sociedade menos atenta ao que se passa ao redor e, dessa

¹⁵ Nas teorias linguísticas, toda comunicação considera o *contexto sócio-histórico* do sujeito que comunica.

¹⁶ Item importante para se compreender o modo de leitura nos *blogs*.

maneira, forçar situações ou impor uma opinião”. Martino definiu esse fenômeno como “infotimento”, isto é, a “transformação de assuntos sérios em entretenimento”. Esse fenômeno aumenta a cada dia. Basta observar, por exemplo, os vídeos mais acessados do *Youtube*, ou observar outros canais na *web*, e nos canais de televisão que dão altos índices de audiência.

Pensou-se que o *blog* também seguiria essa tendência. Talvez, isso tudo dependa diretamente dos interlocutores, mas, em se tratando de *blogs* direcionados ao estudo da linguagem, talvez isso não aconteça.

Com essas informações, pode-se, agora, apresentar uma das definições existentes de *blog*.

Apesar da certeza de se ter o *blog* como um suporte comunicativo na *web*, Xavier (2013) apresenta esse suporte como um **gênero digital**. Talvez, ele o faz assim, por considerar a sua primeira forma, que originariamente era um dispositivo digital que servia para escritos pessoais, como um diário pessoal. Eis o conceito:

Definição: Trata-se de um site de um indivíduo ou instituição, contendo informações pessoais ou profissionais sobre as atividades do sujeito ou da instituição. Sua atualização é periódica a fim de contemplar um público consumidor exigente.

Autoria: Via de regra, o blog é produzido por um só sujeito. Por ele expressa seu ponto de vista e recebe a opinião de seus leitores com os quais mantém um canal aberto de diálogo.

Grau de interação: Há um alto grau de interação entre o produtor do blog e seus leitores. Assincronamente o blogueiro se alimenta dos comentários de seus leitores, uma das principais razões da existência do diário de bordo digital.

Propósito comunicativo: Compartilhar informações; Expor pontos de vista sobre temas de interesse do blogueiro e de seus leitores; Informar, Divulgar e Sugerir eventos e ideias. (XAVIER, 2013, p. 105, texto adaptado de uma tabela).

Embora Xavier apresente o *blog* como um gênero, percebe-se que este conceito vai além daquilo que definiria um simples gênero. E é em Silva (2009) que se tem outra noção de *blog*. Silva mostra também uma estatística significativa sobre a *blogosfera*:

Blog, muitas vezes chamado de diário virtual, é uma espécie de página pronta na internet, na qual o autor pode publicar livremente qualquer tipo de texto. Ferramenta originária da internet, o blog foi criado em 1997 pelo norte-americano Dave Winer.

Os blogs vêm se transformando num fenômeno de massa. A blogosfera, como é conhecido o mundo dos blogs, conta com quase 100 milhões, segundo o Technorati (www.technorati.com), serviço de buscas e indexação, especializado nos diários virtuais da blogosfera. Em abril de 2007, segundo a empresa, eram criados 175 mil blogs por dia e cerca de 1,6 milhão de posts publicados diariamente, ou seja, o equivalente a 18 atualizações por segundo. (SILVA, 2009, p. 184).

Entende-se por página pronta a estrutura oferecida pelas plataformas virtuais como o *Blogger*, da *Google*, ou o *Wordpress*, ambas com centenas de modelos prontos, porém personalizáveis de *blogs*. Alguns modelos são gratuitos, outros são pagos. Além dessas duas, existem outras plataformas, e, devido à grande proliferação dos *blogs*, atualmente, grandes portais da *internet* já oferecem uma página integrada na forma de *blogs*. Na verdade, o *blog* evoluiu, criando um nicho de mercado virtual. A própria *Google* oferece um recurso chamado *AdSense*, que monetiza acessos em *blogs* por meio de cliques, tempo de leitura da página, entre outros. Em outras palavras, converte acessos em dinheiro para o blogueiro.

Não foi apenas o acréscimo dessas ferramentas geradoras de finanças que modificaram a estrutura dos *blogs*. Existem os *gadgets*, forma complexa de *hyperlinks*, que mostram calendários, imagens, mapas de geolocalização e minipáginas que conduzem ao *Facebook*, *Twitter*, *YouTUBE*, etc. O *blog* é, atualmente, um suporte poderoso para a comunicação humana, e, por apresentar uma linguagem híbrida, pode apresentar registros mais formais ou menos formais da língua simultaneamente, inclusive com marcas de oralidade.

Xavier (2013) mostra que essa linguagem aparece também na escrita por se tratar de uma “escrita híbrida e aglutinante”, que serve para reafirmar “o caráter dinâmico das transformações naturais que uma língua viva sofre”. Ele argumenta que essas aglutinações são reflexos das mudanças que acontecem na sociedade, em suas formas de cultura. Assim, Xavier diz que nessas mudanças se incluem os “impactos imediatos nos processos lectoescritos, inatos ao criativo, invencionista e empreendedor ser humano”. (XAVIER, 2013, p. 125-6).

Concorda-se com Xavier, quando ele diz:

Fruto de um contexto sociotécnico emergente em seu tempo, os sujeitos integrados à Geração Y passam por todas as vicissitudes que lhe são contemporâneas. Não são melhores nem piores que os das gerações passadas ou futuras. (XAVIER, 2013, p. 126).

Embora se saiba dos fatores negativos de cada momento da evolução tecnológica, há de se concordar com ele sobre o fato de essa geração não ser pior, nem melhor. Acredita-se que tais fatores negativos aparecem sempre para aqueles que não usufruem dos benefícios oferecidos, o que causa certa rivalidade entre as partes. Caso contrário, aqueles que se beneficiam não continuariam criando novas tecnologias a partir das anteriores, e com melhoras significativas. Basta que se observe a história dos avanços tecnológicos e das guerras.

Quanto às mudanças na forma de se apresentar por meio da escrita, outro fato acontece em escala mundial. Xavier mostra que:

Estudos realizados por Crystal (2001, 2004) para o inglês britânico, Thurlow & Brown (2003) para o inglês norte-americano, Climent et alii (2007) para o espanhol, Anis (2007) para o francês, Palfreyman & Khalil (2007) para o árabe, Tseliga (2007) para o grego, Lee (2007) para o japonês, Su (2007) para o chinês, mostraram que esse fenômeno vem acontecendo com várias outras línguas, cujos inovadores também são nativos digitais. (XAVIER, 2013, p. 127).

É um fenômeno mundial em que as formas de se comunicar pela escrita se modificam. Para os gramáticos de cada nação, será um desafio acompanharem essa evolução linguística, pois a velocidade do fenômeno chamado *Internet* supera a tradição impressa, ou manuscrita. Porém, todas ainda coexistem no mundo.

E o *blog* se apresenta como suporte ideal para essas mudanças, por ser uma página de *web* pessoal e livre. Isso, sem contar a sua capacidade multimidiática.

3.2 Estrutura e regularidade nos blogs

Visto que o *blog* é também um suporte multimidiático que causa uma atitude responsiva, pretende-se, agora, mostrar como se organiza um *blog*, porém destacando a forma mais regular desta organização. Para isso, recorreu-se a

esquemas montados a partir da observação de diversos *blogs on-line*. Esse procedimento facilita na visualização porque se fosse apresentar cada *blog* com sua estrutura personalizada aqui, equivaleria apresentar milhares de descrições de identidades pessoais, o que foge a proposta deste estudo.

Esquematizando, têm-se algumas das possíveis formas de se apresentar um *blog*:

Esquema 3 – Esquema de *blog* com coluna à direita.

<h2 style="margin: 0;">CABEÇALHO DO <i>BLOG</i></h2> <p style="margin: 0;">(AQUI SE INSERE UM <i>BANNER</i>, ANIMADO OU ESTÁTICO, COM INFORMAÇÕES QUE IDENTIFICAM O PROPRIETÁRIO OU A INSTITUIÇÃO, COM ACONTECE NUM SITE). Já é possível inserir propagandas também.</p>		
<p>Data da Postagem (geralmente no formato DD, MM de AAAA)</p>	<p>Coluna da Direita, para os <i>gadgets</i> (também varia muito no formato e na extensão. É uma combinação variada de textos curtos, imagem, vídeo, animações em <i>gif</i>, <i>hyperlinks</i> e pode-se incluir mini-sites para: <i>Facebook</i>, <i>Twitter</i>, <i>YouTUBE</i> e outros sites)</p>	
<p>Título da Postagem (pode ser em outras cores de letras, ou com efeitos de negrito, <i>itálico</i> e <u>sublinhado</u>)</p>		<p>Olho-de-gato ou <i>aranha</i> (formas de propagandas em <i>hyperlinks</i> retrátil. Basta passar o mouse em cima que ele sobrepõe a página aberta)</p>
<p>Corpo da postagem (varia muito no formato e na extensão, podendo ser apenas textos, imagem, vídeo, animações em <i>gif</i>, <i>hyperlinks</i>; ou uma combinação variada desses elementos)</p>		
<p>Comentários (compõem-se de um espaço para inserção de textos; pode, ou não, apresentar espaço para troca de e-mail com o administrador do <i>blog</i>)</p> <p style="text-align: center;">Este espaço poderá ou não estar disponível, conforme o objetivo do autor ou a finalidade do <i>blog</i>.</p> <p>Esquema para mensagens:</p> <p>Nome: <input style="width: 450px;" type="text"/></p> <p>Assunto: <input style="width: 450px;" type="text"/></p> <p>e-mail: <input style="width: 380px;" type="text"/> @ <input style="width: 80px;" type="text"/></p> <p>mensagem:</p> <div style="border: 1px solid black; height: 60px; width: 500px; margin-top: 5px;"></div>		
<p>Rodapé da página (incluem-se, aqui, informações sobre direitos autorais, Nome do Modelo de página usado, fornecido automaticamente pela plataforma, e uma expressão como “Tecnologia do Blogger” ou “Tecnologia Wordpress”)</p>		

Fonte: arquivo pessoal.

Esquema 4 – Esquema de *blog* com coluna à esquerda.

<h2 style="margin: 0;">CABEÇALHO DO <i>BLOG</i></h2> <p style="margin: 0;">(AQUI SE INSERE UM <i>BANNER</i>, ANIMADO OU ESTÁTICO, COM INFORMAÇÕES QUE IDENTIFICAM O PROPRIETÁRIO OU A INSTITUIÇÃO, COM ACONTECE NUM SITE). Já é possível inserir propagandas também.</p>		
<p style="margin: 0;">Olho-de-gato ou aranha (formas de propagandas em <i>hyperlinks</i> retrátil. Basta passar o mouse em cima que ele sobrepõe a página aberta)</p>	<p>Coluna da Esquerda, para os <i>gadgets</i> (também varia muito no formato e na extensão. É uma combinação variada de textos curtos, imagem, vídeo, animações em <i>gif</i>, <i>hyperlinks</i> e pode-se incluir mini-sites para: <i>Facebook</i>, <i>Twitter</i>, <i>YouTUBE</i> e outros sites)</p>	<p>Data da Postagem (geralmente no formato DD, MM de AAAA)</p>
	<p>Título da Postagem (pode ser em outras cores de letras, ou com efeitos de negrito, <i>itálico</i> e <u>sublinhado</u>)</p>	
	<p>Corpo da postagem (varia muito no formato e na extensão, podendo ser apenas textos, imagem, vídeo, animações em <i>gif</i>, <i>hyperlinks</i>; ou uma combinação variada desses elementos)</p>	
	<p>Comentários (compõem-se de um espaço para inserção de textos; pode, ou não, apresentar espaço para troca de e-mail com o administrador do <i>blog</i>)</p> <p style="text-align: center;">Este espaço poderá ou não estar disponível, conforme o objetivo do autor ou a finalidade do <i>blog</i>.</p> <p>Esquema para mensagens:</p> <p>Nome: <input style="width: 100%;" type="text"/></p> <p>Assunto: <input style="width: 100%;" type="text"/></p> <p>e-mail: <input style="width: 80%;" type="text"/> @ <input style="width: 20%;" type="text"/></p> <p>mensagem:</p> <div style="border: 1px solid black; height: 40px; width: 100%;"></div>	
<p>Rodapé da página (incluem-se, aqui, informações sobre direitos autorais, Nome do Modelo de página usado, fornecido automaticamente pela plataforma, e uma expressão como “Tecnologia do Blogger” ou “Tecnologia Wordpress”)</p>		

Fonte: arquivo pessoal.

Esquema 5 – Esquema de *blog* com coluna à esquerda e à direita.

<h2 style="margin: 0;">CABEÇALHO DO <i>BLOG</i></h2> <p style="margin: 0;">(AQUI SE INSERE UM <i>BANNER</i>, ANIMADO OU ESTÁTICO, COM INFORMAÇÕES QUE IDENTIFICAM O PROPRIETÁRIO OU A INSTITUIÇÃO, COM ACONTECE NUM SITE). Já é possível inserir propagandas também.</p>		
<p>Coluna da Esquerda, para os <i>gadgets</i> (também varia muito no formato e na extensão. É uma combinação variada de textos curtos, imagem, vídeo, animações em <i>gif</i>, <i>hyperlinks</i> e pode-se incluir mini-sites para: <i>Facebook</i>, <i>Twitter</i>, <i>YouTUBE</i> e outros sites)</p>	<p>Data da Postagem (geralmente no formato DD, MM de AAAA)</p>	<p>Coluna da Direita, para os <i>gadgets</i> (também varia muito no formato e na extensão. É uma combinação variada de textos curtos, imagem, vídeo, animações em <i>gif</i>, <i>hyperlinks</i> e pode-se incluir mini-sites para: <i>Facebook</i>, <i>Twitter</i>, <i>YouTUBE</i> e outros sites)</p>
	<p>Título da Postagem (pode ser em outras cores de letras, ou com efeitos de negrito, <i>itálico</i> e <u>sublinhado</u>)</p>	
	<p>Corpo da postagem (varia muito no formato e na extensão, podendo ser apenas textos, imagem, vídeo, animações em <i>gif</i>, <i>hyperlinks</i>; ou uma combinação variada desses elementos)</p>	
	<p>Comentários (compõem-se de um espaço para inserção de textos; pode, ou não, apresentar espaço para troca de e-mail com o administrador do <i>blog</i>)</p> <p>Este espaço poderá ou não estar disponível, conforme o objetivo do autor ou a finalidade do <i>blog</i></p> <p>Esquema para mensagens:</p> <p>Nome: _____</p> <p>Assunto: _____</p> <p>e-mail: _____ @ _____</p> <p>mensagem:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	
<p>Rodapé da página (incluem-se, aqui, informações sobre direitos autorais, Nome do Modelo de página usado, fornecido automaticamente pela plataforma, e uma expressão como “Tecnologia do Blogger” ou “Tecnologia Wordpress”)</p>		

Conforme pôde ser observados, os esquemas apresentados são facilmente visualizados em qualquer estrutura de um *blog*. Xavier (2013, p. 105) tinha apresentado o *blog* como “um site de um indivíduo ou instituição, contendo informações pessoais ou profissionais sobre as atividades do sujeito ou da instituição”, mas ele continua dizendo que, se esse tipo de página da *web* é tão importante na *Internet*, isso se deve ao fato de os *blogs* funcionarem “como os diários pessoais sem as revelações de segredos íntimos e detalhes das particularidades dos autores”, conforme argumentou Xavier (2013, p. 66). Ele mesmo acrescenta que os *blogs* se espalharam tanto ao ponto de se criar um fenômeno denominado como “blogosfera”. Xavier comenta que esse tipo de página ganhou “diferentes usos, proporcionando o surgimento de vários tipos de acordo com os diversos propósitos de seus criadores e mantenedores”. (XAVIER, 2013, p. 66).

Logo, pôde-se perceber, também, que não se trata de um gênero na visão da Linguística, pois um gênero é algo específico para se comunicar alguma informação, conforme propõe os teóricos dos gêneros, a partir de um contrato social que reconhece uma forma mais ou menos estável. Assim, concorda-se com Silva (2009, p. 184), que apresenta o *blog* como “uma espécie de página pronta na internet, na qual o autor pode publicar livremente qualquer tipo de texto”. Esse texto — a postagem — de que Silva comenta, sim, pode ser considerado um gênero, pois é uma forma de comunicação entre os interlocutores.

Contudo, Xavier (2013), deixa bem claro que o *blog* não é a última novidade da Internet:

Posteriormente chegaram ao mercado digital os sites de relacionamento como Orkut, Facebook, MySpace etc. Essas ferramentas de comunicação abriram caminho para a segunda fase da Internet, a chamada Web 2.0, cuja característica principal é o aumento da participação dos usuários da rede (XAVIER, 2007). Eles, além de consumidores de conteúdo, tornaram-se também produtores de informação. Entretanto, mesmo antes da Web 2.0, os usuários da rede já tinham descoberto, nesta mídia, seu potencial integrador não só de dados, mas também de pessoas. Os sites temáticos individuais e não institucionais já existiam desde a invenção da *www* por Tim Banners-Lee em 1991. Anterior a esta plataforma amistosa de acesso à rede, [...] havia o e-mail que por meio de listas estimulava a comunicação, o debate e a troca de ideias entre aqueles que se subscreviam à lista. (XAVIER, 2013, p. 66).

Então, é fato que as pessoas já estavam conectadas anteriormente na primeira versão da *Web*. O e-mail era um importante instrumento de comunicação verbal, e continua sendo na era dos blogueiros da *Web 2.0*. É só observar que os e-mails ainda são muito utilizados nos meios corporativos; e uma forma modificada desse e-mail é empregada nos *blogs* como espaço para que os internautas escrevam seus comentários sobre algum assunto postado pelo autor desse *blog*. Com isso, esses internautas passaram da **interação** para a **interatividade**.

Silva (2014) apresenta uma distinção entre esses dois termos, importantes para se compreender o agir do professor nos *blogs*. Ele diz o seguinte:

De modo geral autores, artistas e tecnólogos não têm feito diferença entre interação e interatividade. E há os que dizem que interação refere-se a relações humanas, enquanto interatividade está restrita à relação homem-máquina (tecnologias, equipamentos, sistemas, no sentido do sistema hipertextual, da tecnologia informática). Em princípio não aceito tal posição. A interatividade está na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e intervenção. Digo isso porque um indivíduo pode se predispor a uma relação hipertextual com outro indivíduo. Esta perspectiva é para mim muito cara, uma vez que venho pesquisando o "professor interativo" na relação interpessoal em sala de aula. O professor pode se posicionar além da interação com seus alunos, pois essa interação já ocorre "naturalmente" na separação emissão-recepção que, aliás, tem sido a característica inabalável da docência nos últimos cinco mil anos. (SILVA, 2014).¹⁷

Escolheu-se essa distinção básica por conta da análise que se pretende fazer da atuação de professores que utilizam seus *blogs* para compartilhar seus conhecimentos sobre a língua. Fica claro que a distinção que Silva (2014) faz é pertinente. Mais adiante, será apresentado o conceito de **usabilidade**, tão importante quanto esses de **interação** e de **interatividade**.

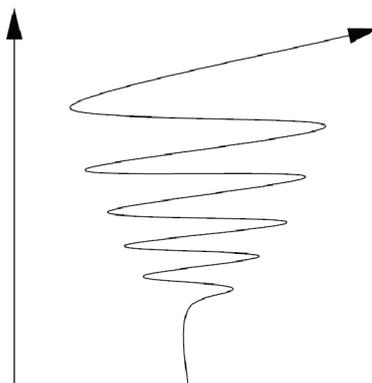
Em relação à interatividade, o modelo de comunicação apresentado anteriormente é útil, contudo, existe outro modelo que será apresentado rapidamente: **modelo em espiral de Dance**.

Martino (2013) esclarece que para Dance (1967 apud MARTINO, 2013, p. 34), não existe uma comunicação estática, pois esta continua se movimentando sempre para frente, no sentido do tempo. A ideia de espiral equivale a dizer que a cada

¹⁷ Por se tratar de um artigo publicado no formato HTML, não é apresentado o número da página.

momento dessa comunicação, informações se acumulam, e isso causa o aumento das informações, conforme se vê no esquema abaixo:

Esquema 6 – Esquema do modelo de comunicação em espiral de Dance.



Fonte: Dance (1967 apud MARTINO, 2013, p. 34).

Conforme expõe Martino (2013), Dance não aprofundou em sua teoria, mas deixou uma noção de que, durante a comunicação, a tendência é o aumento das informações entre os interlocutores, o que promoveria um certo acúmulo dessas informações.

Outro teórico que acrescentou informações significativas aos estudos da comunicação humana foi Gerbner, em 1956 (MARTINO, 2013, p. 35). Ele acreditava que, num processo comunicativo, sempre uma pessoa reagirá a esse processo, criando “um produto, em uma forma e dentro de um contexto, conduzindo o conteúdo com alguma consequência”. Parece, então, que os interlocutores criam ao se comunicarem entre si. Fica bem visível essa situação, quando se navega pela *Internet* e se observa os comentários diversos sobre o assunto postado, seja num *fórum*, num *site* ou num *blog*. Tem-se aqui uma noção clara de **interatividade**.

Xavier mostra que estudiosos já compreendem que tanto a *Internet* quanto as TIC ajudam pessoas a personalizarem comunidades e a promover uma transformação importante na natureza dessas comunidades. Para ele, essas comunidades estão “glocalizadas”¹⁸, isto é, funcionam com uma parte local e com outra, global. Porém, “as relações domésticas permanecem como as unidades

¹⁸ Este termo, “glocalidade” apresenta uma noção muito próxima daquelas noções de “globalização” e de “mundialização”, apresentadas no Capítulo 1 desta Dissertação.

preeminentes na organização da vida familiar e comunitária”. Essas redes funcionam como abrigos de superposição das comunidades. (XAVIER, 2013, p. 67).

Todavia, observa Wellman (2010), as conexões acontecem de pessoa para pessoa dentro do grupo e isso não representa isolamento pessoal dos seus membros, apenas revela a autonomia e flexibilidade daqueles que usam as redes sociais. Isso significa aumento na responsabilidade das pessoas para estabelecerem suas redes e ampliação da liberdade para elas gerenciarem suas interações. (XAVIER, 2013, p. 67).

É importante compreender que os internautas interagem, tanto na interação quanto na interatividade, porém sem perderem suas identidades.

Quanto a essas identidades, Xavier (2013) argumenta que as pessoas são, agora, cidadãos de uma “cidadania global”, o que os permitem criar uma dupla identidades: uma para a vida no espaço físico, outra para a vida virtual. E ele afirma que:

As consequências imediatas observadas desse fato foram, por um lado, a conquista dos sujeitos contemporâneos de uma espécie de “cidadania global”, por outro, o fato de esses sujeitos conservarem a noção de pertencimento aos núcleos doméstico, familiar e comunitário que os remetem sempre às suas raízes e aos sistemas de referências centrais que orientam seus percursos no universo virtual. (XAVIER, 2013, p. 68).

Junto dos conceitos de **interação** e de **interatividade**, acrescenta-se o conceito de **usabilidade**, termo este que circula entre os *experts* em *webpages*.

Empresas desenvolvedoras de *webpages* se ocupam sistematicamente com a questão da usabilidade das páginas. Quem fez um estudo sistemático sobre a **usabilidade** foi Nielsen (2007). Como autoridade no assunto ele a define de forma clara e simples:

A usabilidade é um atributo de qualidade relacionado à facilidade do uso de algo. Mais especificamente, refere-se à rapidez com que os usuários podem aprender a usar alguma coisa, a eficiência deles ao usá-la, o quanto lembram daquilo, seu grau de propensão a erros e o quanto gostam de utilizá-las. Se as pessoas não puderem ou não utilizarem um recurso, ele pode muito bem não existir. (NIELSEN, 2007, p. xvi).

Devido às grandes diferenças nos mecanismos de buscas, o modo de encontrar um *site* é mais importante muitas vezes do que o próprio conteúdo, conforme argumenta Nielsen (2007). Essas mudanças mudaram o modo de se ver os critérios de **usabilidade**, portanto há uma nova postura ao se criar uma página na *web*. “Tudo a um clique, e ninguém conseguirá nada se muitas barreiras ou atrasos forem impostos aos usuários para que obtenham o que querem.”

Este pesquisador das TIC afirma que as diretrizes de usabilidade estão baseadas em três níveis de pesquisas, a saber (NIELSEN, 2007, p. 17):

1. O primeiro nível a ser observado é o comportamento geral dos usuários pela maioria dos *websites*;
2. O segundo nível diz respeito às descobertas especializadas sobre gêneros específicos de *sites* ou áreas específicas de *sites*.
3. Por fim, têm-se as descobertas detalhadas sobre a relação de um *site* e seus clientes.

Quando se pensa na possibilidade de construir um *blog*, com a intenção de divulgar informações, apresentar conteúdos ou até mesmo agir como professor em sala de aula, porém, num espaço virtual, o professor deveria pensar a respeito *deste blog*. Deveria também saber como preparar uma página eficiente que realmente atenderá às necessidades do seu público. Muitas vezes, um usuário entra na plataforma, *blogger* ou *wordpress*, escolhe um *template* (modelo pronto), atribui um título, personaliza, sem muitos critérios, as colunas laterais com os *gadgets*, e pronto! Esse usuário já tem um *blog*. A questão recai sobre seus objetivos com essa potente ferramenta digital. Portanto, o professor blogueiro deveria conhecer e aplicar as técnicas de **usabilidade**.

Nielsen (2007) mostra algo que vai de encontro ao conteúdo comumente disponibilizado por professores de Língua Portuguesa: a quantidade de informação. Para NIELSEN, o mais importante que uma página da *web* precisa comunicar aos novos usuários é visto em torno de trinta segundos:

- O site a que eles chegaram;
- Os benefícios que a empresa oferece;
- Algo sobre a empresa e seus produtos mais recentes ou novos desenvolvimentos;
- As opções para os usuários e como chegar à seção mais relevante para eles. (NIELSEN, 2007, p. 30).

Ele acrescenta que essa tendência deverá continuar. É evidente que um *blog* se difere de um *site* no que diz respeito ao conteúdo e ao público-alvo, mas algo parecido pode ocorrer, afinal trata-se de acessibilidade numa página da *web*. Nielsen (2007) continua:

Com trinta segundos à sua disposição, todas as mensagens precisam ser extremamente simples e diretas. Não deverá haver longos parágrafos que os usuários nunca lerão. A maioria dos adultos podem ler aproximadamente entre 200 e 300 palavras por minuto, dependendo do nível de instrução. Talvez você ache que isso lhe permite apresentar uma mensagem de boas-vindas contendo 100 palavras na sua homepage. Não, ao contrário: dez a vinte palavras é mais realista. Os usuários gastarão a maior parte dos seus 25 a 35 segundos pensando no próximo site a visitar, não lendo palavra por palavra sobre o que torna você especial. (NIELSEN, 2007, p. 30).

Ele comenta que isso acontece porque existe um mecanismo forte de busca por palavra-chave. Primeiro, as palavras-chaves são fator de ranqueamento de *webpages* na *internet*. Segundo, se outros *sites* estiverem mais elaborados no sentido da acessibilidade e oferecerem mais usabilidade, certamente tal site figurará na primeira página de busca, como o *Google*. (NIELSEN, 2007, p. 44)

Trata-se, portanto, de um virtual mundo competitivo. Daí pensar que o professor blogueiro deva ser empreendedor. Caso contrário, ele será mais uma página na grande teia mundial de redes.

NIELSEN (2007) apresenta outra noção sobre a administração de *webpages*. Ele fala sobre a lucratividade. “Embora anúncios em sistema de pesquisa sejam uma excelente maneira de guiar o tráfego, não são a única.” Entre *links*, propaganda boca-aboca, anúncios off-line etc. NIELSEN apresenta ainda os “resultados orgânicos”, listagens gratuitas que mostram *sites* que têm uma boa classificação para consultas do usuário, mesmo sem nenhum anúncio. (NIELSEN, 2007, p. 44).

Percebe-se que um administrador de *site*, ou de *blog*, deve se preocupar com o conteúdo, com a forma que o disponibilizará e com a conduta de seus usuários. Além disso, deve se preocupar com esse sistema complexo de acessos e de ranqueamento, para obter sucesso na *Internet*. Isso reforça a noção de empreendedorismo que um professor blogueiro deva ter ou desenvolver. Não se

trata apenas de “achar seu lugar” na *web*. Trata-se, na verdade, de conquistar um espaço que o premie de alguma maneira. É algo similar ao espaço da sala de aula: tem professor que dá aula, e tem professor que proporciona aos seus aprendentes a possibilidade do conhecimento.

Na *Internet*, os internautas são co-autores daquilo que lhes é oferecido. Eles controlam o que querem ler, e não o professor. Esse fato se dá por conta da descentralização do poder que o professor tradicional detinha, numa escola transmissora e detentora do conhecimento. Agora, o professor deve interagir, no sentido da interatividade, com seus aprendentes, com a finalidade de mostrar como estudar, como aprender. O conteúdo fica por conta dos *sites* de busca, que, eventualmente, poderá ranquear em primeira página, o *blog* daquele professor com perfil mais empreendedor.

Tendo em mente os conceitos de **interação**, de **interatividade** e de **usabilidade**, agora, pode-se compreender o *blog* como um suporte de comunicação, com todos os elementos apresentados em esquemas. Indo além do senso comum, pode-se afirmar que o *blog* é um suporte de vida virtual, no qual o professor pode ampliar suas práticas pedagógicas para além da sala de aula. A questão a seguir será compreender a operacionalização do *blog* enquanto ferramenta de trabalho do professor.

3.3 Operacionalização do blog enquanto ferramenta

Estudar sobre a operacionalização do *blog* é muito importante, pois equivale à compreensão do papel do professor no ambiente virtual. Retomando as funções básicas do professor, já vistas no Capítulo 2, como base dessa parte do estudo, têm-se estas funções:

- zelar pelo desenvolvimento pessoal dos alunos, considerando aspectos éticos e de convívio social;
- criar situações de aprendizagem para todos os alunos;
- conceber, realizar, analisar e avaliar as situações didáticas, mediando o processo de aprendizagem dos alunos nas diferentes áreas de conhecimento; (BRASIL, 2000, p. 11-12).

Ao estudar essas funções e outras que mais especificamente caracterizam o professor como empreendedor, propõe-se uma observação da primeira função acima. A questão é mais ampla, pois, para que o professor zele com eficiência, ele deverá, primeiramente, criar uma situação de aprendizagem para todos os alunos, o que requer do professor a terceira função, que é conceber, realizar as situações didáticas, mediando o processo de aprendizagem proposto, para, em seguida, analisar e avaliar. Em seguida, esse professor, já com os resultados em mãos, poderá dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem de seus aprendentes. Tudo acontece numa comunicação de via dupla.

Contudo, como seria num *blog*? Como o professor manteria esse processo num ambiente em que ele mesmo seria interrompido por seus aprendentes a qualquer momento?

Esses questionamentos surgem a partir do momento em que esse professor não está mais na sala de aula, naquela tradicional interação professor-aluno e suas aulas com exercícios regulares até chegarem à prova. A cada comentário, uma nova informação chega, e, como propôs Dance (1967), um acúmulo acontece. O ambiente, agora, é outro. O tempo continua, mas a comunicação está se alterando por conta da não linearidade e da *interação*.

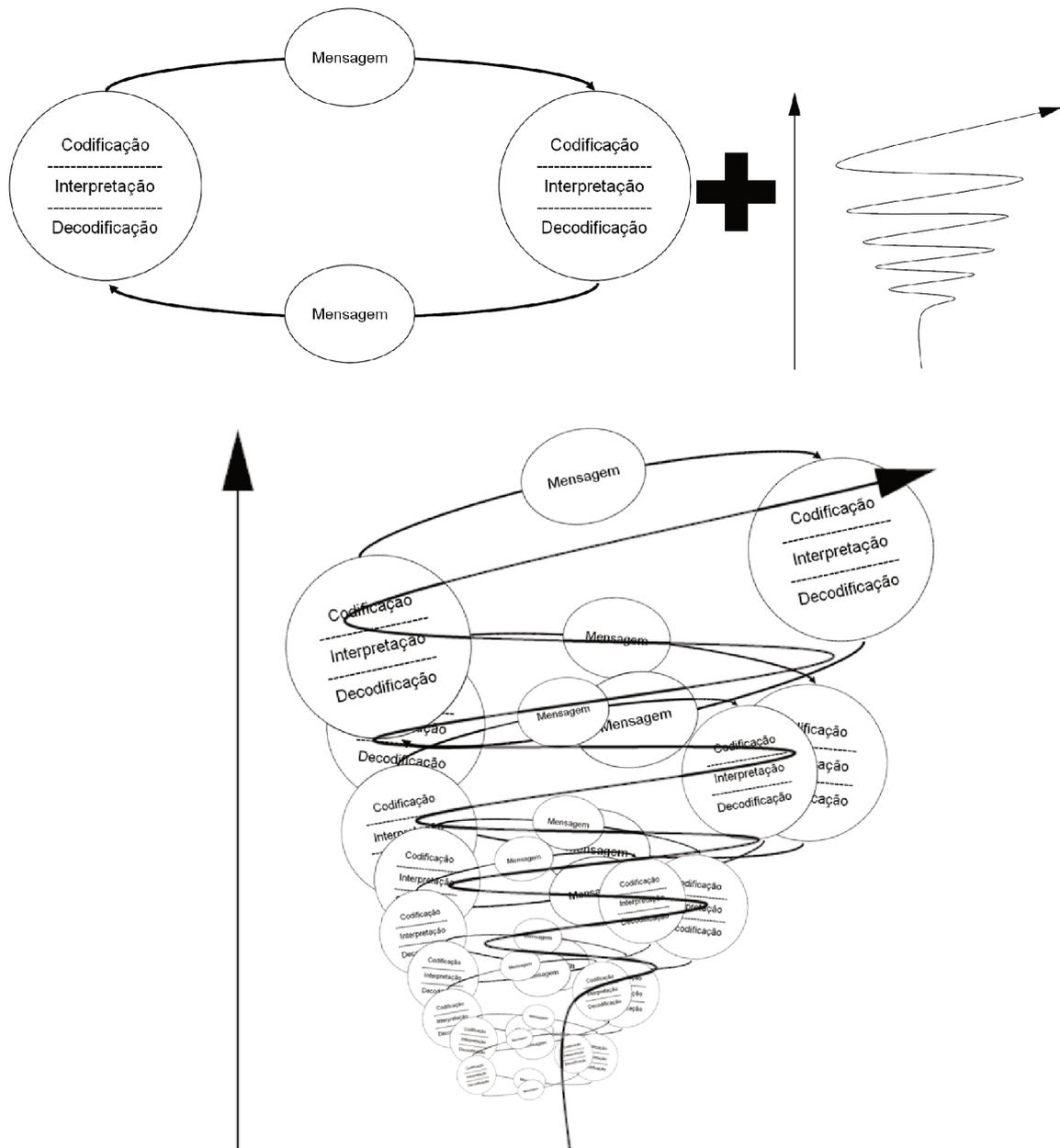
Em certa medida, o **Modelo de Osgood e Schramm**, esquema comunicativo apresentado por Martino (2013, p. 30) como modelo de comunicação que mostra a interação entre as pessoas, mudou para algo mais abrangente. Por conta do fenômeno da *interatividade*, o modelo de comunicação apresentado anteriormente é útil, desde que o compreendamos na forma do **Modelo em espiral de Dance** (DANCE, 1967 apud MARTINO, 2013, p. 34). Lembrando que, para Dance não existe uma comunicação estática, pois esta continua se movimentando sempre para frente, no sentido do tempo. A ideia de espiral equivale a dizer que, a cada momento dessa comunicação, informações se acumulam, e isso causa o aumento das informações, conforme se vê no esquema que se segue.

Em cada evento comunicativo, dentro do processo de *interatividade*, sempre haverá um retorno, como propuseram com o **Modelo de Osgood e Schramm**, à esquerda. Agora, em vários desse evento superpostos, na forma do **Modelo em espiral de Dance**, ocorreria algo muito diferente do que se tem na comunicação

tradicional. Esse acontecimento é muito comum nos ambientes virtuais, principalmente por se tratar de grupos de pessoas interagindo.

Como mostrou Martino (2013), sempre há o acúmulo de informações, nunca o contrário. Daí o efeito em espiral. Eis o esquema:

Esquema 7 – Esquema representando a junção dos modelos de comunicação propostos por Osgood e Schramm e por Dance, respectivamente.



Fonte: Montagem pessoal a partir dos esquemas originais apresentados por Martino (2013).
 Legenda: Enquanto o tempo passa linearmente, as informações tendem sempre ao acúmulo, num movimento de espiral.

Parece caótico, e muitos veem a comunicação na *web* dessa forma; mas trata-se apenas de uma nova forma de organização, sem detrimento das formas anteriores, como já foi dito. Cada interação pelas telas dos dispositivos, junto a não linearidade dos textos, causa algo semelhante ao que foi ilustrado acima. O professor que está habituado à lousa da sala de aula se depara com esse acúmulo de informação, e, às vezes, não sabe como lidar com esse acúmulo.

Uma solução cabível é o uso do hipertexto, e, para compreendê-lo, vimos em Xavier (2013). Ele apresenta o **hipertexto** como

um dispositivo 'textual' digital semiolinguístico (dotado de elementos verbais, imagéticos e sonoros) on-line, isto é, indexado à Internet com um domínio URL ou endereço eletrônico localizável na World Wide Web" (XAVIER, 2009 apud XAVIER, 2013, p. 16).

Assim, o professor já pode compreender que, naquela aparente confusão no processo de comunicação em espiral, mesmo com o acúmulo de informações, é possível filtrar e compreender a mensagem transferida. O que não pode é tentar fazer de um suporte virtual, como o *blog*, um suporte impresso, como um livro didático. É claro, que o professor deve ter em mente aquilo que foi dito anteriormente: não é necessária a exclusão total dos modelos anteriores de comunicação; apenas, uma adequação ao ambiente virtual.

O professor se vê diante do desafio de reinventar o seu agir pedagógico, o que lhe tomará certo tempo para o treinamento. Xavier (2013) explica que "a criação de uma tecnologia sempre parte das condições epistêmicas e materiais estabelecidas pela tecnologia anterior, procedimento natural a todo processo de geração de novos produtos e soluções". Com isso, se a profissão de professor já não é mais a mesma, esse professor passará, inevitavelmente, por uma atualização. O professor deverá reinventar-se, sem se preocupar negativamente com o novo, pois, conforme reforça Xavier,

toda invenção é, certamente, "reinvenção", adaptação de peças e procedimentos preexistentes que retratados assumem outras funções. Toda mudança busca satisfazer o desejo insaciável pelo diferente e, muitas vezes, pelo desnecessário que é próprio dos humanos. (XAVIER, 2013, p. 28).

A própria postura na escrita dos textos foi reinventada. Atualmente, o que mais se vê nas páginas da *web* são hipertextos, e, com eles, a leitura acontece de modo diferente, pois uma gramática diferente é empregada nesse hipertexto. Oliveira e Gurpilhares (2010) mostra claramente os conceitos de código, de linguagem e de gramática, de forma que facilitam a compreensão do que seria hipertexto:

código (linguagem) é um conjunto de regras (gramática) que manipula cifras (elementos) desse código. Logo, todo código se permite ser cifrado e decifrado, caso se possua a chave para tal.

Exemplificando: grosso modo, o código binário (linguagem de máquina) que dá sentidos a “0s” e “1s” entrega (input) a um dispositivo interfaceador seus comandos, os quais são devidamente transformados (output) em cifras de outro código (linguagem), sobre o qual a interface também é especializada. Ou seja, segundo Lévy (1998, p. 176), “A interface mantém juntas as duas dimensões do devir: o movimento e a metamorfose. É a operadora da passagem.”. (OLIVEIRA e GURPILHARES, 2010, p.147).

Com esse raciocínio, podem-se apresentar, agora, duas definições que se complementam em relação ao hipertexto, do ponto de vista linguístico.

Koch (2002)¹⁹ argumenta que “na construção do sentido, há um constante movimento em variadas direções, bem como o recurso ininterrupto a diversas fontes de informações textuais ou extratextuais”. Com isso, percebe-se que não há uma compreensão de modo “linear e sequencial”. Isso é hipertexto e existe em todos os textos que fazem referências a outros textos. Para Koch todo texto é um hipertexto, pois “O hipertexto é também uma forma de estruturação textual que faz do leitor, simultaneamente, um co-autor do texto”.

Outro pesquisador dos hipertextos é Marcuschi (2001)²⁰. Ele afirma que o hipertexto

É um espaço aberto, sem margens e sem fronteiras. Esta caracterização é correta, mas prefiro pensar nesse novo espaço como um espaço cognitivo que exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto. Sobretudo as estratégias que dizem respeito à continuidade textual. Pois o “novo espaço” não é mais linear nem se comporta numa direção definida. (MARCUSCHI, 2001 apud OLIVEIRA e GURPILHARES, 2010, p.147).

¹⁹ Koch (2002, p. 63 apud OLIVEIRA e GURPILHARES, 2010, p.147).

²⁰ Marcuschi (2001 apud OLIVEIRA e GURPILHARES, 2010, p.147).

Conclui-se, com essas informações, que, ao se ler uma *webpage*, o leitor executa outras funções além daquelas exigidas na leitura convencional, já que, além de ler linearmente (o que não é deixado de lado, como poderia ser pensado), o leitor deve ler, também, as direções possíveis para além daquele texto.

É fato que o espaço virtual não deixa de lado a velha noção de espaço físico, garantindo apenas mais uma nova experiência de leitura. Nesse caso, o professor deveria ter em mente o que irá disponibilizar em seu *blog* para que seus aprendentes consigam obter o máximo de desempenho. Isso complementaria o que é aprendido em sala de aula.

Todavia, esse compartilhamento no tempo e no espaço de informações de um sujeito a outros pela escrita nunca se dá de forma completa e jamais de modo total. Trata-se de uma tecnologia de comunicação limitada que, para funcionar com relativo sucesso, precisa contar com um grande esforço mental na decifração dos seus sinais e com uma indispensável colaboração do thesaurus guardado na memória de cada um dos sujeitos que aceitam o desafio de interpretá-la. (XAVIER, 2013, p. 30).

E o que o professor irá fazer, caso seus aprendentes não consiga compreender o que se propôs a ensinar. Xavier lembra a todos que a escrita é um tipo específico de linguagem gráfica que reapresenta a fala, comunicando ideias (XAVIER, 2013, p. 30). Desta maneira, o professor deve atentar bem para as suas postagens, para que haja realmente a comunicação que ele pretendeu em seu *blog*.

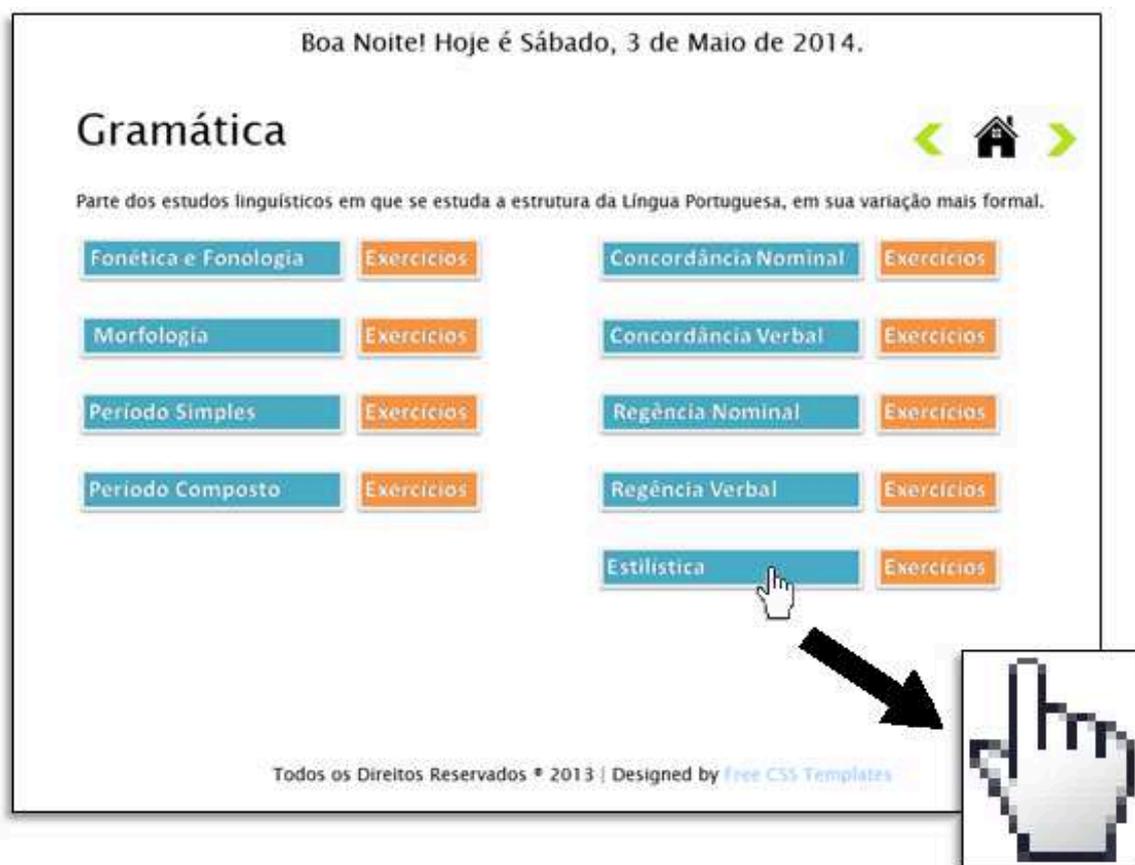
Um recurso que evitaria problemas de não compreensão de textos na *web* é o **hyperlink**. Este recurso possibilita que o professor conduza seus alunos para outras páginas em que poderiam estar disponíveis informações que os ajudariam no seu aprendizado, podendo ser um vídeo, um texto curto, uma imagem e até mesmo outros *blogs*. Importante é atingir os objetivos propostos, dentro da ética educacional.

Entendendo que o hipertexto direciona seus leitores por diversos caminhos, é interessante ilustrar como isso se dá. Para tal ilustração, apresentou-se o código de um *hyperlink* e a aparência que este tem.

Um *hyperlink* é um código em html (*hypertext multilanguage*), isto é, um código inserido numa folha de programação para a construção da *webpage*, ou *site*.

A aparência pode ser de diversas formas, como ilustram as figuras que se segue:

Imagem 1 - Exemplo de *hyperlink* assinalado com o *mouse* em forma de mãozinha.

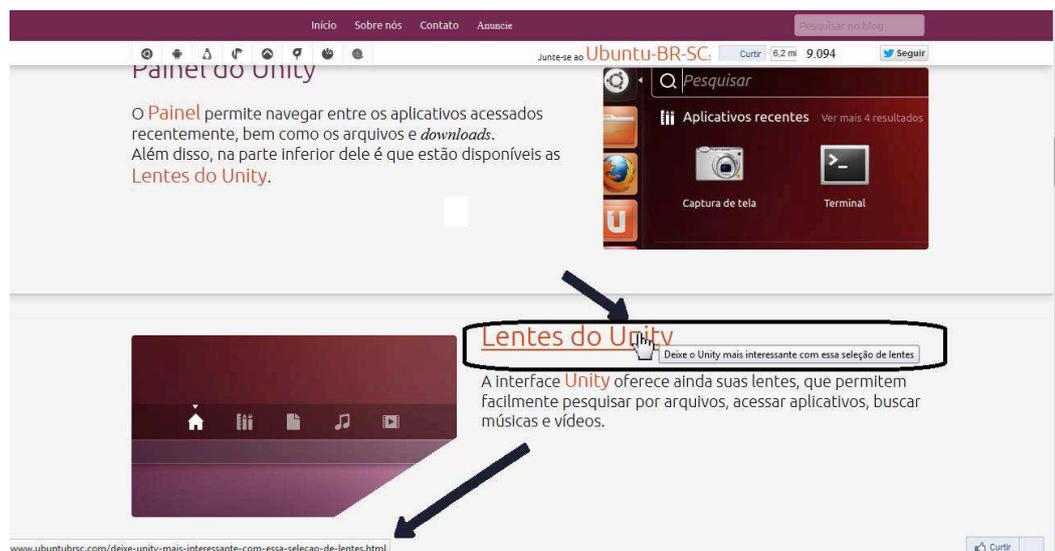


Fonte: arquivo pessoal.

A página apresentada na imagem acima é apenas um exemplo simples desenvolvido em *HTML* e *CSS*, de um modelo (*template*) de *site* que o autor desta pesquisa utiliza, gratuitamente, para estudar a Linguagem *HTML* e outras ferramentas de construção de *websites*.

Ao se observar atentamente, diversos elementos aparecem na janela em que o site exibe o *hyperlink*, como será mostrado na próxima imagem. Para acompanhar a demonstração, acompanhe as marcações e as setas em cor negra.

Imagem 2 - Exemplo de *hyperlink* assinalado com o *mouse* em forma de mãozinha.



Fonte: <<http://www.ubuntu-brsc.com/deixe-unity-mais-interessante-com-essa-selecao-de-lentes.html>>.

Nessa imagem, vemos a página inteira, onde são apontados o *hyperlink* e o endereço deste *site*. Mais abaixo, no rodapé da janela. Ampliando, têm-se:

Imagem 3 - Exemplo de *hyperlink* e de uma identificação do endereço do *site* na *Internet*, mostrado no rodapé do navegador.



Fonte: <<http://www.ubuntu-brsc.com/deixe-unity-mais-interessante-com-essa-selecao-de-lentes.html>>.

O interessante é compreender que o que se vê na tela do computador é a interface gráfica de algo mais textual, conforme pode ser comprovado pela imagem seguinte:

Imagem 4 - Visão do código em HTML do *link* exemplificado nas imagens anteriores.

```

299         <p>O <strong>Painel</strong> permite navegar entre os aplicativos acessados recentemente, bem como os arquivos e
<em>downloads</em></p>
300     <p>Além disso, na parte inferior dele é que estão disponíveis as <strong>Lentes do Unity</strong>.</p>
301     </section>
302 </div>
303 </article>
304
305     <article role="article">
306     <div id="left-note">
307     <p class="image"></p>
308
309     <section>
310     <h2><a href="http://www.ubuntubrsc.com/deixe-unity-mais-interessante-com-essa-selecao-de-lentes.html" title="Deixe o Unity
mais interessante com essa seleção de lentes">Lentes do Unity</a></h2>
311     <p>A interface <strong>Unity</strong> oferece ainda suas lentes, que permitem facilmente pesquisar por arquivos, acessar
aplicativos, buscar músicas e vídeos.</p>
312     </section>
313     </div>
314 </article>
315
316     <article role="article">
317     <div id="right-note">
318     <p class="image"></p>
319
320     </div>
321 </article>

```

Fonte: <<http://www.ubuntubrsc.com/deixe-unity-mais-interessante-com-essa-selecao-de-lentes.html>>.

Para facilitar a leitura desta imagem, transcreveram-se os itens, conforma a enumeração acima:

```

</p>

```

Nessa *Tag*²¹, têm-se o *link*, em azul, que indica o endereço da imagem, a pasta (*SC files*) e o nome de arquivo da imagem (*unity-lentes.jpg*). Em seguida, algumas atribuições são acrescentadas, como “alt”, indicador de um rótulo suspenso dessa imagem, conforme se vê na Imagem 4, anteriormente apresentada. Também, vê-se duas atribuições, *width*="400" e *height*="225", que indicam a largura e a altura da imagem respectivamente.

```

<a href="http://www.ubuntubrsc.com/deixe-unity-mais-interessante-com-essa-selecao-de-lentes.html" title="Deixe o
Unity mais interessante com essa seleção de lentes">Lentes
do Unity</a>

```

O *link*, em azul, indica o endereço, na web, do artigo referente à ferramenta Unity. Desta vez, a terminação (*html*) é própria da estruturação da linguagem utilizada na construção de sites. A *tag title* apresenta um rótulo na janela do site, indicando uma síntese da ideia proposta no artigo a que se refere, e que o internauta irá ler para agir com um clique no *link*. Trata-se, propriamente, da expressão “Lentes do Unity”, que aparece limpinha no site, ocultando todos os elementos da linguagem

²¹ *Tag* é o nome que se dá a cada bloco funcional do código, como se fosse comandos específicos, com funções específicas na página.

html, vista acima. É bom lembrar que, para esse rápido estudo do *hyperlink*, dentro da linguagem HTML, foram deixados de lado outros elementos igualmente importantes.

A título de conhecimento e de ilustração, disponibilizou-se o código completo para a postagem de um vídeo na página de um *blog*²². Com uma sintaxe simples, qualquer professor que aprender um pouco sobre as plataformas, poderá disponibilizar muitas informações aos seus aprendentes.

```
<embed autoplay="false" "src="VIDEO.wma" width="50" height="50"></embed>23
```

Em **autoplay**, coloca-se “false” para que o vídeo não seja executado automaticamente. Caso desejar, escreve-se “autostart”. Em **src**, insere-se o nome do vídeo com a extensão correta. No exemplo, tem-se *VIDEO.wma*, mas pode ser *.mp4*, entre outros formatos de vídeo disponíveis. Os termos **width** e **height** são, respectivamente, as atribuições de largura e de altura em pixel.

Assim, encerra-se uma exemplificação prática do que é um *hyperlink*, elemento constituinte do que se chama hipertexto. Existem muitos outros elementos que contribuem na construção de uma página não linear de um site. Esses elementos estão diretamente relacionados no que dizem respeito ao gênero, à função pragmática, à construção de sentidos e à postura de leitor de quem navega por tal página.

Até aqui, pôde-se compreender que, por detrás da página que se veem na tela do computador, outros elementos são necessários para a construção do hipertexto. Isso leva a inferir que o procedimento de leitura desse tipo de texto não é o mesmo procedimento do texto impresso ou manuscrito. E o professor, como construtor de sua página deverá aprender a empregar essas ferramentas para atuar conscientemente em relação a essa nova forma de leitura.

Outro aspecto do qual o professor deverá se ocupar é sobre a distinção da escrita. Xavier (2013, p. 34) é categórico ao afirmar que “Não há possibilidade

²² No *Ferramentas Blog*, já é explicado que não é mais necessário saber o código, pois a própria plataforma reconhece o link com o código, incorporando-o à página do blog. Disponível em: <<http://www.ferramentasblog.com/2011/07/esqueca-dos-embed-de-video-e-imagem-no-wordpress.html>> Acesso em: 16 Fev. 2015.

²³ Disponível em <> Acesso em: 16 Fev. 2015.

técnica de substituição da fala pela escrita. Aquela é muito mais rica e completa retoricamente do que esta.” (XAVIER, 2013, p. 34). Com essa informação, o professor deve cuidar de suas postagens, observando a “dosagem” de formalidade, para que seus aprendentes compreendam que, mesmo à distância, o professor ora “conversa” com eles ora os instrui, seja para um esclarecimento seja para uma orientação.

Para Xavier (2013), já se consagrou o encontro das pessoas nos ambientes virtuais; isso, graças às tecnologias computacionais.

Apesar do obstáculo geográfico real, elas [as pessoas] descobriram afinidades e passaram a dialogar entre si a fim de trocar informações sobre seus passatempos favoritos, temas profissionais de interesse comum e até relataram publicamente acontecimentos banais da vida privada. Esse tipo de relação interpessoal remota proliferou com todo vigor a partir da disponibilização de recursos para a montagem de páginas pessoais, sem a necessidade de dominar os códigos informáticos (HTML) que permitiam a ancoragem de sítios na web. (XAVIER, 2013, p. 65).

Ele complementa dizendo que pesquisadores afirmam que a *Internet* é “um laboratório virtual de experimentos voltados para o desenvolvimento de identidades”. E, nesse laboratório hipermoderno, os estudiosos se deparam com um paradoxo:

[...], a vulnerabilidade dos seus usuários se apresenta como uma desvantagem considerável, todavia, a oportunidade que eles têm para ampliar suas habilidades sociais mostra-se de fato uma vantagem incalculável. (XAVIER, 2013, p. 76).

O objetivo desse capítulo foi buscar informações sobre o funcionamento e sobre a estrutura dos *blogs*, lugares de atuação desses professores. Entender a regularização e a operacionalização dos *blogs* enquanto ferramentas que permitem um processo de ensino-aprendizagem altamente eficiente é fundamental para que se possa observar o novo perfil de professor que surge, pois o mundo moderno, essencialmente industrial, já mudou para um mundo hipermoderno. E, neste capítulo, foram mostradas ferramentas diversas que capacitam o professor para um primeiro contato com os *blogs*. A partir desse ponto, o professor já deverá ser capaz de buscar, na própria *Internet*, instrumentos, treinamentos e informações para o seu aprimoramento.

CAPÍTULO 4

ANÁLISES DE *CORPUS*

Neste capítulo, com o intuito de traçar um perfil mais empreendedor de alguns professores blogueiros que atuam na *Blogosfera*, foram feitas análises de seis *blogs*. Depois de selecionados, procedeu-se a uma observação sistemática da organização dos elementos constituintes de cada *blog*, bem como da apresentação dos conteúdos de Linguagem (Língua Portuguesa, Literatura etc.) e da maneira como esses professores interagem com seu público leitor, os internautas. Para os procedimentos com a linguagem observaram-se os conceitos de **interatividade** e **usabilidade**, junto aos modelos de comunicação propostos por Schramm (1954), que, segundo Martino (2013, p. 31), afirma ser importante a relação interpessoal, pela qual o emissor-receptor deixa de ser uma pessoa para ser um “momento” na comunicação; e por Dance (1967), que prevê esse processo comunicativo em forma de espiral, com um constante acúmulo de informações. Também, uma observação comparativa das funções previstas para o professor, conforme os documentos oficiais, com aquela postura prevista para o blogueiro ajudará na definição de um quadro em que os professores blogueiros, proprietários desses *blogs* analisados poderão apresentar um perfil mais, ou menos, empreendedor.

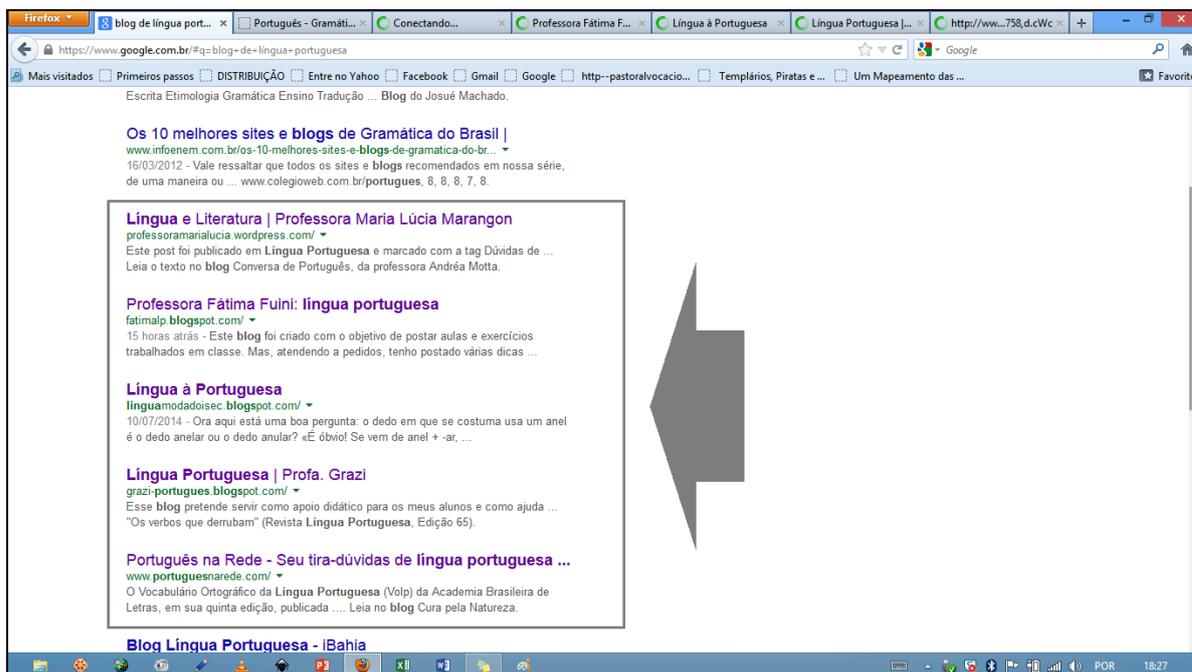
Tal procedimento de análise ajudará a compreender como o professor pode, e deve, se posicionar diante das TIC no processo ensino-aprendizagem.

4.1 Análise dos *blogs*

Analisar os *blogs* que se seguem tomou um tempo considerável, devido à quantidade de elementos que cada *blog* contém. Contudo, o que se conseguiu foi um panorama interessante do que se costuma ver ao acessar um simples *blog* na *Internet*.

Iniciando as coletas de dados, preferiu-se fazer uma busca pelo *Google*, o que poderia ser feito também por outros sites de busca como o *Yahoo*, o *Bing*, o *Ask* etc. Assim, foram obtidos diversos *links* de acesso às diversas páginas para a formação do *corpus* aqui analisado, conforme fora ilustrado na **Imagem 5**:

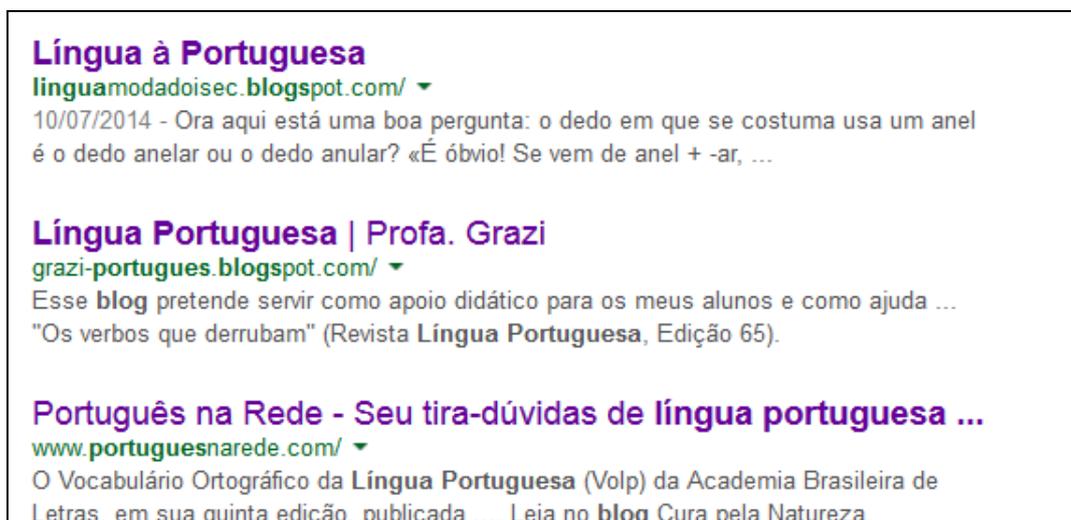
Imagem 5 – Página do Google, por onde se acessou aos *blogs*, para a formação do *corpus*.



Fonte: <<http://www.Google.com.br/#q=blog+de+língua+portuguesa>>

Ampliando para a **Imagem 6**, os *hyperlinks* são apresentados — na cor azul, antes do acesso, e na cor violeta, depois de acessado —, seguidos do endereço completo da página (na cor verde) e de uma breve descrição do conteúdo daquilo que o internauta irá ler na página com o conteúdo que procurava (na cor cinza).

Imagem 6 – Site da *Google* onde se encontram os *hyperlinks* listados dos *sites* e dos *blogs*.



Fonte: <<http://www.Google.com.br/#q=blog+de+língua+portuguesa>>

Tais informações são ranqueadas e determinadas por códigos de programação, “gerenciados” por uma ferramenta que os administradores da própria *Google* denominaram de *Robot*. Tal ferramenta usa algoritmos para determinar o que buscar na *Internet* do mundo todo. E tal busca utiliza parâmetros pré-definidos pelo próprio *Robot*, o que já delimita as buscas e causa a ilusão de que o que o internauta procurava é realmente aquele conteúdo. Algumas vezes, são necessárias mais de uma busca para efetivamente encontrar o que se deseja. Existem outros recursos de busca na própria página da *Google*, porém limitar-se-á a essa pequena explanação para não fugir do foco deste estudo.

Essas informações são cruciais para o professor que deseja atuar na *Blogosfera*, pois, ao dominá-las, ele poderá realmente administrar o seu conteúdo via *web*. Isso está relacionado à **usabilidade**, isto é, o professor deve promover um acesso aos conteúdos previstos por ele, de modo que facilite a vida dos seus aprendentes, evitando problemas e abandono do seu *blog*.

Iniciando a análise propriamente dita, listaram-se, com imagens e com tabelas, os diversos elementos constituintes de cada *blog*. Preferiu-se a disposição em páginas individuais, para uma melhor visualização das informações. Daí espaços vazios em algumas páginas, como a desta página. Uma curiosidade: ao buscar por *blogs* na *web*, optou-se pela expressão “Língua Portuguesa”, e o resultado foi interessante. Muitos *blogs* apresentam essa expressão como título da página.

Tabela 2 – Apresentação de dados quantitativos do *Blog* Língua e literatura.

	
Endereço completo na web	professoramarialucia.wordpress.com
Título personalizado da página	LÍNGUA E LITERATURA
Nº de acesso e momento de captura de imagem da página	628.772 Segunda-feira, 28 de julho de 2014.
Área ocupada pela página (largura x altura)	35,70cm x 180,57cm
Área ocupada pela postagem (largura x altura)	12,67cm x 16,67cm
Tipo de linguagem usada na postagem	Registro formal
Imagens na página	339
Hyperlinks na página (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	329
Hyperlinks na postagem (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	15, em média
Propagandas remuneradas	∅
Breve descrição feita pelo autor desta pesquisa	<i>Blog</i> destinado a disponibilizar conteúdos predominantemente da Área de Linguagens. A página inicial é constituída principalmente de postagens pequenas que direcionam para outras páginas com postagens menores.

O primeiro *blog* a ser analisado foi **LÍNGUA E LITERATURA**, propriedade da Professora Maria Lúcia (Doravante **PB1**²⁴), figurado na **Tabela 2**. Como o próprio nome sugere, pensa-se que poderão ser encontradas informações referentes à língua portuguesa e a estudos literários, o que de fato aconteceu.

Com cores claras e com ambiente limpo, os textos das postagens são de fácil leitura. O administrador desta página demonstra conhecer os recursos e as ferramentas que contribuem para o alto número de acessos dessa página. O *blog* apresenta uma coluna à direita com ícones de redes sociais e um *gadget* que dá acesso para a página do *Facebook*. Entre diversas ferramentas que mostram uma administração eficiente dessa página, encontra-se um *link* direto para a página do INEP, sobre redações do ENEM. Em seguida, uma propaganda bem discreta de uma professora corretora e revisora é anunciada. Finalmente, encontra-se uma lista numerosa de *hyperlinks* que levam, por meio das palavras-chaves, denominadas *tags*, direto à postagem relacionada. Por fim, mais ferramentas de controle de tráfego e de acessos se mesclam com *links* para o Twitter e outros sites. No *menu* principal, figurado no cabeçalho do *blog*, encontram-se links para contatos por mensagem, além de *links* direcionados para diversas páginas

No campo reservado para as postagens, ícones do *Facebook*, do *Google+*, do *Twitter* e do *Tumblr* figuram logo após a postagem. É certo que a intenção de **PB1** foi a interatividade via redes sociais. Contudo, ao observar atentamente para os números, tem-se pouco retorno. Esses dados mostram que a página em si se auto-sustenta em relação à quantidade de acessos.

Quanto à postagem, especificamente, **PB1** compartilha conteúdos interessantes para que se escreva um bom texto. A linguagem é clara, objetiva e concisa. A seguir, uma das postagens exemplifica o que já foi dito:

Qual o significado do neologismo mitar?

08/02/2015 ~ Maria Lúcia Marangon

1- Conseguir muitos likes em uma publicação ou em um comentário no Facebook.

Exemplo: Nossa, ele mitou naquele post contra o governo! (Ele ganhou muitos likes.)

²⁴ Professor Blogueiro (PB).

2- Ser bem-sucedido em uma determinada situação.

Exemplo: Cristiano Ronaldo marcou no último jogo da Seleção Portuguesa. (Ele jogou muito bem.)

Neologismo é uma palavra recém-criada ou uma palavra já existente que adquire um novo significado. O neologismo surge como um substantivo, transformando-se, em seguida, em um verbo.

Os neologismos seguem as mesmas regras das demais palavras da língua. Por exemplo, todo verbo recém-criado deverá ser de primeira conjugação, todo neologismo proparoxítono deverá receber acento gráfico etc. (PROFESSORAMARIALUCIA, 2014)²⁵.

Outras postagens, sendo umas mais curtas e outras mais longas, apresentam o mesmo nível de linguagem. E, com isso, percebe a possibilidade de os aprendentes conseguirem compreender facilmente as teorias e as regras gramaticais ali publicadas.

É um *blog* preparado na plataforma *Wordpress*, que apresenta mais de cem modelos prontos de páginas, gratuitas e pagas, para os internautas. E, com isso, temos uma professora que apresenta conhecimentos significativos dessa ferramenta poderosa que é o *blog*.

Quanto à maneira de interagir, o que se vê é um *blog* com ferramentas utilizadas por blogueiro que visam uma renda por meio dos acessos. Isso fica evidenciado por conta da presença das ferramentas que essa página apresenta como controladores de acessos. Também, o alto número de acessos, que ultrapassam os 600 mil, indica um possível ganho, conforme alguns programas de monetização de *webpages*, como *AdSense*, da *Google*.

Trata-se de um *blog* limpo, sem excesso de propagandas neste *blog*, o que causaria uma distração considerável. Percebe-se que o objetivo de **PB1** é atuar e investir no *blog*. Este apresenta um *menu* rico em *links* que direcionam o internauta para dicionários *on-line*, como **Aurélio**, **Aulete**, **Michaelis** e **Priberam**, além de oferecer um *link* para o VOLP (Vocabulário Oficial de Língua Portuguesa), também *on-line*

Pode-se dizer que se trata de uma página que oferece um alto grau de interação, contudo, a interatividade com o conteúdo é zero, pois as postagens se

²⁵ Disponível em <<https://professoramarialucia.wordpress.com/2015/02/08/qual-o-significado-do-neologismo-mitar/#more-4698>>.

resumem a exposição de conteúdos, como se fossem impressos. Entre **interação** e **interatividade**, aquela outra predomina. Lembrando os conceitos apresentados por Silva (2014), tem-se que “interação refere-se a relações humanas, enquanto interatividade está restrita à relação homem-máquina (tecnologias, equipamentos, sistemas, no sentido do sistema hipertextual, da tecnologia informática)”. Continuando, ele argumenta que o professor “pode se posicionar além da interação com seus alunos, pois essa interação já ocorre “naturalmente” na separação emissão-recepção que, aliás, tem sido a característica inabalável da docência nos últimos cinco mil anos”. (SILVA, 2014).²⁶

Vê-se que o *blog* apresenta **usabilidade**, ou seja, o *blog* permite uma navegação bem fácil para os internautas. Conforme Nielsen (2007), entende-se que esse *blog* tem “um atributo de qualidade relacionado à facilidade do uso de algo”. Para ele, se uma *webpage* apresenta uma rapidez no processo de assimilação do conteúdo e na navegação por esse conteúdo, então os usuários podem aprender a usar alguma coisa nesse ambiente virtual. Logo, os aprendentes são responsáveis pela forma como irá estudar, e a eficiência deles ao usá-la só aumentará. Outro item que marca uma prática sistemática da **usabilidade** é o fato de os textos serem concisos. Nielsen (2007) definiu esse critério considerando que os internautas, ficam em média, por trinta segundos numa página.

Em relação ao papel de professor, **PB1** cumpre com aquilo que é previsto nos Referenciais de Formação de Professores (BRASIL, 2002, p. 30), que mostra a necessidade de se ter um professor profissionalizado, autônomo e que se valoriza. Essa administradora de *blog* vai além da sala de aula e, de modo tranquilo e sem forçar nada nem ninguém, ela mostra uma capacidade empreendedora. Numa sala de aula, ela poderia, dentre as diversas funções que lhe cabem, “zelar pelo desenvolvimento pessoal dos alunos”, “criar situações de aprendizagem para todos os alunos” e “conceber, realizar, analisar e avaliar as situações didáticas, mediando o processo de aprendizagem dos alunos nas diferentes áreas de conhecimento”. (BRASIL, 2000, p. 11-12).

É perceptível que **PB1** apresenta um perfil mais empreendedor, pois ela procede como demonstrou Uyeno (2002). A pesquisadora propõe que o professor deve ter duas visões em mente enquanto exerce sua profissão. A primeira visão é

²⁶ Por se tratar de um artigo publicado no formato HTML, não é apresentado o número da página.

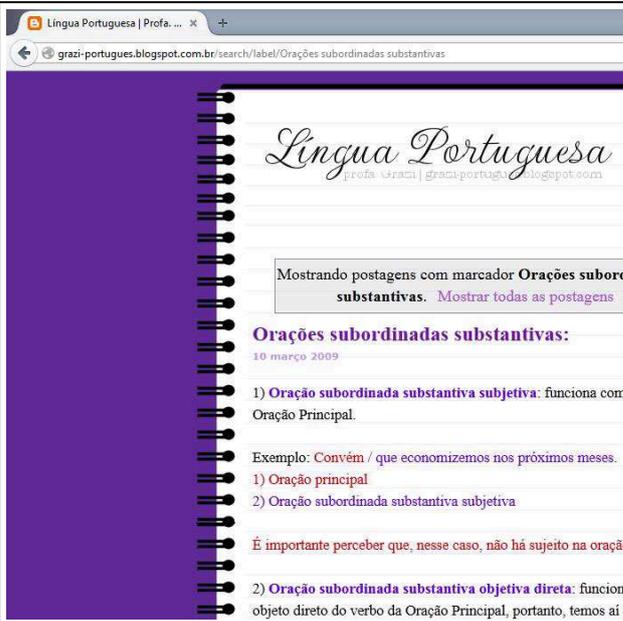
para a anterioridade, onde o professor olha para trás, verifica o que já existe e investe em melhoras. A segunda visão é para frente, como um visionário que ousa empreender no desconhecido, no novo, para preparar as gerações futuras.

PB1 melhorou sim o que já existia, porém ela poderia ir além, ao perceber o potencial que o seu *blog* tem, mas que ainda não foi empregado. Ela deveria, na verdade, ampliar sua ação e ser mais empreendedora, pois, conforme Hengemühle (2014, p. 28), que define as pessoas **empreendedoras** como pessoas capazes de criar e de executar projetos e ações que levam a resultados positivos, essa professora poderia ousar e inovar com esse blog que apresenta um grande número de acesso na *web*. Dessa forma ela estaria empreendendo mais ainda. Ela estaria fazendo a diferença, como pensou Hengemühle.

Tomou-se esse posicionamento porque, ao analisar as diversas postagens, comprova-se que a postagem em si nada mais é do que uma forma digital do texto impresso. Mesmo com a linguagem mais clara, predominou a interação e não a interatividade. O material de estudo é similar àquele oferecido em livros didáticos tradicionais. Ou seja, apesar de toda a tecnologia ali presente, o aprendiz não dispõe de meios de estudo que diferencia daquele, considerado “antiquado”, ou inadequado para as novas formas de interatividade, com a participação ativa do internauta, que deveria ser o co-autor de seu aprendizado.

Vamos ao segundo blog.

Tabela 3 – Apresentação de dados quantitativos do *Blog Língua Portuguesa*.

	<p>Esse blog pretende servir como apoio didático para os meus alunos e como ajuda também para os interessados em aprender um pouco mais sobre a língua portuguesa. Profa. Grazielle</p> <p>Mostrando postagens com marcador Orações subordinadas substantivas. Mostrar todas as postagens</p> <p>Dicas de Leitura</p> <p>Nível</p>
Endereço completo na web	grazi-portugues.blogspot.com.br
Título personalizado da página	Língua Portuguesa/ Blog da Grazi
Nº de acesso e momento de captura de imagem da página	nº de acesso não divulgado. Sábado, 9 de agosto de 2014.
Área ocupada pela página (largura x altura)	35,66 cm x 89,21 cm
Área ocupada pela postagem (largura x altura)	13,55 cm x 46,67 cm
Tipo de linguagem usada na postagem	Registro formal
Imagens na página	13
Hyperlinks na página (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	76
Hyperlinks na postagem (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	2, em média
Propagandas remuneradas	Ø
Breve descrição feita pelo autor desta pesquisa	A administradora afirma que “esse blog pretende servir como apoio didático para meus alunos e como ajuda também para os interessados em aprender um pouco mais sobre a língua portuguesa.”, conforme se lê na <i>webpage</i> .

O segundo *blog*, com características bem diferentes daquelas do *blog* anterior, é o **Língua Portuguesa**, da *Professora Grazi* (Doravante PB2), figurado na **Tabela 3**. Semelhantemente ao *blog* anterior, o nome sugere o conteúdo ali publicado.

Em relação às cores, **PB2** escolheu um *template* (modelo aplicável pronto para *blogs*) com cores violeta e branco, além de motivos bem femininos como fontes cursivas e desenho delicado. É também, conforme o *blog* anterior, uma página com ambiente limpo e que simula uma folha de caderno. Portanto, trata-se de um *blog* bem escolar em sua aparência, não demonstrando ser uma página profissional, mas sim uma página na qual **PB2** disponibiliza conteúdos para reforço e “para quem se interessar”, conforme suas próprias palavras.

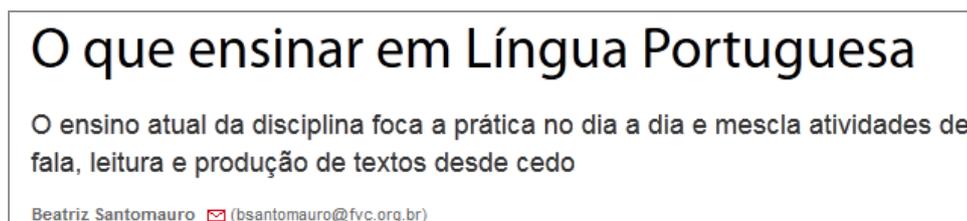
Com exceção de uma ferramenta de posicionamento global de acesso, o *Live Traffic Feed*, o *blog* constitui-se numa página simples, porém com conteúdos semelhantes aos conteúdos publicados em material impresso, ou seja, em livros didáticos.

Preparado na plataforma *Blogger*, da empresa *Google*, esse tipo de *blog* pode ser personalizado a partir de modelos oferecidos gratuitamente ou a partir de modelos pagos, denominados *templates premium*.

O interessante é o fato de **PB2** oferecer conteúdos mais tradicionais da gramática pura e, ao mesmo tempo, oferecer um *hyperlink* pelo qual se acessa a postagem que se segue.

Em tal postagem (**Imagens 7 e 8**), publicada pela Revista Nova Escola, na versão digital, pode-se ler um artigo extenso sobre as novas maneiras de se ensinar a língua portuguesa, conforme a lista de *links* sugeridos na página dessa revista.

Imagem 7 – Postagem sobre novas metodologias de ensino da língua portuguesa.



Fonte: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/papel-letras-interacao-social-432174.shtml>>

Imagem 8 – *Hyperlinks* do artigo sobre essa nova metodologia de ensino da língua portuguesa.

1	O que ensinar em Língua Portuguesa
2	Concepções de linguagem alteram modo de ensinar
3	As contribuições de Piaget e Vygotsky
4	Mitos pedagógicos
5	Linha do tempo do ensino da Língua Portuguesa no Brasil
6	Metodologias mais comuns no ensino de Língua Portuguesa
7	Expectativas de aprendizagem em Língua Portuguesa do 1º ao 9º anos

Fonte: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/papel-letras-interacao-social-432174.shtml>>

A contradição aparece com a própria postagem de **PB2**, que apresenta um conteúdo bem tradicional para o aprendizado das orações subordinadas. Resolveu-se transcrever incluindo as cores, para mostrar como o texto foi organizado por ela:

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS:

10 março 2009

1) **Oração subordinada substantiva subjetiva**: funciona como sujeito da Oração Principal.

Exemplo: **Convém / que economizemos nos próximos meses.**

1) Oração principal

2) Oração subordinada substantiva subjetiva

É importante perceber que, nesse caso, não há sujeito na oração principal.

2) **Oração subordinada substantiva objetiva direta**: funciona como objeto direto do verbo da Oração Principal, portanto, temos aí um VTD (verbo transitivo direto, que é aquele que precisa de um completo sem preposição. A pergunta que fazemos para o VTD é "o que?").

Exemplo: **Muitos economistas previram / que o desempenho aumentaria.**

1) Oração principal

2) Oração subordinada substantiva objetiva direta

Perceba que temos sujeito e um VTD na oração principal.

3) **Oração subordinada substantiva objetiva indireta**: funciona como objeto indireto do verbo da Oração Principal.

Exemplo: **Ninguém discorda / de que a proteção à natureza é essencial à vida.**

- 1) Oração principal
- 2) Oração subordinada substantiva objetiva indireta

Fique atento para o fato de que, na oração principal, temos sujeito e um VTI (verbo transitivo indireto, que é aquele que precisa de um completo iniciado por preposição).

4) **Oração subordinada substantiva predicativa**: funciona como predicativo do sujeito da Oração Principal.

Exemplo: **Nossa maior preocupação era / que chovesse.**

- 1) Oração principal
- 2) Oração subordinada substantiva predicativa

Note que, na oração principal, temos um sujeito e um VL (verbo de ligação).

5) **Oração subordinada substantiva completiva nominal**: funciona como complemento nominal de um nome da Oração Principal.

Exemplo: **A professora estava certa / de que vocês estudariam.**

- 1) Oração principal
- 2) Oração subordinada substantiva completiva nominal

Fique atento para as características da oração principal! Nela há sujeito + VL + nome.

6) **Oração subordinada substantiva apositiva**: funciona como aposto de um nome da Oração Principal.

Exemplo: **Todos defendiam esta ideia: / que o prédio fosse desapropriado.**

- 1) Oração principal
- 2) Oração subordinada substantiva apositiva

Lembre-se da definição de aposto: "é a palavra ou expressão que explica ou que se relaciona com um termo anterior, para esclarecê-lo, explicá-lo ou deixá-lo mais detalhado".

Saiba também que, geralmente, a oração subordinada substantiva apositiva é precedida por dois pontos.

O interessante é que essa professora conhece bem a função do *blog*, que é a de conectar diversas páginas na rede, formando uma teia interativa de buscas de conteúdos, conforme se vê nos *links* disponibilizados (**Imagem 9**):

Imagem 9 – *Hyperlinks* disponibilizados para pesquisa, para os professores.



Fonte: <<http://grazi-portugues.blogspot.com.br/search/label/Ora%C3%A7%C3%B5es%20subordinadas%20substantivas>>

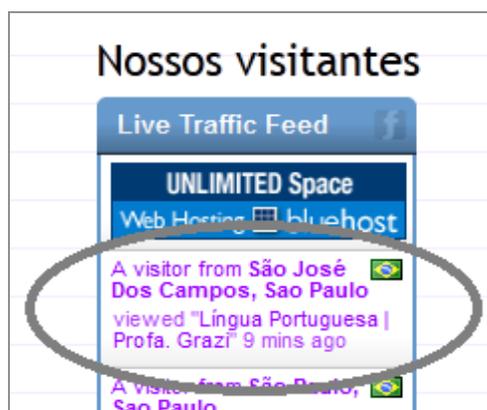
Num primeiro momento, pareceu que **PB2** apresentava apenas um *blog* de apoio à aprendizagem da língua portuguesa. Porém, ao examinar os *links* disponíveis, apresentados na **Imagem 11**, percebeu-se a sua habilidade em lidar com esse tipo de plataforma digital, o que define **PB2** como alguém que emprega seu tempo fora da sala de aula no preparo de conteúdo digital.

É evidente que, em relação às postagens, ela deixa a desejar, pois estas são meras reproduções de textos impressos. Isso, quando não são *hyperlinks* para outras páginas, uma das principais funções do *blog* é “linkar”.

Quanto a esses *hyperlinks* disponíveis, **PB2** pretendeu direcionar seus leitores para páginas específicas: leitura para alunos, leitura para professores, pesquisa em geral e, por fim, um segundo *blog* dela, com textos de diversos autores.

Julgou-se interessante o fato de o computador de cada usuário ser monitorado durante o acesso a esse *blog*. Por meio da ferramenta de rastreamento, *Live Traffic Feed*, **PB2** (e o próprio internauta) pode saber em tempo real de onde é o leitor de seu *blog*. Conforme **Imagem 12**, os dados são *cidade, estado e horário de permanência* na página. Na mesma imagem, verifica-se que, numa das vezes em que o *blog* era analisado, a ferramenta monitorou o acesso por nove minutos *on-line*.

Imagem 10 – *Live Traffic Feed*, ferramenta de rastreamento de usuários.



Fonte: <<http://grazi-portugues.blogspot.com.br/>>

Já, em relação ao conteúdo disponibilizado sobre língua portuguesa, fez-se uma comparação entre a tradicional função do professor com aquele novo perfil empreendedor. O que se notou foi que **PB2** compartilha conteúdos pertinentes à sua área de atuação, porém os deixa da mesma forma que são encontrados em materiais impressos.

Numa das postagens, sobre coerência e coesão textual, se leem, no final das postagens, as referências e uma nota entre parênteses:

Referências:

1. KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2007.
2. NICOLA, José de; TERRA, Ernani. *Práticas de linguagem: leitura & produção de textos*, volume 4. São Paulo: Scipione, 2000.
3. SARGENTIM, Hermínio. *Produção de textos*, volume 4. São Paulo: IBEP, 2004.

(o conteúdo deste post é QUASE todo paráfrase ou citação literal de um dos autores acima). (LÍNGUA PORTUGUESA, 2014)²⁷.

É nítido que **PB2** apresenta uma postura ética em relação à autoria de suas postagens, pois ela se preocupou em esclarecer que um dos textos postados foi modificado.

Quanto aos comentários, **PB2** não costuma dar retorno, como se pode ver na lista abaixo:

14 Comentários

[Fechar esta janela Ir para formulário de comentário](#)

1 – 14 de 14

Marina Araujo disse...

valeu aiii

tava morrendo de medo de tirar zero no trabalho de portugues to na 8 serie e minha professora mandou essa pesquisa numa pessima hora

xD

29 de abril de 2010 16:41

Patrícia disse...

Acho seu blog muito bacana. Parabéns!!!!

15 de maio de 2010 14:27

Anônimo disse...

adorei sua explicação...muito completa....

beijos e

obrigada!

16 de junho de 2010 06:29

Kelvim disse...

Essa explicação me ajudou muito, obrigada bjsssssssss!!!

12 de dezembro de 2010 03:12

Anônimo disse...

valeu mesmo isso me ajudou muito no meu trabalho abraços...

1 de fevereiro de 2011 09:15

Georgia Motta disse...

²⁷ Disponível em <<http://grazi-portugues.blogspot.com.br/search/label/coes%C3%A3o%20textual>>.

Muito obrigado professora me ajudou muito no meu trabalho
continue assim
beijos :D

22 de março de 2011 16:03

Anônimo disse...
Meu professor de L.P é mt ruim, isso vai me ajudar mt na prova ..
obrigada

17 de abril de 2011 05:19

Anônimo disse...
Legal..XD..RSRSR..BJUSSS...*

21 de novembro de 2011 09:33

Anônimo disse...
ACHEI SUPER...ME AJUOU D+..VLW..BJOKSS..OBRIGADA!!!!

21 de novembro de 2011 09:35

kaique disse...
Valeu Prof a professora da minha Escola chamada Kyoko pediu um
trabalho relampago inda bem que vc ta aqui ja ese assunto no Blog
tou na 8 serie e ta valendo 1 ponto ele Valeu!!!!!!!!!!!!

3 de maio de 2012 17:58

Jhessy disse...
Adorei sua explicação sobre as oracoes subordinadas,me ajudou
muito com meu trabalho,obrigada:)

22 de maio de 2012 13:09

Anônimo disse...
Quanto tiraram no trabalho ou prova?

22 de maio de 2012 20:53

Anônimo disse...
muito bem explicado parabens.otimo blog

12 de agosto de 2012 17:41

Anônimo disse...
Muito bom,serviu certinho pra mim,ÓTIMO!

21 de outubro de 2013 10:54 (LÍNGUA PORTUGUESA, 2014)²⁸.

²⁸ Disponível em <https://www.blogger.com/comment.g?blogID=1599026354608104040&postID=918_183509148_9055001&isPopup=true>.

Fazendo um parêntese na análise desse *blog*, um detalhe foi notado nas postagens acima. Expressões como “*tava morrendo de medo de tirar zero no trabalho de português*” e “*Meu professor de L.P é mt ruim, isso vai me ajudar mt na prova .. obrigada*” mostram que alguns estudantes poderiam estar apenas elogiando ou realmente se opondo à tradição, ou qualquer outra postura de negação em relação aos seus professores de sala de aula. Esse modo de agir é muito comum, assim como este outro: “*Valeu Prof a professora da minha Escola chamada Kyoko pediu um trabalho relampago inda bem que vc ta aqui ja ese assunto no Blog tou na 8 serie e ta valendo 1 ponto ele Valeu!!!!!!!!!!!!*”. São jovens interagindo com a professora. Essa necessidade de interagir é aquela da **interatividade**, no sentido de estar “na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e intervenção”, como propôs Silva (2014). Mas, parece que não houve uma continuação dessa interatividade por parte da professora. Em nenhum dos catorze comentários acima. Outros nem foram observados nessa contagem.

Do ponto de vista da **usabilidade**, **PB2** consegue certo êxito, pois sua página está bem organizada, e, a partir do número de comentários, pode-se inferir que há um uso sistemático por crianças. Com isso, deduz-se que há uma facilidade em encontrar o conteúdo desejado pelo internauta. **PB2** deixa claro que existem textos mais complexos, para professores, e textos mais didáticos, para estudantes. Essa é uma postura de alguém que se preocupa com a usabilidade.

Mesmo que as postagens para os mais jovens sejam cópias de textos impressos, **PB2** emprega cores diversas para facilitar o raciocínio desses estudantes. Considerou-se que também se trata de um critério de usabilidade, pois essa professora se preocupou com a facilidade na interação, mesmo sendo rudimentar do ponto de vista das TIC.

PB2 apresenta, portanto, um perfil empreendedor, pois ela inova no seu fazer pedagógico. Essa posição se sustenta em Hengemühle (2014). Ele argumenta que a formação do perfil de empreendedor tem origens na personalidade e na contribuição do meio cultural em que esse sujeito vive. Desse modo, conclui-se que **PB2**, influenciada pelo meio tecnológico, resolveu estender sua prática para o mundo virtual.

Contudo, ela poderia ousar e fazer aquilo que o próprio Hengemühle (2014) propôs: empreender para além de seu *site* altamente personalizado. Porém, a questão é que sites organizados, otimizados e bem preparados para o processo de aprendizagem existem poucos. É tudo muito colorido e muito vistoso, mas o que realmente as TIC exigem do professor é assunto para se pensar.

Anteriormente, nesta pesquisa, foi visto que, para Lévy (1999), um *site* na grandiosidade da *web*, equivale a uma gota no oceano. E, ao concluir sua analogia, ele afirmou isto:

A página da Web é um elemento, uma parte do corpus intangível composto pelo conjunto de documentos da World Wide Web. Mas pelos links que lança em direção ao restante da rede, pelos cruzamentos ou bifurcações que propõe, constitui também uma seleção organizadora, um agente estruturador, uma filtragem desse corpus. Cada elemento dessa pelota que não pode ser circunscrita é ao mesmo tempo um pacote de informações e um instrumento de navegação, uma parte do estoque e um ponto de vista original sobre esse mesmo estoque. Em uma face, a página da Web forma a gotícula de um todo em fuga, enquanto na outra propõe um filtro singular do oceano de informação. (LÉVY, 1999, p. 160).

É o que se vê neste *blog*, assim como se viu no *blog* anterior. Na verdade, é o que será visto em todas as páginas da *web*. E a postura dos professores deve ser a de um comandante de um barco, para que ele mesmo possa saber por onde navegar, como um visionário, empreendendo. **PB2** deu os primeiros passos rumo a esse empreendedorismo. Agora, ela precisará ousar para ir além do horizonte imaginado. E, Para que seu *blog* mostre um perfil mais empreendedor de professora, ela deverá explorar outros recursos das TIC.

Deve-se ter em mente que esse perfil pensado de um professor empreendedor varia muito. Daí o modo de se medir: mais empreendedor; menos empreendedor.

Passa-se, agora, à análise de um terceiro *blog*, que, apesar do nome, é mais para *marketing* do que para propriamente para o ensino da língua: *blog* “Quero aprender línguas”:

Tabela 4 – Apresentação de dados quantitativos do *Blog Quero aprender línguas*.

Endereço completo na web	linguasecultura.wordpress.com
Título personalizado da página	Quero aprender línguas
Nº de acesso e momento de captura de imagem da página	nº de acesso não divulgado. Sábado, 10 de agosto de 2014.
Área ocupada pela página (largura x altura)	35,98 cm x 57,94 cm
Área ocupada pela postagem (largura x altura)	17,46 cm x 14,92 cm
Tipo de linguagem usada na postagem	Registro formal
Imagens na página	2 + o papel de parede
Hyperlinks na página (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	111
Hyperlinks na postagem (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	∅
Propagandas remuneradas	∅
Breve descrição feita pelo autor desta pesquisa	Os administradores afirmam que este <i>blog</i> é para a divulgação de um grupo de “um grupo de pedagogos interessados em trabalhar com pessoas que desejam melhorar sua comunicação por meio da aprendizagem de línguas e o conhecimento de outras culturas”.

Esse terceiro *blog* é diferente dos outros dois, pois o objetivo deste diverge dos objetivos daqueles *blogs*. Os responsáveis (Doravante **PB3**) objetivaram a divulgação do grupo especializado no ensino de línguas para estrangeiros, e o *blog* serve mais como instrumento de *marketing* do que suporte virtual para a disponibilização de conteúdos para estudos linguísticos, etc.

Lendo atentamente a postagem publicada na página inicial desse *blog*, perceberam-se alguns problemas de ordem gramatical e de ordem estrutural do texto. Para facilitar a leitura, foi feita a transcrição, na íntegra e sem alterações, para que se observe o texto limpo, sem marcações. É estranho pensar que um grupo de possíveis professores de língua pretenda promover uma melhora no uso da língua por meio de um texto cheio de problemas estruturais.

O texto, direcionado a todos é este:

Sobre Quero Aprender Línguas

Olá, bem-vindos a nosso Blog. Quero Aprender Línguas, somos um grupo de pedagogos interessados em trabalhar com pessoas que desejam melhorar sua comunicação por meio da aprendizagem de línguas e o conhecimento de outras culturas.

Ministramos aulas particulares individuais ou em pequenos grupos na nossa casa, na sua ou no seu local de trabalho. O que queremos é que você se sinta à vontade para aprender.

Como parte dos nossos projetos criamos este blog, onde poderão achar informações variadas sobre atividades relacionadas ao aprendizado de línguas, eventos, dicas, nosso cursos, etc.

Acreditamos numa pedagogia libertária, onde quem aprende não é só aluno e sim ambos, professor e estudante. Onde cada um aprende de uma forma diferente, por isso trabalhamos entre pessoas, nos tratamos como pessoas e acreditamos no crescimento mútuo.

Se você quer aprender línguas e muito mais, ou quer compartilhar informação valiosa conosco, comente nosso blog ou escreva a queroaprenderlinguas@gmail.com, sempre será um prazer nos comunicar.

São Paulo, Brasil, 2011 (QUERO APRENDER LÍNGUAS, 2014)²⁹.

²⁹ Disponível em <<https://linguasecultura.wordpress.com/>>.

Agora, o mesmo texto será lido, porém com algumas marcações como sublinhados e negritos:

Sobre Quero Aprender Línguas

Olá, bem-vindos a nosso **Blog. Quero Aprender Línguas**, somos um grupo de pedagogos interessados em trabalhar com pessoas que desejam melhorar sua comunicação por meio da aprendizagem de línguas e o conhecimento de outras culturas.

Ministramos aulas particulares individuais ou em pequenos grupos na nossa casa, na sua ou no seu local de trabalho. O que queremos é que você se sinta à vontade para aprender.

Como parte dos nossos projetos criamos **este blog, onde** poderão achar informações variadas sobre atividades relacionadas ao aprendizado de línguas, eventos, dicas, **nosso cursos**, etc.

Acreditamos numa **pedagogia libertária, onde** quem aprende não é só aluno e sim ambos, professor e estudante. Onde cada um aprende de uma forma diferente, **por isso trabalhamos entre pessoas, nos tratamos como pessoas** e acreditamos no crescimento mútuo.

Se **você quer aprender línguas e muito mais**, ou **quer compartilhar informação valiosa conosco, comente nosso blog** ou escreva a queroaprenderlinguas@gmail.com, sempre será um prazer nos comunicar.

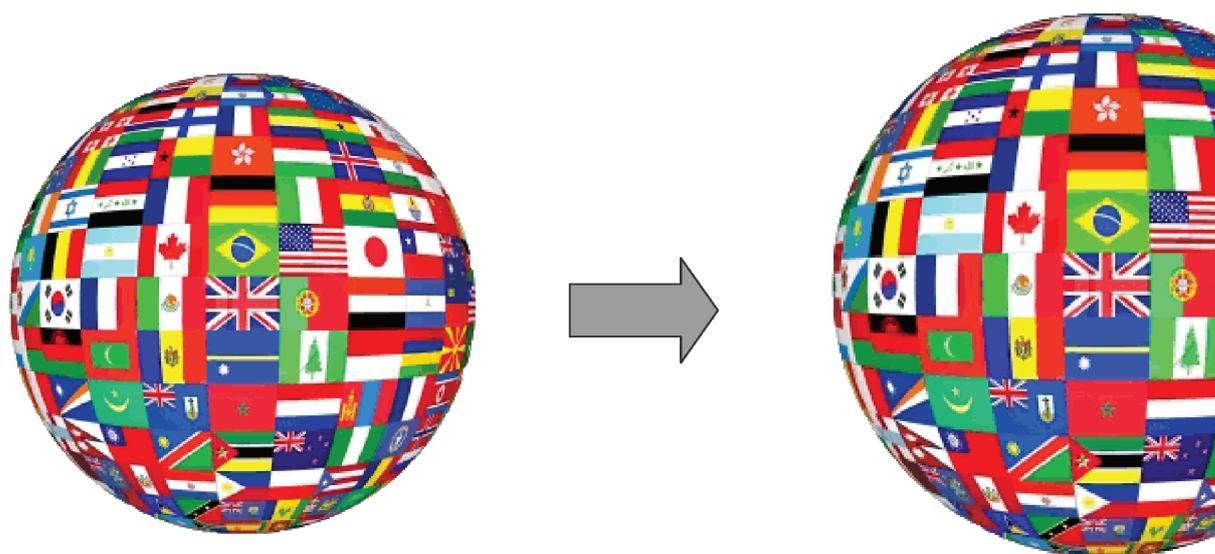
São Paulo, Brasil, 2011 (QUERO APRENDER LÍNGUAS, 2014)

Respectivamente, têm-se os seguintes problemas: primeiro parágrafo, problema com o uso do ponto final; no terceiro e no quarto parágrafos, há problemas de referenciação com o uso indevido do advérbio **onde**, utilizado para lugares físicos. Novamente, são encontrados problemas de segmentação de frases e pontuação. No quarto parágrafo, uma incoerência é perceptível ao se ler a expressão “trabalhamos entre pessoas, nos tratamos como pessoas”. Essa expressão denota que outros grupos não tratam seus alunos como pessoas. Também, uma ênfase, no último parágrafo, sobre o fato de se “aprender línguas e muito mais” aparece no texto, mas não no *blog*. Uma última observação foi feita, nesse mesmo parágrafo, na expressão “quer compartilhar informação valiosa conosco, comente nosso blog”. Tal expressão pode ser compreendida como “faça uma observação, um comentário sobre o *blog*”, ou pode ser compreendido como “a informação que você tem é-nos muito valiosa”. Nesse caso, fica clara uma

ambiguidade. Uma leitura atenta pode fazer com que os leitores com mais proficiência percebam uma incoerência global ou que eles se posicionem negativamente em relação à credibilidade do curso oferecido. Do ponto de vista do **empreendedorismo**, o critério *marketing* falhou, mesmo tendo comunicado a ideia dos administradores desse *blog*.

Em relação à organização da página, tudo é muito comum. As cores e a imagem utilizada na parte visual desse *blog* não apresentam uma relação direta com a proposta apresentada. Observando, no rodapé da página o nome do tema utilizado, já que se trata de um *template*³⁰ do *Wordpress*, Letras avulsas coloridas figuram no *background* (plano de fundo) da página. Um *banner* com uma bela fotografia de um pôr-do-sol com umas casas e uma antena tipo UHF. Ambas imagens não significam muito ao se relacioná-los com o conteúdo oferecido. Verificou-se que se trata de um modelo pronto e sem qualquer personalização. Por outro lado, o *blog* organizado numa página de ambiente limpo mostra que houve uma preocupação com o aspecto da leitura por parte dos administradores desse *blog*. Parece que a única ilustração que indica o foco do blog é a imagem de um globo coberto por bandeiras de muitas nações (**Imagem 17**).

Imagem 11 - Globo coberto por bandeiras de diversas nações, indicando o foco no ensino de línguas.



Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/_W05hydz3j_c/SfUHlzG--rI/AAAAAAAAAXM/oO8-WjnrDgI/s400/linguas.gif>.

³⁰ O *template* é o *Twenty Ten*, Disponível em <<https://wordpress.com/themes/twentyten/>>.

A localização da imagem acima é sofrível e, além disso, falta uma parte na visualização do globo. Ao analisar o espaço utilizado no *blog*, foi verificada uma má adequação do espaço da coluna lateral direita, que é mais estreita do que a imagem. Isso indica uma inexperiência com a formatação da página, ou um descuido mesmo. Talvez, poderia ser proposital. Em se tratando de um ponto de vista particular, nada pode ser dito além disso. São impressões.

O destaque, aqui, foi para o fato de ser um *blog* direcionado para o ensino de línguas, contudo mais para a divulgação do curso do que para disponibilização de conteúdo a ser aprendido.

Na parte inferior³¹ do *blog* (**Imagem 12**), percebe-se que foram disponibilizados diversos *links* que direcionam o internauta para além dos cursos de línguas. Percebe-se também uma inadequação ortográfica em relação ao não uso do dígrafo “ss” em “interessantes” e em “intereses”.

Imagem 12 – Postagem sobre novas metodologias de ensino da língua portuguesa.



Fonte: <<http://linguasecultura.wordpress.com/>>.

Conforme se navegou pelo *blog*, com o intuito de compreender esse padrão ortográfico falho, foi levantada uma hipótese: trata-se de estrangeiros falantes do Português. A evidência mais forte se encontra nessa postagem:

EU QUERO APRENDER PORTUGUÊS

Olá, você mora no Brasil e ainda não aprendeu português...ou mora em outro país, mas gosta da língua, ou precisa aprender para seu estudo ou trabalho, a gente entende como é porque a gente já passou por isso. Nós somos um grupo de professores que moramos no Brasil e adoramos as línguas, as culturas, a variedade. Se você quiser aprender português uma dica que damos é escutar muita música, a música brasileira é rica e tem para todos os gostos.

Para os românticos um Roberto Carlos, para os que gostam uma música com conteúdo mais políticos podem escutar Chico Buarque,

³¹ Disponível em <<http://linguasecultura.wordpress.com/>> Acesso em 10 Ago. 2014.

para aqueles ecléticos, um Zeca Baleiro iria bem, para os amantes do Samba um Martinho da Vila e não pode faltar o Raúl Seixas, o dia que vocês rirem de alguém gritando “Toca Raúl”, pode se dizer que já quase são brasileiros, kkkk.

Fora isso, também podem fazer aulas conosco, podemos garantir, são aulas bem diferentes, alternativas, entretidas, vocês vão gostar.

Podem deixar um comentário aqui no blog ou nos escrever a queroaprenderlinguas@gmail.com, que nós entraremos em contato.

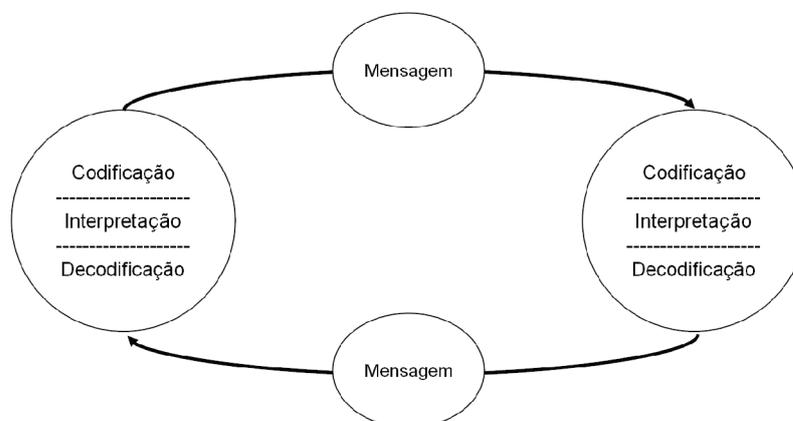
Um abraço e boa música para vocês

(QUERO APRENDER LÍNGUAS, 2014)³².

Na expressão “a gente entende como é porque a gente já passou por isso.”, verifica-se uma empatia em relação ao estrangeiro que pretende vir para o Brasil. Parece ser um testemunho pessoal de quem escreveu o texto dessa postagem. Outra expressão que confirma essa hipótese é “Nós somos um grupo de professores que moramos no Brasil e adoramos as línguas, as culturas, a variedade.”. Outra confirmação está em “o dia que vocês rirem de alguém gritando “Toca Raúl”, pode se dizer que já quase são brasileiros”. Todas essas expressões não poderiam ser ditas por brasileiros, pois conforme o modelo de comunicação de Osgood e Schramm (SCHRAMM, 1954).

Como mostrou Martino (2013), esse modelo mostra um determinado efeito dessa comunicação entre as pessoas, com pode ser verificado no seguinte esquema:

Esquema 8 – modelo de comunicação de Osgood e Schramm (SCHRAMM, 1954).



Fonte: Osgood e Schramm (SCHRAMM, 1954 apud MARTINO, 2013).

³² Disponível em <<https://linguasecultura.wordpress.com/quero-aprender-portugues/>>.

Martino (2013, p 31) afirma que esse modelo é ideal para mostrar que a interação entre as pessoas superam o efeito da mídia, sendo esta relegada a um segundo plano. Conforme seus estudos, o importante é a relação interpessoal. Outro fator importante é que na relação emissor-receptor os interlocutores deixam de serem pessoas para serem um “momento” na comunicação. E, na postagem apresentada, pôde ser verificado esse momento. Um estrangeiro tentando outro estrangeiro a vir para o Brasil e, principalmente, aceitar os cuidados de quem já viveu a mesma experiência.

Encerrando, pode-se afirmar que um perfil empreendedor foi verificado, pois **PB3**, que se apresentam como professores de línguas, vão além das funções tradicionais de um professor. Mantendo uma postura empreendedora, em oferecem um conteúdo específico de Português para estrangeiros, entende-se que eles ousaram, criando estratégias de interação. Os critérios de **interatividade** e de **usabilidade** são poucos, ou quase nada, desenvolvidos.

Foi considerado que esses “supostos” professores não empreendem como fora previsto neste estudo. São sim empreendedores, mas com foco mais empresarial do que educacional. Afinal, o conceito de **empreendedor** aplicado aqui está mais direcionado para o fazer pedagógico na *web*, em *blogs*, com a ressalva de pensar a atuação do professor licenciado para a educação regular.

Concluiu-se a análise desse terceiro *blog* com uma informação importante: às vezes, o internauta cai na falácia de navegar numa página da *web* pensando que irá encontrar o que procura. Em vez disso, tal internauta se depara com uma página que ou o dispersará do objetivo primeiro ou o fará apenas perder seu tempo numa página na qual pensou que encontraria o que procurava. A princípio, foi o que aconteceu com a coleta de informações para se formar esse *corpus*. No entanto, ao perceber que havia informações significativas, resolveu-se manter esses dados como ponto a ser observado.

Passa-se, nesse momento, à análise do quarto *blog*, de propriedade do autor dessa Dissertação. Tomou-se o cuidado de deixar o *blog Lousa Virtual* “abandonado”, isto é, sem qualquer intervenção por um longo período, para estudos posteriores. O objetivo era ver como o sistema *Blogger* se comporta com o passar do tempo e com a falta de manutenção do *blog*. Ainda pode-se verificar o abandono do *blog* ao se observar que as postagens ainda estão como foram deixadas há

quase dois anos. Assim, ao dar início ao estudo desse tema no curso de Mestrado, percebeu-se a utilidade desse *blog* como parte do *corpus* de análise.

O único objetivo, com esse *blog*, era a divulgação de material de apoio aos estudos de alunos de Ensino Médio, de uma escola da cidade do Médio Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo. Em 2011, época em que este *blog* foi preparado, o autor dessa página virtual (Doravante **PB4**) desconhecia as técnicas utilizadas pelos blogueiros. E, em aproximadamente seis meses de leitura sistemática sobre como se tornar um blogueiro, **PB4** passou a conhecer as ferramentas de ranqueamento de *sites* e *blogs*, a conhecer o sistema de monetização de acessos que converte esses acessos em dólares e o modo mais eficiente de se organizar um *blog*. Mesmo com todo esse preparo, esse administrador tem, a receber, uma quantia mínima, conforme a **Imagem 13**, abaixo. É evidente que essa página poderia render muito mais, caso **PB4** não tivesse abandonado a página para observação do comportamento das ferramentas de funcionamento do *blog*. E, mesmo com esse abandono, essas ferramentas que ajudam os usuários a encontrarem o *blog*, houve um salto significativo no número de visitas: passou de aproximadamente 1200 visitas para 10.899 visitas, como se vê na figura abaixo. É importante deixar claro que esses números não significam muito na *Blogosfera*, como será visto mais adiante.

Imagem 13 – Parte do relatório do *Google AdSense* que mostra o número de visitas ao *blog*.



Fonte: <<http://lousavirtual.blogspot.com.br/>>.

Feita essa justificativa para a escolha desse *blog* como parte do *corpus* de análise, passa-se à análise propriamente dita do *blog Lousa Virtual (Tabela 5)*.

Tabela 5 – Apresentação de dados quantitativos do *Blog Lousa Virtual*.

Endereço completo na web	http://lousavirtual.blogspot.com.br/
Título personalizado da página	Lousa Virtual
Nº de acesso e momento de captura de imagem da página	10.899 Segunda-feira, 10 de agosto de 2014.
Área ocupada pela página (largura x altura)	35,71cm x 113,55cm
Área ocupada pela postagem (largura x altura)	18,68cm x 63,94cm
Tipo de linguagem usada na postagem	Mescla de registro formal com registro informal
Imagens na página	9
Hyperlinks na página (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	74
Hyperlinks na postagem (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	13, em média
Propagandas remuneradas	2
Breve descrição feita pelo autor desta pesquisa	<i>Blog desenvolvido para divulgação de material de apoio aos estudos feitos em sala de aula, de um Ensino Médio de uma escola particular. A página inicial é sempre a última postagem feita pelo administrador do blog. Isso facilitava a busca dos alunos, em relação ao conteúdo estudado em sala de aula.</i>

Começando pelo nome, esse *blog* não mostra o professor, nem o seu nome, seja ele verdadeiro seja ele um pseudônimo. Como foi dito anteriormente, o objetivo era ter um suporte virtual para que os alunos tivessem à mão aquilo que eles viam na sala de aula, durante a aula. Logo, esse *blog* é uma virtualização da sala de aula, uma extensão da ação do professor no quadro negro, ou lousa.

Considerando o suporte físico, a lousa, pretendeu-se uma virtualização desta. Foi então que veio à mente algo puro e objetivo: *Lousa Virtual*. Passou-se, em seguida à estilização das letras, com o intuito de mostrar essa dinamização. E, assim, surgiu o *banner* do *blog*. Assim, o próprio nome sugere que o *blog* nada mais é do que a virtualização do espaço de estudo como suporte à aprendizagem dos alunos.

As cores *amarelo* e *azul* são cores primárias, o que **PB4** entende como cores suaves que provocam calma e que, ao mesmo tempo, indica “atenção”, no amarelo, e “bons resultados no “azul”, já que a cor da tinta azul representa boas notas. Com um ambiente limpo, os textos das postagens ficam mais organizados, promovendo uma leitura mais agradável. Também, o uso de recursos coloridos nas fontes ajudam na navegação pelo texto: como se faz no texto impresso tradicionalmente. **PB4** demonstra conhecer os recursos e as ferramentas que contribuem para o grande número de acessos dessa página. Contudo, será que esse administrador domina as ferramentas que realmente importam para o sucesso de aprendizagem na *web*, como, de fato, propõe este estudo? Houve um empreendimento real nesse *blog*? Parece que não, e é o que será visto em detalhes, após a compreensão de uma importante ferramenta para se analisar um *blog*.

Na *Blogosfera*, inúmeras ferramentas são oferecidas, sendo umas mais e outras menos úteis. Uma dessas ferramentas utilizadas é o *Tilt 1.0.1*, disponível como complemento para o navegador de *websites* Firefox, da Mozilla. *Tilt* é um complemento do Firefox que permite visualizar qualquer página web em 3D. Conforme se lê no *site* da *Mozilla*,

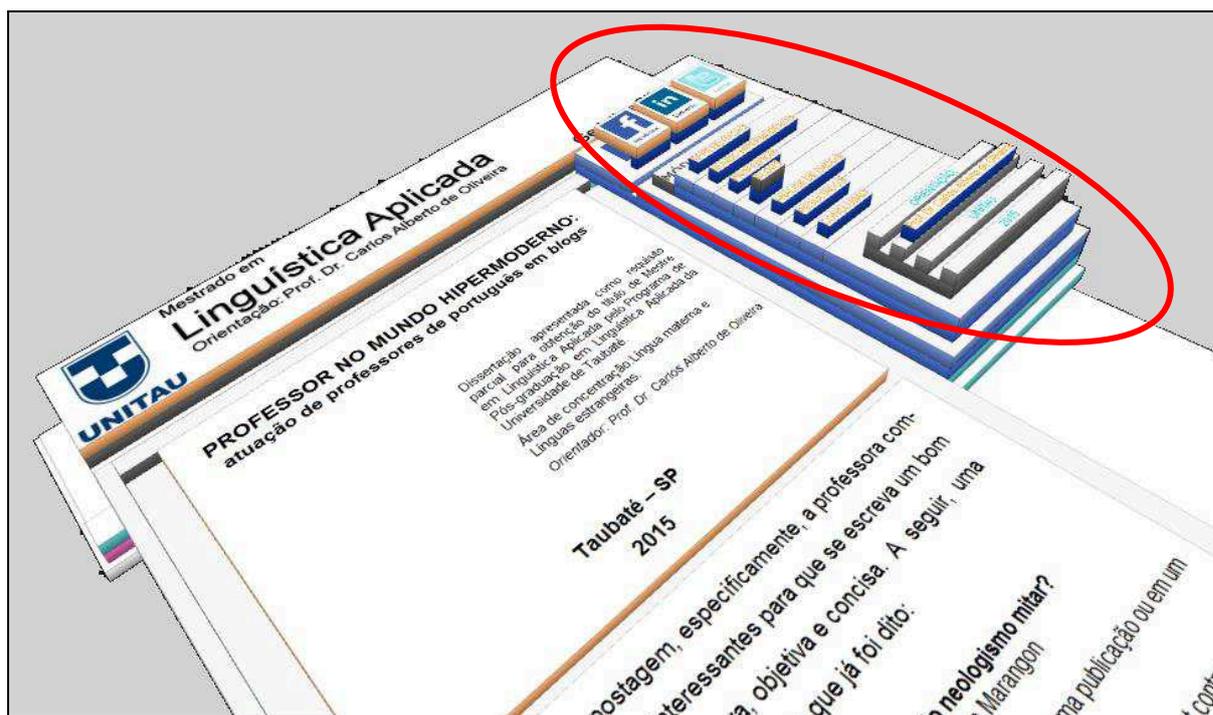
Tilt is useful when searching problems in the HTML structure (like finding unclosed DIV elements for example) by providing the extra third dimension, [...]

Tilt also tries to show the most relevant information when needed (one is most likely to inspect the attributes of an input, button or

image element, for example, but can easily switch between HTML, CSS and attributes view at any time).³³ (MOZILLA, 2014)³⁴.

Com essa ferramenta acionada, o que se costuma ver de forma plana na tela passa a ser visto de forma tridimensional, como se vê na **Imagem 14**.

Imagem 14 – *PrintScreen* da página inicial de um *blog*, visto com a ferramenta *Tilt*.



Fonte: Arquivo pessoal.

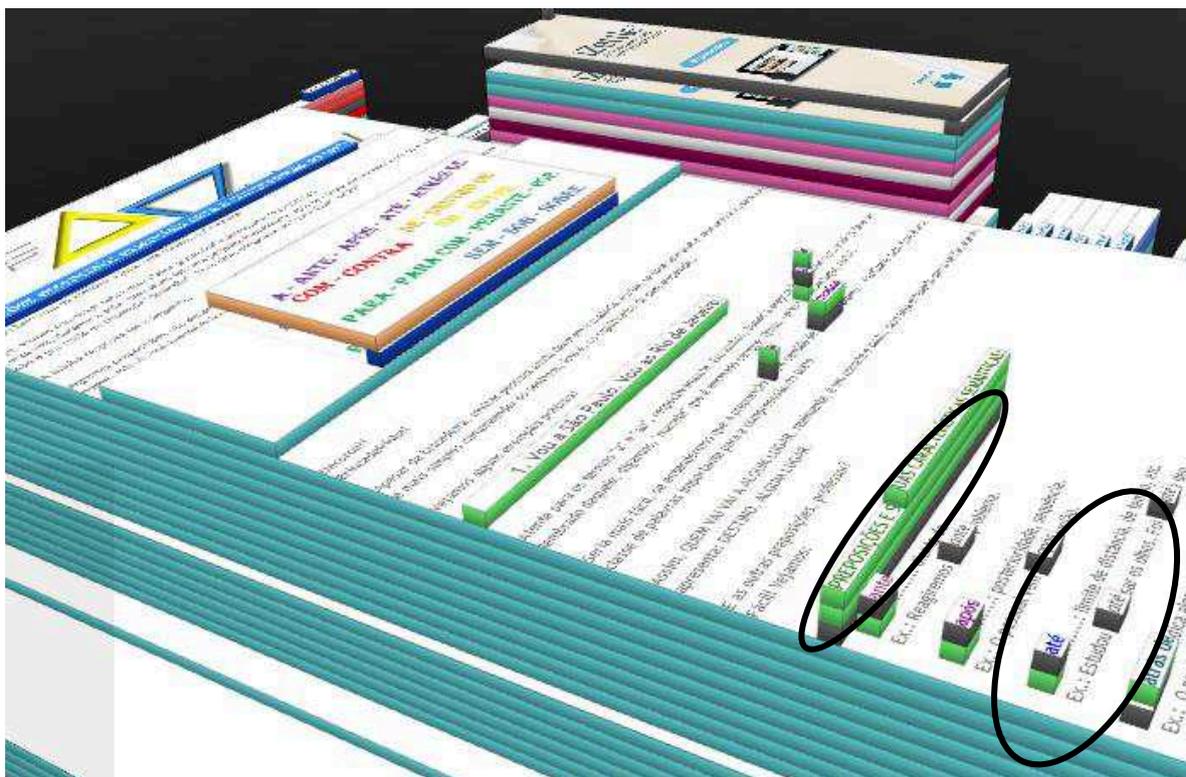
Observando a página com a ferramenta *Tilt 1.0.1*, fica fácil saber o que é mais relevante no *blog*. As camadas mais elevadas indicam aquilo que é mais importante para o sistema, ou aquilo que seria mais interessante para o internauta.

E, de modo ampliado no detalhe, na **Imagem 15**, tem-se uma impressão de tela do *blog Lousa Virtual*, visto no navegador *Firefox*:

³³ Tradução com base no *Google Tradutor*: “Tilt é útil quando se quer procurar problemas na estrutura HTML (como encontrar *tags* DIV não fechadas, por exemplo), proporcionando uma visão em 3D, [...]. A ferramenta *Tilt* serve para mostrar as informações mais relevantes quando necessário (é o mais provável para inspecionar os atributos de uma entrada, botão ou elemento de imagem, por exemplo, mas permite visualizar facilmente os atributos da HTML, da CSS a qualquer momento).”

³⁴ Disponível em <<http://blog.mozilla.org/tilt/>> Acesso em 12 Ago. 2014.

Imagem 15 – Detalhes do que parece ser importante na página inicial do blog Lousa Virtual.



Fonte: <<http://lousavirtual.blogspot.com.br/2012/12/preposicoes-essenciais-essenciais-para.html>>

Assim, se o usuário de plataformas como o *Wordpress*, *Blogger*, ou qualquer outra plataforma apenas escreve em seu *blog* sem muito critério, de quase nada servirá seu trabalho no sentido da competitividade, ou, se o seu interesse for apenas “se incluir” no mundo virtual dos *blogs*, a *Blogosfera*.

Tanto essa ferramenta, o *Tilt 1.0.1*, como outras inúmeras oferecidas pela empresa *Google* (*Adsense*, *AdWords*, *Analytics*, etc.) e por outras empresas da *Internet*, sempre serão úteis para os professores que se empenham em se atualizarem no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Um exemplo visto anteriormente, no *blog* da Professora Grazi, foi uma ferramenta que devolvia dados de geo-localização, de tempo de conexão, incluindo o nome da cidade do usuário, tudo ali, na própria tela. A questão é o tempo que leva para se apropriar do conhecimento dessas ferramentas, de forma que se possa utilizá-las com desenvoltura e, ao mesmo tempo, dar conta do fazer pedagógico em ambos os espaços, físico e virtual. Volta-se, agora, para a análise do quarto *blog*, o *Lousa Virtual*.

Mesmo que o professor tenha intenções reais em facilitar o aprendizado desses aprendentes, com itens positivos, dispostos numa página da *internet*, existem aqueles itens negativos, no sentido de dispersar o leitor, conforme apresentados na **Imagem 22**. Os *hyperlinks* são muito úteis, mas o administrador deve ter em mente que uma parcela do que lhe interessa é prejudicial para aquele que aprende.

Imagem 16 – *Links* que afastariam o aprendente de seu foco, a partir de acessos no *blog*. À esquerda, itens positivos. À direita, itens negativos.

Poderá também gostar de:

- [Sobre o ato de ler](#)
- [Revisão das Orações Coordenadas](#)
- [Pronome Demonstrativo: Este, esse ou aquele? - Parte II](#)
- [Pronome Demonstrativo: Este, esse ou aquele? - Parte I](#)
- [Orações Subordinadas Substantivas](#)

Teste Seu Inglês: D X
Grátis

englishtown.com/Teste_Nivel

Faça o Teste de Inglês e Saiba na Hora qual o seu Nível. Acesse Já!

[>](#)

Dicionários on-line

- [Alemão](#)
- [Espanhol](#)
- [Francês](#)
- [Inglês](#)
- [Italiano](#)
- [Português](#)

Popular Posts

[Exercícios com Orações Subordinadas Adjetivas](#)

Esta lista de exercícios foi comentada a partir dos estudos de Gramática Normativa e de Linguística Textual, visando às novas abordagens...



Casos Especiais de Concordância Nominal
 Vamos estudar alguns casos especiais de concordância nominal!

UMA PEÇA, VÁRIOS LOOKS.



CLIQUE E ASSISTA

PERAMBUCANAS

Desfile Interativo

Fonte: <<http://lousavirtual.blogspot.com.br/2012/12/preposicoes-essenciais-essenciais-para.html>>.

Com uma propaganda desse tipo, preocupa-se com a distração dos aprendentes, pois, como apresentam Merton e Lazarsfeld (MARTINO, 2013, p.33), trata-se de uma “disfunção narcotizante”. Segundo esses autores, essa disfunção é como se fosse um efeito colateral da própria mídia, e nada mais seria do que uma distração. Eles têm razão, pois a mídia pode “atuar como uma espécie de droga para deixar a sociedade menos atenta ao que se passa ao redor e, dessa maneira, forçar situações ou impor uma opinião”. No caso desta página, o aprendente poderia deixar de aprender efetivamente e passar a assistir o que foi proposto na propaganda ao lado.

Com a visão do tipo de organização desse *blog*, fica claro que este ainda não é o perfil necessário para que **PB4** seja considerado um empreendedor de sucesso na *Blogosfera*. Falta observar aqueles critérios, previstos neste estudo, de **interatividade** e de **usabilidade**, além de outros já observados.

Transcreveram-se dois fragmentos de postagens desse *blog*, para uma rápida análise dos tipos de linguagem utilizados.

Fragmento 1:

Olá! Tudo bem com os estudos? Agora, com certeza, vai melhorar.

Hoje, vamos conversar sobre uma classe gramatical interessante: PREPOSIÇÕES.

Certa vez, durante a aula, uma aluna fez uma pergunta interessante, após eu afirmar que o melhor modo de estudar não é por meio da chamada “decoreba”. Essa aluna perguntou-me “como fazer, então?”

A minha resposta foi a seguinte:

Algumas preposições são denominadas **preposições essenciais**, pois pertencente à classe de palavras com o mesmo nome, isto é, com função única de PREPOSIÇÃO. São elas:

A - ANTE - APÓS - ATÉ - ATRÁS DE
 COM - CONTRA DE - DENTRO DE
 EM - ENTRE
 PARA - PARA COM - PERANTE - POR
 SEM - SOB - SOBRE

Decorou?!
 Brincadeirainha!

Apesar da brincadeira, muitas pessoas ainda decoram a matéria. Porém, se você acompanhar meu raciocínio, verá que é mais simples compreender os sentidos, isto é, os significados de cada preposição.

Vejam alguns exemplos práticos:

1. Vou a São Paulo. Vou ao Rio de Janeiro.

Atente para os termos "a" e "ao", respectivamente. Em ambos, temos a preposição **a**. Nesse caso, você já deve ter se lembrado daquele, digamos, "macete" que é ensinado sempre: Quem vai VAI **A** algum lugar, certo?!

Seria mais fácil, se entendermos que a preposição **a** tem sentido de **destino** e pronto... Facilitaria tudo. Essa é uma classe de palavras importante para a compreensão do texto.

Assim, QUEM VAI VAI A ALGUM LUGAR, realmente, é um macete e tanto, caso seja entendido com o sentido que ele apresenta: DESTINO, ALGUM LUGAR.

E as outras preposições, professor?
Fácil! Vejam os:

PREPOSIÇÕES E SUAS CARACTERÍSTICAS SEMÂNTICAS:

ante.....: diante de

Ex.: Reagiremos *ante* o problema.

após.....: posterioridade, sequência.

Ex.: O pessoal vem *após* a reunião.

até.....: limite de distância, de tempo, etc.

Ex.: Estudou *até* cansar os olhos. Foi *até* onde deu.

[...]

Fragmento 2

III –Conjunção é a palavra invariável que liga orações ou termos da mesma natureza gramatical. A conjunção também é conhecida como **síndeto**. Daí a classificação das orações como *sindéticas* (com síndeto) ou *assindéticas* (sem síndeto). Ela pode ser classificada como:

- aditiva
- adversativa
- alternativa
- conclusiva
- explicativa

IV – A coordenação é um dos processos básicos de construção textual, no qual as frases são independentes, cada qual encerrando um sentido completo.

“O Rio de Janeiro continua lindo,

O Rio de Janeiro continua sendo,
Rio de Janeiro, fevereiro e março.” (Gilberto Gil)

Estrutura com 2 orações coordenadas assindéticas

[SVO], [SVO]

Estrutura com 1 oração coordenadas assindéticas e 1 oração coordenada sindética

[SVO], conjunção [SVO]

V – Conjunções Coordenativas

Aditivas: quando estabelecem relação de soma entre dois termos ou duas orações.

e nem não só... mas também...

Tente até o fim **e** você verá que vale a pena estudar.
Não estivemos lá **nem** nos interessamos por nada.

Adversativas: quando estabelecem uma relação de oposição entre dois termos ou duas orações.

mas porém contudo entretanto todavia

Ela continua com ele, **mas** não o ama.
Ela continua com ele, **e** este não a ama.

Alternativas: quando estabelecem relação de alternância entre dois termos ou duas orações, podendo ocorrer dois fatos ao mesmo tempo.

ou ora... ora... ou... ou... quer... quer...

A crise econômica piorou **ou** não estamos bem informados sobre a situação.
Ou nos interessamos pelo nosso crescimento pessoal **ou** seremos nada no futuro.
“A lua **ora** brilha, **ora** se esconde, **ora** se escancara toda de luz.” (Jorge de Lima)
Quer faça chuva **quer** faça sol, eu irei ao teu encontro, minha amada.

Conclusivas: quando estabelecem relação de conclusão ou consequência entre dois termos ou duas orações.

logo pois (posposto ao verbo) portanto assim por isso por conseguinte então

Amo você, **logo** existo.
Você o provocou bastante, aguente a polêmica, **pois**.
Portanto, faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.
Sofreram na vida e, **assim**, aprenderam a dar valor àquilo que é mais precioso: a amizade.

Explicativas: quando estabelecem relação de explicação entre dois termos ou duas orações, sendo que a segunda oração explica a ideia expressa na primeira.

porque pois (anteposto ao verbo) que

Ele desconfiava da estrutura, **porque** esta estava em ruínas.
Ele aguentou a polêmica, **pois** havia provocado bastante.
Chore, menina, chore, **que** você desabafa.

*Feche a porta, **que** está ventando.*

EXERCÍCIOS

1. Sublinhe as conjunções coordenativas nos períodos abaixo e classifique-as.

- a) Ou você me ama, ou você não me ama, mulher!
- b) Os preços das frutas estavam muito altos, portanto não as comprei hoje.
- c) “Não precisa torturar meu coração, pois te amo tanto que causa espanto.”
- d) “Natália era muito simpática, porém, arredia.” (Jorge Amado)
- e) “Vem que eu te quero fraco.
Vem que eu te quero tolo.
Vem que eu te quero todo meu.” (Chico Buarque de Holanda)
- f) “Toda mulher que entende de economia doméstica, entende, pois, de comércio.” (Antonio Kandir)

A primeira impressão negativa é sobre o fato de serem fragmentos longos. Esses dois fragmentos são retirados de duas postagens mais longas ainda, o que vai contra um dos princípios da **usabilidade**. Quanto à maneira de interagir, tudo fica restrito à **interação**, pois se sabe que há um professor de Português ali, mas não há uma possibilidade de contato com esse professor, a não ser por meio de mensagens de texto, na forma de *Comentários*.

Quanto à linguagem, o Fragmento 1 favorece na interação, pois se assemelha àquela fala de sala de aula mais descontraída para os jovens. Por sua vez, o Fragmento 2 já apresenta aquela linguagem mais técnica, parecendo uma listagem de termos técnicos e seus exemplos, muito comum em livros impressos de gramática. É válido lembrar que a linguagem do Fragmento 1 se mostra diferente justamente por ser um avanço na postura do professor blogueiro, enquanto a linguagem do Fragmento 2 é mais antiga e característica do texto impresso. Isso pode ser verificado acessando as páginas desse *blog*.

Mesmo mostrando domínio de algumas ferramentas para *blogs*, fica claro que, quanto à postagem, ainda falta muito para melhorar. Não são todas as postagens assim. Existem outras com vídeos, com imagens de apresentação em *PowerPoint*, etc. O problema é a postura ainda distante de **PB4** em relação aos usuários.

Entendendo que o processo de **interatividade** “está na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e intervenção”, como propõe Silva

(2014), é fato que **PB4** ainda não tomou uma postura mais interativa nesse sentido. E Silva (2014) continua:

Digo isso porque um indivíduo pode se predispor a uma relação hipertextual com outro indivíduo. Esta perspectiva é para mim muito cara, uma vez que venho pesquisando o "professor interativo" na relação interpessoal em sala de aula. O professor pode se posicionar além da interação com seus alunos, pois essa interação já ocorre "naturalmente" na separação emissão-recepção que, aliás, tem sido a característica inabalável da docência nos últimos cinco mil anos. (SILVA, 2014).³⁵

Logo, percebe-se que ainda há muito que se fazer para chegar a esse novo modo de interagir, a interatividade.

E isso está diretamente relacionado com o critério de **usabilidade**, apresentado por Nielsen (2007, p. xvi), que é “um atributo de qualidade relacionado à facilidade do uso de algo. Mais especificamente, refere-se à rapidez com que os usuários podem aprender a usar alguma coisa, a eficiência deles ao usá-la, o quanto lembram daquilo, seu grau de propensão a erros e o quanto gostam de utilizá-las”. E, se é rapidez uma das qualidades, então esse *blog* peca nesse quesito por conta das postagens longas.

E do ponto de vista da **inovação** (OLIVEIRA, 2010), é fato que **PB4** inova no sentido de estender o espaço físico da sala de aula para o espaço virtual, entretanto verifica-se que essa página se assemelha a tantas outras, pois se trata de uma novidade que não foi além. Faltam elementos que favoreçam a **interatividade** e elementos que permitam uma avaliação positiva dentro dos critérios da **usabilidade**.

³⁵ Por se tratar de um artigo publicado no formato HTML, não é apresentado o número da página.

Tabela 5 – Apresentação de dados quantitativos do *Blog Língua Portuguesa*.

Endereço completo na web	linguaportuguesa.blog.br
Título personalizado da página	Língua Portuguesa
Nº de acesso e momento de captura de imagem da página	nº de acesso não divulgado. Quarta-feira, 25 de fevereiro de 2015.
Área ocupada pela página (largura x altura)	36,14 cm x 199,39 cm
Área ocupada pela postagem (largura x altura)	19,05 cm x 12,6 cm
Tipo de linguagem usada na postagem	Registro formal
Imagens na página	38
Hyperlinks na página (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	78
Hyperlinks na postagem (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	2, em média
Propagandas remuneradas	16
Breve descrição feita pelo autor desta pesquisa	<p>“Sou formada em Letras [...] em 1997 e, desde lá, mantenho-me em contato com o nosso idioma que tanto admiro.”</p> <p>“A criação deste blog, [...] é mais um passo do meu desenvolvimento profissional.”</p>

A quinta página é o *blog* **Língua Portuguesa**, da *Professora Céu Marques* (Doravante **PB5**), professora de Língua Portuguesa e de Literatura, segundo a sua própria descrição. Mais informações foram mostradas na **Tabela 5**. Como foi dito no início deste capítulo, esse nome, “Língua Portuguesa”, tende a aparecer em diversos *blogs*. Talvez, isso aconteça por conta da necessidade de se escrever utilizando palavras-chaves que ajudam na busca dessas páginas, como foi visto anteriormente sobre os motores de busca, como o *Google*, por exemplo.

Em relação às cores, **PB5** escolheu um *template* em vários tons de cinza até chegar ao branco. Essa página foi preparada por profissionais em *webdesign* da *Pretty Darn Cute Design* e *Olho Nu Design*, duas empresas da *Internet* especializadas na criação de *webpages*. Essas empresas personalizaram um *template* chamado *Modern Blogger Pro*. Se este é um modelo “Pro”, então é pago. Portanto, houve um investimento financeiro tanto no tema usado quanto na personalização do *blog*. Tem-se, neste caso, uma postura empreendedora enquanto investimento num negócio.

Trata-se de um *blog* com ambiente limpo e claro, o que facilita a leitura. É, com certeza, uma página bem profissional, pois apresenta diversos elementos que um bom blogueiro precisa apresentar, como aqueles itens que garantem um grande número de acesso. Além disso, esse *blog* conta com um *gadget* que direciona para a página de **PB5**, no *Facebook*. Ao navegar, pode-se constatar que ela é uma profissional no ramo das redes sociais, afinal sua página do *Facebook* já passa de um milhão de curtidas, portanto mais de um milhão de acessos. Ou, ela tem apoio de profissionais blogueiros. E não são duas páginas distintas. Tanto o *blog* quanto o *Facebook*, ambos estão relacionados entre si, pois as mesmas postagens que se encontram no *blog* figuram lá na página do *Facebook* de **PB5**, e *hyperlinks* estratégicos fazem internautas virem para o *blog*.

As ferramentas que garante um vínculo mais estável com os internautas leitores são as assinaturas de *Feeds*, um recurso que mantém aqueles que navegaram atualizados e acessando o *blog*. Uma enquete também figura na coluna da direita. Com essa ferramenta, **PB5** garante o acesso por meio da manifestação de opiniões de usuários do *blog*.

No *menu* horizontal, logo abaixo do Cabeçalho, encontram-se *links* que direcionam para páginas de **exercício**, de **dúvidas** e de **enquetes**. Na página de

exercícios, **PB5** apresenta uma atividade e, em seguida, responde, comentando com a teoria ali empregada. Na página de dúvidas, ela se ocupa em tirar dúvidas apresentadas pelos internautas. E, na página das enquetes, não se vê muito.

É interessante a abertura que **PB5** demonstra para se fazer parceria, uma das atividades recorrentes de blogueiros profissionais. Isso indica o grau de empreendedorismo dessa professora.

Minha intenção ao buscar PARCEIROS é complementar o meu trabalho, agilizando a entrada de conteúdo no blog, sempre visando a qualidade do material enviado e o profissionalismo das pessoas envolvidas. Vejo-as como ajuda e acréscimo e não como concorrência. Acredito que juntos podemos aprender muito mais. Eu ganho, os parceiros ganham e, principalmente, os seguidores ganham, pois terão à disposição um vasto conteúdo sobre língua portuguesa.

Quer ser parceiro do blog? Mande o seu material. Terei o maior prazer de avaliá-lo.

Céu Marques

ceu@linguaportuguesa.blog.br (LÍNGUA PORTUGUESA-CÉU, 2014, caixa alta da autora.).³⁶

Quanto à linguagem, **PB5** mantém uma formalidade que não atrapalha na leitura de suas postagens. Ela é direta e concisa. Em outras páginas do *blog*, seus textos maiores em nada prejudicam, pois essa professora deixou seu *blog* bem organizado. **PB5** tem um bom controle e uma constante atualização de sua página na *web*. Talvez, se possa pensar no aspecto da avaliação e em como ela se dá nos *blogs*, se é que seja possível fazê-la.

Quanto à **interatividade**, **PB5** consegue um grau alto de interação, pois ela pratica aquilo que Silva (2014) entende como estar “na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e intervenção.”. Percebe-se que **PB5** empreende nesse aspecto também. E isso é visível a ponto de compreender que ela promove um *blog* com alta **usabilidade**, que pode ser verificada no tamanho das postagens, nas ferramentas disponibilizadas, na forma de organização da página etc. As postagens são altamente sintéticas, contudo atendem ao propósito de **PB5**, como se pode ver a seguir, nas **Imagens 17 e 18**:

³⁶ Disponível em: <<http://linguaportuguesa.blog.br/parcerias/>>. Acesso em: 25 fev. 2015. Esta identificação ficou LÍNGUAPORTUGUESA-CÉU para diferenciar do outro *blog* de nome semelhante.

Desse modo, pode-se inferir, a partir da leitura dessas postagens, e de outras feitas *on-line*, que **PB5** é blogueira profissional, contudo sem deixar aquele propósito que um professor deve manter na sua profissão. Como ela mesma descreveu,

Publicarei, diariamente, um vasto material sobre a língua portuguesa. Meu objetivo é mostrar um pouco o conhecimento que tenho sobre o nosso idioma e aprender muito com vocês. Desejo que a nossa troca de informações seja proveitosa para todos. (LÍNGUA PORTUGUESA-CÉU, 2014).

Em relação à obsolescência na formação do professor, que foi discutida anteriormente, no Capítulo 2, vê-se que **PB5** tem uma nova visão de professor que atua em busca de sua constante formação, ou, de uma formação continuada. Ela se atualizou e se preparou para atuar no espaço virtual, além de sua atuação em sala de aula.

Então, é certo afirmar que **PB5** cumpre com o que foi discutido no Capítulo 2. Lá, foi dito que a necessidade de se atualizar sempre será responsabilidade de todos aqueles que estão envolvidos com o processo de formação do ser humano. Também, comentou-se que as TIC nada mais são do que mais um passo importante na evolução da raça humana. Não importa qual teoria conspiratória que se invente contra o professor, ou contra alguma instituição formadora deste profissional. Importante é este professor agir como pensador capaz de alcançar resultados cada vez mais elevados, cumprindo, assim, com o propósito inicial de educar, de formar cidadãos críticos e com visão mais ampla da Vida. Ou seja, **PB5** busca uma constante “profissionalização”, tem “autonomia” e se “revaloriza”. (BRASIL, 2002, p.31).

É certo dizer que **PB5** apresenta um perfil de professor mais empreendedor, conforme prevê Perissé (2011), que fala dos valores como algo que sempre levam a uma direção. E, nesse caso, levou essa professora a construir um perfil de **professor hipermoderno**, pois tal agir a levou ao mundo do empreendedorismo.

Agora, um sexto *blog*, simples e ao mesmo tempo eficiente, foi analisado. É mais um *blog* com o nome “língua portuguesa”.

Tabela 6 – Apresentação de dados quantitativos do *Blog* língua portuguesa.

Endereço completo na web	fatimalp.blogspot.com.br
Título personalizado da página	língua portuguesa
Nº de acesso e momento de captura de imagem da página	1,372,278 acessos Quarta-feira, 25 de fevereiro de 2015
Área ocupada pela página (largura x altura)	36,14 cm x 274,34cm
Área ocupada pela postagem (largura x altura)	18,52 cm x 26,88 cm
Tipo de linguagem usada na postagem	Registro formal
Imagens na página	51
Hyperlinks na página (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	357
Hyperlinks na postagem (Consideraram-se todas as imagens e todos os textos que direcionam a outras páginas.)	13, em média
Propagandas remuneradas	1
Breve descrição feita pelo autor desta pesquisa	“Este blog foi criado com o objetivo de postar aulas e exercícios trabalhados em classe. Mas, atendendo a pedidos, tenho postado várias dicas de português. Se você não encontrar o que procura, deixe um recado. Participe! Poste um comentário!”

Esse é o sexto *blog* analisado; e seu título, **língua portuguesa**, apresenta as iniciais minúsculas, como foi dito antes. Essa página pertence à *Professora Fátima* (Doravante **PB6**), que já lecionou em escolas famosas, do segmento particular. Dona de seis *blogs* e seguidora de mais de cem *blogs* de diferentes administradores, essa professora administra uma página de visual simples e despojado.

Em relação às cores, **PB6** escolheu um *template* gratuito da plataforma *Blogger*, o modelo *Watermark*. Apresenta um fundo rosado meio pastel, com as áreas das postagens em azul claro. Do ponto de vista da personalização, o *template* não sofreu alterações. **PB6** resolveu deixar os *gadgets*, que não são muitos, na coluna da esquerda, enquanto uma lista com mais de cem *hyperlinks* figura na coluna da direita, oferecendo os conteúdos para estudo.

As postagens apresentam visuais simples e sem propagandas. A linguagem é formal e, às vezes, informal, variando conforme o teor estudado. Quanto ao conteúdo publicado, há uma mistura de estilo, conforme se vê a seguir, nessa postagem:

ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

1 CONCEITO

Conjunções são palavras que ligam **termos** de uma oração e também **orações**.

Exemplo: Pedro **e** João foram ao cinema.(a palavra E ligou dois núcelos do sujeito.)

Lutamos **e** vencemos.(a palavra E ligou duas orações.)

As *conjunções* podem se **coordenativas** e **subordinativas**

a) *Coordenativas* – que podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes - as chamadas orações coordenadas.

Exemplo: O professor entrou na sala, cumprimentou os alunos **e** iniciou a explicação.

De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:

Aditivas (exprimem valor de adição, soma): e, nem, não só... mas também, etc.;

Exemplo:

1.Não só comentou o caso com os colegas, **mas também** o levou ao conhecimento da imprensa.

2.Comentou o caso com os colegas **e** o levou ao conhecimento da imprensa.

[...] (língua portuguesa-Fátima, 2015).³⁷

³⁷ Disponível em <<http://fatimalp.blogspot.com.br/search/label/CONJUNÇÃO>>.

E nessa outra postagem da mesma blogueira:

AMBIGUIDADE



É importante usar pronomes como recurso para evitar repetição de palavras, porém nem sempre isso resolve o problema. Veja o que aconteceu na charge: criou-se uma ambiguidade na frase "Veio a chuva forte e **a** derrubou." Derrubou quem? a **aranha** ou a **parede**.? (língua portuguesa-Fátima, 2015).³⁸

A primeira postagem, a extensão prejudica em relação à **usabilidade**. A segunda se adéqua ao critério da usabilidade que diz respeito ao tamanho da postagem numa *webpage*. É evidente que o texto não se organiza de forma que ajude, pois o visual se assemelha muito àquele dos materiais impressos. Ao copiar do *blog* e colar as postagens aqui, nada foi feito para melhorar ou modificar o aspecto na apresentação dos conteúdos. Portanto, do jeito que se lê aqui, essas postagens são lidas no *blog*.

Sabe-se que vários critérios definem o fator de usabilidade de uma *webpage*. E é Nielsen (2007) quem estuda exaustivamente esse fator. Ele mostra algo que vai de encontro ao conteúdo comumente disponibilizado por professores de Língua Portuguesa: a quantidade de informação. **PB6** ora emprega esse critério, ora deixa ele de lado. Isso, talvez por que ela não conheça a **usabilidade** ou passou a empregá-la posteriormente, após a aquisição de novas técnicas de blogueiro. Para

³⁸ Disponível em <<http://fatimalp.blogspot.com.br/search/label/AMBIGUIDADE>>.

Nilsen, o mais importante que uma página da *web* precisa comunicar aos novos usuários é visto em torno de trinta segundos: “O site a que eles chegaram;” e “As opções para os usuários e como chegar à seção mais relevante para eles.” (NILSEN, 2007, p. 30).

Em algumas postagens, esses critérios são obedecidos, porém, em outros, não. Contudo, esse *blog* apresenta um diferencial que é um *hyperlink* de jogos com o uso da linguagem. Jogos sobre ortografia, sobre hífen etc. figuram no *menu* horizontal. O que diminuiu o prestígio do *blog* foi uma tentativa de acesso ao jogo do hífen, que apresenta o *link* quebrado, isto é, não leva a lugar algum. Isso é muito comum ocorrer em páginas da *Internet* que precisam apenas de uma manutenção.

Um fator que quase não aparece nesse *blog* é a **interatividade**, pois o foco está na quantidade de conteúdo disponibilizado para estudo, mais ligado à **interação**. Embora seja eficiente, esse *blog* se difere do anterior no que diz respeito à disponibilização de conteúdo. **PB6**, que já trabalhou em escolas famosas pelo conteúdo para vestibular etc., apresenta um perfil característico: ela prioriza uma grande quantidade de informação sobre língua Portuguesa, para os internautas estudarem.

PB6 vai até certo ponto, o que já é um bom sinal, conforme se pode conferir nos RFP-MEC (BRASIL, 2002). Lá, está dito que “o êxito profissional do professor depende de sua capacidade de manejar a complexidade da ação educativa e resolver problemas, por meio de uma interação inteligente e criativa”. (BRASIL, 2002, p 59). Com isso, pode-se inferir que o perfil de **PB6** se equilibra bem entre o ser professor e o ser empreendedor. Com uma quantidade grande de usuários, que chegava a 1.372.278 visitantes, no dia em que se acessou o *blog* para coletar informações, é certo dizer que **PB6** empreende de alguma forma na manutenção de seu *blog*. E, apesar da aparência simples do *blog*, há uma movimentação intensa nessa página, e isso está diretamente relacionado ao fator **usabilidade**.

Esse “manejar” e essa “interação inteligente e criativa” são características que marcam um empreendedor. Parece que **PB6** desenvolveu algumas competências específicas para empreender, e essas competências são apresentadas nos PCNEM (BRASIL, 2002, p 81):

De que competências se está (sic) falando? [...], da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento divergente, da capacidade de trabalhar em equipe, da disposição para procurar e aceitar críticas, da disposição para o risco, do desenvolvimento do pensamento crítico, do saber comunicar-se, da capacidade de buscar conhecimento. [...] (BRASIL, 2000, p. 11-12).

Assim, infere-se que **PB6** apresenta algumas características de blogueira de sucesso, contudo ela continua com aquela característica marcante de professor conteudista. Temos, com isso, mais uma profissional da educação que emprega ferramentas das TIC em ambientes virtuais para o ensino da Língua Portuguesa. Trata-se de mais um passo importante na evolução da Educação. **PB6** age com o intuito de alcançar resultados cada vez mais elevados em sua carreira de professor e, agora, de blogueira. Ela demonstra ter “autonomia” e se “revaloriza”. (BRASIL, 2002, p.31).

Por um lado, **PB6** demonstrou um perfil conservador na publicação de conteúdos para *web* em algumas postagens. Por outro lado, ela demonstrou também que é um sujeito da hipermodernidade, pois ela apresenta valores que a levam para frente, diferenciando-a de outros professores e fazendo dela uma professora empreendedora, autônoma e ousada.

4.2 Considerações sobre as atuações dos professores em seus blogs

Diante dessas análises, foram percebidas as diferenças no foco empreendedor de cada professor. As razões também foram apresentadas sucintamente. Considerando a organização dos *blogs*, o tipo de linguagem empregada, os critérios de interatividade e de usabilidade, entre outros elementos das TIC, vê-se que os professores blogueiros avançaram muito, pois já não se limitam ao espaço físico da sala de aula tradicional.

Ao analisar os *blogs*, ficou claro que só de estender o espaço físico da sala de aula, tradicional lugar do agir desses profissionais, até o espaço virtual da *web*, esses professores já apresentam alguns traços de professor hipermoderno, pois rompem com aquela visão cartesiana de tempo e espaço, chegando a ter um alcance mundial, pois este alcance se aplica a qualquer página hipertextual.

É fato que alguns desses professores ainda precisam caminhar um pouco mais em direção ao empreendedorismo. E, pode-se dizer, categoricamente, que essa caminhada é longa e não tem fim, pois, sabe-se que a *Internet* está em constante avanço, por meio das novidades e das inovações.

Contrariando tudo o que é previsto sobre a profissão dos professores, esse pequeno *corpus* mostra que ainda não é o fim dessa profissão, se é que esse fim existirá. Porém, é certo que haverá muitas mudanças.

Esse estudo foi feito para que se pudessem estabelecer comparações entre as principais funções do professor e aquelas ações que apontam para um perfil mais empreendedor. E tal comparação apresenta resultados, pois, como afirmou Hengemühle (2014, p. 27), a “arte de inovar”, de “revolucionar” e de “criar o que ainda não existe” faz parte do cotidiano desses professores e de outras centenas destes.

Quanto aos critérios considerados para observar a atuação de professores de português em *blogs* e para defini-los como professores empreendedores, os resultados obtidos foram estes:

- a) **PB1:** essa professora demonstra conhecimento essencial para atuar no mundo virtual, com uma postura pouco empreendedora. Faltou-lhe assimilar mais os critérios de interatividade e de usabilidade. Talvez, uma reorganização de seu *blog* ajude nessa empreitada. Quanto ao seu papel de professora de Língua Portuguesa, os requisitos básicos são mantidos. Para ser mais empreendedora, faltou ousar mais na *Blogosfera*.
- b) **PB2:** essa professora demonstra conhecimento essencial para atuar no mundo virtual, com uma postura pouco empreendedora. Um aprimoramento de seu *blog* a faria um blogueira profissional. Bastaria ela compreender os conceitos de interatividade e de usabilidade. Quanto ao seu papel de professora de Língua Portuguesa, fica evidente que sua preocupação está quase toda em seus alunos, afinal, o seu principal objetivo foi dar suporte a estes, mesmo estando fora da sala de aula. Essa professora tem um potencial empreendedor significativo; só não percebeu ainda.

- c) **PB3**: nesse caso, são eles, supostos professores estrangeiros. Com uma visão empreendedora mais focada nos negócios, esses professores tem um *blog* demasiadamente simples. Faltam-lhes conhecimentos específicos sobre usabilidade e sobre interatividade, pois estes critérios são poucos, ou quase nada, desenvolvidos. Contudo, fica claro que o foco é outro. Do ponto de vista da profissão de professor, quase nada foi observado. Daí dizer “supostos professores”. E, em relação ao empreendedorismo educacional, este se limita ao empreender no ensino específico de Português para estrangeiros.
- d) **PB4**: com o objetivo de dar um suporte virtual para seus alunos, esse professor criou seu *blog* apenas como uma extensão virtual da sala de aula. Verifica-se que apenas conhecer os recursos e as ferramentas para atuar em *blogs* não é suficiente, pois esta é uma página que não apresenta um empreendedorismo ideal; e, com essa visão do *blog* como uma extensão da sala de aula, nada irá favorecer esse agir empreendedor. Aqueles critérios de **interatividade** e de **usabilidade** não estão aplicados o suficiente para dizer que se trata de um blogueiro profissional. Com isso, mesmo apresentando traços de um perfil empreendedor, considera-se que o professor deva empreender mais, preparando seu *blog* para ousar na *Blogosfera*.
- e) **PB5**: finalmente, uma professora com suas competências de blogueira bem definidas. Seu *blog* é, com certeza, uma página bem profissional, pois apresenta diversos elementos que um bom blogueiro precisa apresentar. Essa professora não só entende bem sobre os critérios de **interatividade** e de **usabilidade**, como os aplica com eficiência. Seu *blog* não apresenta o número de acessos, mas ao *blogá-lo* (integrá-lo) ao *Facebook*, ela já conseguiu mais de um milhão de curtidas, portanto é uma professora blogueira profissional. Isso se deve à sua atuação na *web*, na qual um vínculo mais estável com os internautas leitores é proposto sempre. Desse modo, é certo dizer que **PB5** desenvolveu um perfil mais completo de **professor hipermoderno**, a partir de seu agir como empreendedora na educação.

f) **PB6**: oscilando entre o bom emprego e o mau emprego dos critérios de **usabilidade**, essa professora beira o profissionalismo, afinal seu *blog* ultrapassa de um milhão de acessos. Apesar de uma organização precária, ela apresenta conhecer um pouco sobre ser blogueira. Quanto à **interatividade**, ela poderia melhorar, porém este não é o seu foco. Por já ter trabalhado em muitas escolas famosas pelo conteúdo para vestibular etc., ela manteve aquele perfil característico de professor de Língua Portuguesa de sala de aula. Em outras palavras, ela empreende até certo ponto, mas não ousa ir além, como faz **PB5**. Por estar num ponto de equilíbrio entre o ser professora e o ser empreendedora, pode-se inferir que **PB6** apresenta algumas características de blogueira de sucesso, contudo ela continua com aquela característica marcante de professor conteudista. Temos, com isso, mais uma profissional da educação que emprega ferramentas das TIC em ambientes virtuais para o ensino da Língua Portuguesa. Trata-se de mais um passo importante na evolução da Educação. Acredita-se que se **PB6** agisse com o intuito de alcançar resultados cada vez mais elevados em sua carreira de blogueira, ela desenvolveria um perfil mais próximo do perfil de PB5, com características de um sujeito da hipermodernidade.

Essas análises revela o que se esperava encontrar: um perfil de professor empreendedor. No entanto, trata-se da construção de um perfil numa fase de transição de tecnologias educacionais num ambiente ainda cheio de incertezas.

É sabido que nem todos têm esse perfil plenamente, mas sim que estão em vias de desenvolvê-los. As comparações feitas entre as principais funções do professor e aquelas ações que apontam para um perfil mais empreendedor, mostram que esses professores já inovam, revolucionam e criam meios diferenciados para o seu agir. Talvez, o ponto fraco ainda reside no fato de todos os professores estarem numa fase de transição da tecnologia. Daí dizer que estão “em vias de”.

Isso se comprova ao ser considerado que esse “em vias de” nada mais é do que um período de transição do mundo moderno para o que Lipovetsky e Serroy (2011, p.32) denominaram como **mundo hipermoderno**.

Esses professores, proprietários de *blogs* são como tantos outros que já deram o primeiro passo. É fato que uns já foram bem mais longe, enquanto outros ainda estão por decidir continuar, mas podem ser considerados **professores hipermodernos**, com características diferentes dos tradicionais professores. E isso não é tão novidade, se se pensar que alguns professores sempre inovaram em cada momento histórico. Diz-se isso ao aceitar que, no surgimento do quadro negro, alguém inovou. Se pudesse voltar no tempo mais um pouco, certamente um professor seria inovador ao conferir informações científicas num livro diante de uma plateia ávida pela luz do conhecimento. Certamente, descrenças surgiriam em relação a um mestre que não confia mais na própria memória.

Segundo Lipovetsky e Serroy (2011), essa busca por algo que está além da técnica já dominada é chamado de **hipertecnicização**. Em outras palavras, os professores blogueiros possuem (possivelmente) a técnica adequada para ensinar Língua Portuguesa, conforme suas formações lhes proporcionaram, mas foram além. E isso exigiu muito, e exigirá constantemente, desses profissionais para que tenham posturas de atualização constante, pois há um hiperconsumismo do que se apresenta como novo.

Sabe-se que as novidades tecnológicas não param de surgir, e esses professores deverão buscar sempre as novas técnicas para atuarem, bem como ver como esse novo mundo funciona. E essa busca pode ser feita por meio do processo da formação continuada mais adequada. Com essa exponencial velocidade em que tais mudanças acontecem, muitos professores deverão ser formados para atender à demanda, porém tendo em mente que a inovação sempre superará a novidade, tão efêmera. Pode-se afirmar que os professores blogueiros atuam num mundo mais globalizado (HELD e MCGREW, 2001, p. 11). Deve-se compreender que essa globalização nada mais é do que um processo de massificação de tudo, porém com uma significativa persistência de culturas e de ideologias em âmbitos regionalistas. (BAUMAN, 1925/1999; LASTRES et al, 1998).

Logo, mesmo sendo sujeitos hipermodernos, esses professores blogueiros tendem a apresentarem em seus perfis características bem locais. Compreende-se “locais” no sentido de que o professor atua de um lugar determinado sócio-historicamente, que é determinado pela sua posição social, pela sua idade, pela sua formação acadêmica e sua formação continuada.

Quanto aos tipos de linguagem, verificou-se que, na maioria das postagens dos *blogs* analisados, há uma predominância daquela linguagem do texto tradicional impresso. Ao disponibilizar informações em seus *blogs*, os professores deveriam adequar a linguagem para os meios virtuais, sem deixar a desejar de lado sua preocupação com o propósito inicial: ensinar a Língua Portuguesa.

Uma exceção aparece nas postagens presentes no quinto blog analisado, que apresenta conteúdos sintéticos, quase “pilular”. Ainda assim, todos esses professores apenas disponibilizam ou “dados”, que para Setzer (1999, p. 1) são “sequência de símbolos quantificados ou quantificáveis”, ou “informações”, consideradas como uma abstração informal, ou seja, que “não pode ser formalizada através de uma teoria lógica ou matemática” (SETZER, 1999). Parece que há uma carência conceitual do que seria a linguagem hipermoderna, ou linguagens, para esses professores blogueiros.

E quanto ao conhecimento? Setzer (1999, p. 3) argumenta que “Conhecimento é uma abstração interior, pessoal, de alguma coisa que foi experimentada por alguém”, o que impossibilita, portanto, a esses professores a inserção de seus conhecimentos nos computadores. Desse modo, eles devem agir de modo que a experiência humana em seus *blogs* permita, pela interatividade, e, conseqüentemente, pela usabilidade, a construção efetiva dos próprios conhecimentos por parte dos internautas. É mais uma questão de *Pragmática* do que de *Semântica*, sem, é claro, deixar esta de lado.

Pensando especificamente no suporte digital, e na **linguagem hipermoderna**, tem-se que este suporte seja composto de códigos diversos, para que possa apresentar toda a sua funcionalidade. A experiência com a escrita passou a ser pelo teclado e, mais recentemente pelo deslizar de dedos sobre uma tela sensível ao toque, navegando por *links* e *hiperlinks*, etc. Conclui-se que o modo de aprender mudou, e, a partir do que foi encontrado nos *blogs* analisados, as necessidades dos internautas aprendentes são parcialmente supridas, pois ainda tem muito do texto tradicional nesses blogs. São poucos os conteúdos que realmente apresenta essa linguagem hipermoderna, que possibilita uma interatividade nos moldes previstos.

Por influência do novo sistema comunicativo, mais aberto e menos rígido, é em Zilberman (2009) que pode ser compreendida essa necessidade de adequação,

pois, “neste gênero, um narrador pode tratar seu leitor, sem nunca tê-lo visto ou identificado, como alguém familiar e a quem revela sua intimidade”.

Alguns dos professores blogueiros analisados apresentam uma postura coerente em relação a esse tipo de interação, mas ainda falta melhorar muito para chegar à interatividade com os seus interlocutores internautas, afinal estes não são “leitores passivos”. Por exemplo, Zilberman afirma que “Ao contrário do leitor gutenberguiano, o internauta pode captar várias mensagens concomitantemente, ao operar com janelas simultâneas, que escolhe voluntariamente.” (ZILBERMAN, 2009, p. 8).

Talvez, tenha faltado para os professores blogueiros algo que Oliveira (2006, p. 136) já tinha mostrado em seus estudos sobre a linguagem hipermoderna: “O texto escrito na mídia impressa permite uma ‘navegação’ pelas suas partes sem que percamos o sentido do todo”. Ou seja, pode-se recorrer a páginas anteriores (ou posteriores) sem que se perca de vista a página vigente. Para ele, no texto da mídia computacional o procedimento deve ser outro: “na mídia computacional [o texto] não é para ser ‘lido’ (como na mídia impressa), mas sim, ‘visto/ouvido’ (como nos de propaganda, por exemplo)”. Outra informação importante de Oliveira (2006) reside no fato de essas novas mídias pedirem um tipo de apresentação diferente daquela do texto impresso.

Logo, os *blogs* analisados deveriam ser adequados para uma interatividade de mais qualidade. Com isso, a usabilidade teria um salto de qualidade, e os aprendentes teriam outra experiência nesses *blogs*.

É a nova forma de construção de conhecimentos. É um novo professor que se exige para atuar frente a esse “saber-fluxo” (LÉVY, 1999). Lévy comenta que o novo papel do professor é favorecer uma aprendizagem personalizada e uma aprendizagem coletiva em rede. Conforme o autor, “o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos”.

No mundo hipermoderno, ou o professor realmente atua empreendendo da forma acima ou será um alienado (CODO, 1986, p. 9) à ideologia do ensino tradicional. Interessante é o fato de esse professor estar dentro de um sistema que mal consegue perceber o funcionamento, como pensou Einstein a partir do

“paradoxo do observador” (OLIVEIRA, 2011, p. 127). Com isso, esse professor não escaparia de ser observado, porém o seria de modo negativo, improdutivo.

Num outro aspecto, percebe-se que alguns professores não se alienam, agindo apenas dogmaticamente, como foi verificado ao estudar esses seis professores com seus respectivos *blogs*. Uyeno (2002, p. 26) argumenta que os conhecimentos tornam-se dogmas inquestionáveis. E isso levaria a pensar que os professores blogueiros teriam uma preocupação com o fim desses dogmas, mas também esses mesmos professores estariam numa posição de perda de poder diante do fenômeno da *web*, o que de fato não aconteceu. Ainda se verifica o respeito por esses profissionais, de modo geral.

Quanto à falta de interatividade e com o excesso de informações apresentada nos moldes modernos, deduz-se que esses professores, mesmo com a boa intenção de integrar o mundo virtual à sua prática profissional, ainda resistem em certa medida, o que é muito normal acontecer todas as vezes que surge o novo e o desconhecido.

Enfim, é sabido que o modo de se adquirir o conhecimento mudou. Essa nova tecnologia digital, na qual os professores pareceriam irrelevantes diante da ferramenta *Google*, por exemplo, deve ser considerada como uma grande oportunidade para se buscar o novo. E esses seis professores são representantes de um grande número de professores que buscaram na *Blogosfera* uma nova forma de atuar como professores de Língua Portuguesa.

CONCLUSÃO

Tendo em mente que o objetivo desta pesquisa foi verificar se os *blogs* de professores da área de linguagem atendem às necessidades dos aprendentes, adequando suas linguagens para o ambiente virtual, procedeu-se a uma caracterização dessa nova configuração do mundo hipermoderno, com sua linguagem e com seu novo modo de ensinar. Também, procurou-se identificar o perfil do professor mais empreendedor, além de observar como funcionam as ferramentas oferecidas gratuitamente pelos provedores das plataformas de *blogs*, importantes para a atuação desses professores.

Foi levantada uma questão sobre a *hipermodernidade*, que transforma o mundo num lugar em que pessoas passam a agir como hiperconsumistas, hipercapitalistas e hiperindividualista. E, nesse mundo, o professor também poderia apresentar essas características hipermodernas ou simplesmente refutá-las. O problema maior recai sobre o fazer desse professor, pois, independentemente de suas escolhas, ele se depara com um público altamente heterogêneo.

Fazendo um recorte, pensou-se nos professores que atuam por meio de *blogs*. Estudos indicam que, no chamado mundo hipermoderno, essa nova realidade já modifica o modo de se olhar para o processo ensino-aprendizagem. E, esse modo de olhar levou à seguinte pergunta de pesquisa: *Ao atuar por meio de blogs, os professores se preparam o suficiente, observando as propostas de ensino de linguagem e adequando esta última para o universo digital, com uso adequado dos hipertextos, dos critérios de usabilidade e dos critérios de interatividade e de comunicação virtual?*

Numa pesquisa quantitativo-qualitativa, o *corpus* dessa pesquisa, composto por seis *blogs*, revelou algo interessante: um ponto de equilíbrio, e de resistência, ainda existe. “Hipermodernidade”, “hiperconsumista” e “hiperindividualista” podem denotar algo negativo, talvez por conta do prefixo “hiper”, mas que se constituem em novas formas de agir no mundo, um *mundo hipermoderno*. Com esse estudo, verificou-se que esses termos significam outra coisa, que está mais para uma visão global, mundial, e não mais local dos espaços sociais. Logo, o professor que adere a essa nova visão, passa a ser considerado um **professor hipermoderno**.

Contudo, o que realmente mudou no papel desse professor e o que mudou em suas características profissionais e em seu agir diante das novas tecnologias de informação e de comunicação, as TIC, interessaram muito para essa pesquisa. Essas mudanças levaram a compreender como a hipermodernidade influencia no processo ensino-aprendizagem e levaram a entender como o professor pode atualizar-se diante das ofertas de novos recursos tecnológicos para a educação. Com essas informações em mente, uma resposta é possível para aquela pergunta de pesquisa.

Diante das informações obtidas durante as análises, verificou-se que cada professor apresenta um foco diferente. Mesmo com a mesma tecnologia à mão, os interesses ora são mais conservadores, ou modernos, ora são mais inovadores, ou hipermodernos. Considerando a organização dos *blogs*, o tipo de linguagem empregada, os critérios de interatividade e de usabilidade, entre outros elementos das TIC, comprovou-se que os professores blogueiros avançaram muito, pois já não se limitam ao espaço físico da sala de aula tradicional.

Numa análise mais específica, foi possível traçar um perfil mais empreendedor de alguns professores, no caso professoras (o que é um dado importante, entendendo que as mulheres sempre tiveram à frente do processo educativo). Enquanto alguns professores empregam seus *blogs* apenas como uma extensão do espaço físico da sala de aula no espaço virtual da *web*, ou como promoção de um serviço de vendas, outros já vivem a hipermodernidade plenamente. É válido lembrar que, em certa medida, todos os professores agem no espaço virtual, chegando, inclusive, a ter um alcance mundial. Não tem como não ser assim porque essa realidade se aplica a qualquer página hipertextual.

Do ponto de vista do empreendedorismo, alguns professores ainda devem se preparar muito. Outros só precisam se atualizar, e constantemente, o que será contínuo nessa realidade hipermoderna. Dos seis *blogs* analisados, dois deles apresentam professores altamente empreendedores e que podem ser considerados como blogueiros profissionais. Entretanto, os outros professores ainda não estão prontos para serem assim considerados.

Essas análises revela o que se esperava encontrar: **um perfil de professor empreendedor**. É sabido que nem todos têm esse perfil plenamente, porém eles estão em vias de desenvolvê-los.

As comparações feitas entre as principais funções do professor e aquelas ações que apontam para um perfil mais empreendedor, mostram que esses professores já inovam, revolucionam e criam meios diferenciados para o seu agir. Talvez, o ponto fraco ainda resida no fato de todos os professores se encontrarem numa fase de transição da tecnologia, o que pressupõe ter algo por fazer.

Com esse estudo, percebeu-se também que pensar numa possível extinção da profissão de professor, por causa do advento das TIC, é altamente equivocado. Ao se comparar as principais funções do professor com as ações empreendedoras dos blogueiros, verificou-se que o professor pode e deve agir como propõe Hengemühle (2014). Os professores devem agir inovando, revolucionando e criando novas possibilidades para seus aprendentes, para que o processo ensino-aprendizagem saia da morosidade secular e se renove.

Se o papel do professor é promover mudanças no modo de pensar dos jovens, logo, esse profissional não deve pensar redutivamente em abandonar sua profissão. Pelo contrário, o professor deve ser visionário e vanguardista sempre, pois ele tem voz e lugar para isso, e agora está mais fácil, pois seu lugar é o mundo, e, por meio da *Blogosfera*, sua voz poderá chegar a todos na velocidade da *Internet*. Portanto, em certa medida melhorou.

Quanto a questões mais específicas sobre o conteúdo de Língua Portuguesa publicado pelos professores, percebeu-se que existem muitos problemas, como uma fragmentação excessiva desse conteúdo. Ainda é bastante caótico para os internautas. Outro item observado é a correção. Por se tratar de um espaço informal, o *blog* apresenta uma mistura de textos com variações linguísticas diferentes. A continuidade que o professor propõe na sala de aula física parece não existir no espaço virtual, e isso acontece por conta do fenômeno da hipermodernidade, que, por excelência é altamente fragmentária. Enfim, como foi dito em outro momento dessa pesquisa, apenas alguns aspectos foram considerados para estudar, pois há muitos outros. Quem desejar pesquisar na área das TIC na Educação, certamente encontrará um terreno fértil, pois tudo ainda é muito novo, mesmo tendo pesquisadores desde os anos 1990.

E, respondendo à pergunta de pesquisa, pode-se afirmar que, ao atuar *por meio de blogs*, alguns professores não se preparam o suficiente, pois há problemas de diversas ordens tanto em relação às propostas de ensino de linguagem quanto

em relação ao uso adequado dos hipertextos, dos critérios de usabilidade e dos critérios de interatividade. Os professores precisam desenvolver suas habilidades de comunicação em ambientes virtuais, para que possam atuar adequadamente na profissão. Ser mais ou menos não cabe nesse mundo altamente competitivo. É claro que essa resposta não desmerece aquelas habilidades e competências verificadas nos *blogs*. E isso mostra claramente que ainda há um longo caminho a ser percorrido pelos professores que querem atuar no mundo virtual.

Encerra-se esta Dissertação, esperando que esse estudo possa contribuir significativamente para a formação do professor que atuará nesse mundo hipermoderno. Não se trata de um estudo muito aprofundado, por conta de vários fatores já mencionados, porém acredita-se que, com o perfil traçado a partir do agir de professores em páginas da *web*, e com essa rápida proposta de traçar um perfil de professor blogueiro e empreendedor, já se tem um ganho para a área de formação de professores. Na epígrafe desse estudo, Weber (2008) afirma que o papel do professor tornou-se mais relevante diante das novas TIC. Para ela, “A ciência milenar deixou de ser obra terminada e dogmática para se abrir ao dinamismo de novos conhecimentos.”. (WEBER, 2008, p. 56).

Portanto, cabe ao professor, peça importante neste mundo de constantes mudanças, reger esse dinamismo, pois sempre se constituiu num profissional que estabelece comunicação no formato “de um para muitos”. O professor é por excelência um acumulador de experiências do velho e do novo, e agora não será diferente. No mundo hipermoderno, diversos fatores influenciarão nas novas mentalidades desses professores. Não são somente a linguagem, as ferramentas digitais, a *Internet* com seus *blogs* ou as novas formas de se relacionar na hipermodernidade que definirão o agir desses professores, mas sim a sua atuação frente ao processo ensino-aprendizagem. Cabe ao professor escolher empreender na sua formação continuada, para que possa agir como empreendedor, ou seja, como alguém que se atualize constantemente, investindo em sua carreira e atuando como agente hipermoderno. O professor hipermoderno deve ser visionário, deve olhar para trás como mestre e ensinar seus discípulos como agirem frente aos fatos do porvir. Logo, o professor hipermoderno com um perfil mais empreendedor (HENGEMÜHLE, 2014) deve “inovar, revolucionar, criar o que ainda não existe”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOEIRA, Adriana Ferreira; SOARES, Eliana M. do S.; RAMOS, Flávia Brocchetto. Blogs educativos: aprendizagem, comunicação e linguagem, 2009. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 34 n. 56, p. 157-183, jan.-jun., 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>> Acesso em: 02 Ago. 2014.
- BRASIL. MEC. SEF. *Referenciais para formação de professores*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 2002.
- BRASIL. MEC. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. O papel da educação na sociedade tecnológica. In: BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio (1ª parte)*. Brasília: MEC/Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999, p. 23-7.
- CODO, Wanderley. *O que é alienação*. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos, nº 141).
- HENGEMÜHLE, Adelar. *Desafios educacionais na formação de empreendedores*. Porto Alegre: Penso, 2014. pdf. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=7P04AgAAQBAJ&pg=PA3&lpg=PA3&dq=adelar+hengem%C3%BChle+empreendedor&source=bl&ots=Pj57-0lXdp&sig=AL2AG_A5KODnE_p6XGXG7Hq2w9o&hl=pt-BR&sa=X&ei=Vm2-VLDJF8KHsQS6qoLIDw&ved=0CDoQ6AEwATgK#v=twopage&q&f=true> Acesso em: 23 Nov. 2014.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. pdf. Disponível em: <<http://api.ning.com/files/dR26lCiX6Ej1UmSVtj1Qw9UvQlXgFXGXAUz9fUVc1ocygh1WdsB9w8lbuWbUDbnD73S07wODExavupVm5piQW20y8RQK2L7r/LevyCibercultura.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2014.
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Trad. MACHADO, Maria Lúcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Práticas de leitura de gêneros discursivos: a reportagem como proposta. In: PETRONI, Maria Rosa (Org.). *Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências em sala de aula*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 51-68.
- MARANGON, M. L. *Comunicação: uma via de mão dupla*, 2010. Disponível em: <<http://professoramarialucia.wordpress.com/tag/comunicacao/>> Acesso em: 14 Jul. 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos*. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NIELSEN, Jakob. *Usabilidade na web*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

OLIVEIRA, Carlos Alberto de. *Tecnologias de Informação e Comunicação e o ensino de línguas*. Serie Revista Virtual. Mogi das Cruzes-SP, 2010. Disponível em: <<http://www.professorcarlosoliveira.com/>> Acesso em: 10 Mar. 2014.

OLIVEIRA, Carlos Alberto de; GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha. *A referenciação, o hipertexto e a construção de sentidos*, 2010. In: Anais do III Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas (III CLAFPL) – 2010. Disponível em: <<http://www.professorcarlosoliveira.com/>> Acesso em: 15 Abr. 2014.

ORLANDI, Eni Pucinelli. P. *Discurso & Leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

O NOVO PROFESSOR: Profissional empreendedor, 2014. Disponível em: <<http://educacaoetudo.bligoo.com.br/o-novo-professor-profissional-empreendedor#.VMz2MizGtKp>> Acesso em: 05 Jan. 2015.

PERRENOUD, Philippe. *Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica*, 1999. Disponível em: <http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1999/1999_34.html> Acesso em: 10 Dez. 2015.

PONTE, João Pedro da. *As TIC no início da escolaridade: Perspectivas para a formação inicial de professores*, 2015. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/02-Ponte%20%28TIC-INAPOP%29.pdf>> Acesso em: 13 Jan. 2015.

SETZER, Valdemar W. *Dado, Informação, Conhecimento e Competência*, 1999, pdf. In: OLIVEIRA, Carlos Alberto de. *Tecnologias de Informação e Comunicação e o ensino de línguas*. Serie Revista Virtual. Mogi das Cruzes-SP, 2010. Disponível em: <<http://www.professorcarlosoliveira.com/MDV/BancoDados/Cursos/CursosUNITA U/NTIC/pages/dado-competencia.pdf>> Acesso em: 11 mar. 2014.

SILVA, Marco. *O Que É Interatividade*, 2014. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/242/boltec242d.htm>> Acesso em: 13 jul. 2014.

SILVA, Fernando Moreno da. *O leitor de blog: configurações modal e enunciativa*, 2009. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 34 n. 56, p. 184-197, jan.-jun. 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>> Acesso em: 05 Set. 2013.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. (Org.). *O ofício de professor: histórias, perspectivas e desafios internacionais*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

UYENO, Elzira Yoko. “Cibersujeitos e transferência: para além do sujeito fractal e da parrhesia na correspondência entre orientador e orientando”. In: CORACINI, Maria

José; UYENO, Elzira Yoko; MASCIA, Márcia A. Amador. (Org.). *Da letra ao pixel e do pixel à letra: uma análise discursiva do e sobre o virtual: identidade, leitura, escrita, formação de professores e ensino-aprendizagem de língua*. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 47 e 48.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. *Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Campinas, SP: (s.n.), 2002.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. *Retórica digital: a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador*. Recife: Pipa Comunicação, 2013. pdf Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CC0QFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.pipacomunica.com.br%2Fretorica-digital%2Febook-retorica-digital_Antonio-Carlos-Xavier.pdf&ei=TdKMU5KIO63UsASy_oHgBQ&usg=AFQjCNHop1R8iAvrgBxE7CJC2IDJPljwkg&bvm=bv.68191837,d.cWc> Acesso em: 02 Jun. 2014.

ZILBERMAN, Regina. A leitura no mundo digital, 2009. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 34 n. 56, p. 22-32, jan.-jun., 2009. pdf. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>> Acesso em: 05 Set. 2009.

Lista de blogs analisados:

<http://professoramarialucia.wordpress.com/>

<http://grazi-portugues.blogspot.com.br/>

<http://linguasecultura.wordpress.com/>

<http://lousavirtual.blogspot.com.br/>

<http://linguaportuguesa.blog.br/>

<http://fatimalp.blogspot.com.br/>

Lista de sites acessados:

<http://www.google.com.br/#q=blog+de+língua+portuguesa>

http://www.moodle.ufba.br/file.php/11601/Material_e-Proinfo_Modulo_II/011tcc3.pdf

http://www.nuted.ufrgs.br/objetos/2005/obj_blog/conceito.pdf

http://www.professorcarlosoliveira.com/MDV/BancoDados/Cursos/CursosUNITAU/NTIC/pages/Pagina5_4/index.html

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/papel-letras-interacao-social-432174.shtml>

http://1.bp.blogspot.com/_W05hydz3j_c/SfUHzG--rl/AAAAAAAAAXM/oO8-WjnrDgl/s400/linguas.gif

https://www.google.com/adsense/app?hl=pt-BR&subid=ww-pt_BR-et-nelson_adsense#payments3/h=BILLING_SUMMARY